



ESPACIOS DE PAZ

uma experiência na Venezuela

UFPB . CT . PPGAU

Cristina Leal Fernandes Vieira

Orientação

Marcio Cotrim Cunha

Fernando Luiz Camargos Lara

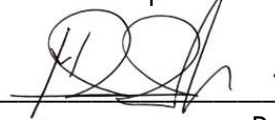
João Pessoa.2021

CRISTINA LEAL FERNANDES VIEIRA

ESPACIOS DE PAZ
uma experiência na Venezuela

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal da Paraíba para obtenção do
título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

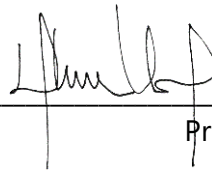
Área de concentração
Arquitetura e cidade: processo e produto



Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha
Orientador | UFPB . UFBA



Prof. Dr. Fernando Luiz Camargos Lara
Coorientador | UT Austin



Profª. Drª. Wylinna Carlos Lima Vidal
Examinador interno | UFPB



Profª. Drª. Naia Alban Suarez
Examinador externo | UFBA

João Pessoa | 27.maio.2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V658e Vieira, Cristina Leal Fernandes.
Espacios de Paz : uma experiência na Venezuela /
Cristina Leal Fernandes Vieira. - João Pessoa, 2021.
199 f. : il.

Orientação: Marcio Cotrim Cunha.
Coorientação: Fernando Luiz Camargos Lara.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT.

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Espacios de Paz -
Venezuela. 3. Coletivos de arquitetura. 4.
Participação. 5. Urbanismo tático. I. Cunha, Marcio
Cotrim. II. Lara, Fernando Luiz Camargos. III. Título.

UFPB/BC

CDU 72+711(043)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Deuzita e Bonfim, e minha irmã, Joedilia, pelo apoio incondicional.

Aos meus orientadores, Marcio Cotrim pela paciência em me guiar durante toda a pesquisa e Fernando Lara pelo incentivo desde o início.

Às professoras WylInna Vidal e Mariana Bonates pelos conselhos e palavras de carinho.

Às minhas amigas, Cinthya, Taciana e Elis por todas as alegrias e angustias que compartilhamos, Maria e Flávia pelas conversas e longas risadas.

RESUMO

Os *Espacios de Paz* são um conjunto de intervenções arquitetônicas implementadas pela *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e pelo *PICO Colectivo* em diversas cidades da Venezuela, nos anos de 2014 e 2015, com participação de coletivos de arquitetura, instituições governamentais e moradores das comunidades. Essa iniciativa surgiu nos primeiros anos do governo de Nicolás Maduro, um período de grave crise interna – política, econômica e social –, cujo resultado foi a construção de onze espaços públicos em comunidades venezuelanas, guiadas por uma série de diretrizes desenvolvidas pelos arquitetos do *PICO Colectivo*. Tendo em vista a experiência apresentada, esta dissertação trata criticamente do desenvolvimento e da materialização das diretrizes adotadas nos *Espacios de Paz*, sob o objetivo de identificar os princípios e estratégias que estruturam a experiência dos *Espacios de Paz* e de analisá-los à luz dos processos de construção das intervenções nas comunidades venezuelanas. Entendendo os *Espacios de Paz* como um processo que transcende as intervenções físicas, utilizou-se como guia da pesquisa uma abordagem metodológica dividida em três eixos: SURGIMENTO: relacionado ao contexto latino-americano e venezuelano; PENSAMENTO: referente às diretrizes, estruturadas por objetivos, princípios e estratégias; CONSTRUÇÃO: relativo ao processo de construção das intervenções. Partindo dos princípios e das estratégias, a atuação dos coletivos de arquitetura, a participação do usuário no processo de projeto e a prática do urbanismo tático foram definidos como os instrumentos conceituais que deram suporte teórico à análise das principais estratégias nos processos de construção. A reconstrução e análise dos onze processos de construção, divididos em cinco etapas, evidenciou, mesmo com alguns desvios, a coerência entre princípio, estratégia e construção nos *Espacios de Paz*. Pretende-se com esta pesquisa contribuir para a reflexão sobre processos de projeto participativo, fomentar uma discussão a respeito de intervenções urbanas coletivas e ampliar o campo disciplinar com estudos sobre práticas projetuais voltadas para a realidade local.

Palavras-chave: *Espacios de Paz*; Venezuela; Coletivos de arquitetura; Participação; Urbanismo tático

RESUMEN

Los Espacios de Paz son un conjunto de intervenciones arquitectónicas implementadas por la Fundación Movimiento por la Paz y la Vida y PICO Colectivo en varias ciudades de Venezuela, en los años 2014 y 2015, con la participación de colectivos de arquitectos, instituciones gubernamentales y vecinos de la comunidad. Esta iniciativa surgió en los primeros años del gobierno de Nicolás Maduro, un período de grave crisis interna – política, económica y social –, cuyo resultado fue la construcción de once espacios públicos en comunidades venezolanas, guiados por una serie de lineamientos desarrollados por los arquitectos de PICO Colectivo. Tiendo en vista de la experiencia presentada, esta disertación aborda críticamente el desarrollo y materialización de los lineamientos adoptados en los Espacios de Paz, con el objetivo de identificar los principios y estrategias que estructuran la experiencia de los Espacios de Paz y analizarlos a la luz de los procesos de construcción de intervenciones en comunidades venezolanas. Entendiendo los Espacios de Paz como un proceso que trasciende las intervenciones físicas, se utilizó como guía de investigación un enfoque metodológico dividido en tres ejes: SURGIMIENTO: relacionado con el contexto latinoamericano y venezolano; PENSAMIENTO: sobre los lineamientos, estructurados por objetivos, principios y estrategias; CONSTRUCCIÓN: relacionada con el proceso constructivo de las intervenciones. A partir de los principios y estrategias, se definió la actuación de los colectivos de arquitectura, la participación del usuario en el proceso de diseño y la práctica del urbanismo táctico como los instrumentos conceptuales para dar soporte teórico al análisis de las principales estrategias en los procesos constructivos. La reconstrucción y análisis de los once procesos constructivos, divididos en cinco etapas, mostró, incluso con algunas desviaciones, la coherencia entre principio, estrategia y construcción en los Espacios de Paz. Esta disertación se destina a contribuir para la reflexión sobre los procesos de diseño participativo, propiciar una discusión sobre intervenciones urbanas colectivas y ampliar el campo disciplinar con estudios sobre prácticas de diseño enfocadas en la realidad local.

Palabras-clave: Espacios de Paz; Venezuela; Colectivos de arquitectura; Participación; Urbanismo táctico

ABSTRACT

The Espacios de Paz are a set of architectural interventions implemented by the Fundación Movimiento por la Paz y la Vida and the PICO Colectivo in several cities in Venezuela, in 2014 and 2015, with the participation of architecture collectives, government institutions and community residents. This initiative emerged in the first years of the government of Nicolás Maduro, a period of serious internal crisis – political, economic and social –, which result was the construction of eleven public spaces in Venezuelan communities, guided by a set of guidelines developed by the architects of the PICO Colectivo. In view of the experience presented, this dissertation deals critically with the development and materialization of the guidelines adopted in the Espacios de Paz, aiming at identifying the principles and strategies that structure the experience of the Espacios de Paz and at analyzing them in the light of the construction processes of the interventions in Venezuelan communities. Understanding the Espacios de Paz as a process that transcends physical interventions, a methodological approach divided into three axes was used as a research guide: EMERGENCE: related to the Latin American and Venezuelan context; THINKING: regarding the guidelines, structured by objectives, principles and strategies; CONSTRUCTION: related to the construction process of the interventions. Starting from the principles and strategies, the performance of the architecture collectives, the user's participation in the design process and the practice of tactical urbanism were defined as the conceptual instruments to give theoretical support to the analysis of the main strategies in the construction processes. The reconstruction and analysis of the eleven construction processes, divided into five stages, showed, even with some deviations, the coherence between principle, strategy and construction in the Espacios de Paz. The aim of this research is to contribute to the reflection on participatory design processes, to foster a discussion about collective urban interventions and to expand the disciplinary field with studies on design practices focused on the local reality.

Key-words: Espacios de Paz; Venezuela; Architecture collectives; Participation; Tactical urbanism

LISTA DE FIGURAS

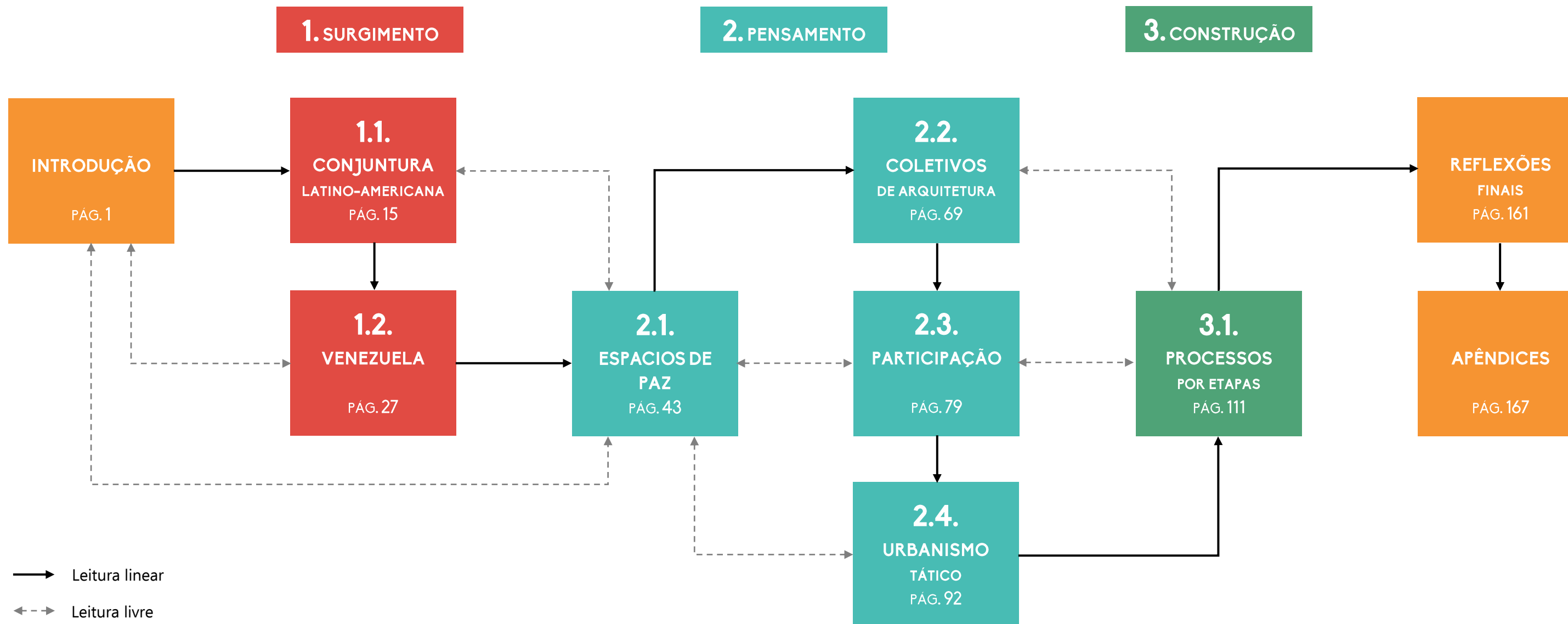
Figura 1_Abordagem metodológica	6
Figura 2_ <i>Espacios de Paz</i>	43
Figura 3_ <i>Fundación Movimiento por la Paz y la Vida</i>	44
Figura 4_ <i>PICO Colectivo</i>	45
Figura 5_Terrenos das intervenções	49
Figura 6_Oficinas edição 2014 e 2015	51
Figura 7_Coletivos de arquitetura mapeados por País	53
Figura 8_Comunidades mapeadas por Estado	55
Figura 9_Intervenções 2014.....	56
Figura 10_Intervenções 2014.....	57
Figura 11_Intervenções 2015.....	58
Figura 12_Intervenções 2015.....	59
Figura 13_Exposição <i>Fuerzas Urbanas</i>	63
Figura 14_ <i>La Cineteca</i>	64
Figura 15_Conexões entre princípios e estratégias.....	65
Figura 16_Cartografia conexões reais e virtuais.....	69
Figura 17_Parque-Biblioteca San Javier	72
Figura 18_Parque-Biblioteca San Cristóbal.....	72
Figura 19_Ginásio Chacao.....	73
Figura 20_Habitação incremental	74
Figura 21_Intervenções urbanas	75
Figura 22_El norte es el Sur	79
Figura 23_ <i>Conical Intersect</i>	81
Figura 24_ <i>Bosque de la Esperanza</i>	81
Figura 25_Comunidades.....	90
Figura 26_Espectro do Urbanismo Tático	95
Figura 27_ <i>Mapocho Pedaleable Chile</i>	97

Figura 28_ <i>Ciclovía Bogotana</i> Colômbia	97
Figura 29_ <i>Biblioteca Móvil A47</i> México	98
Figura 30_ <i>Plantón Móvil</i> Peru	98
Figura 31_ Linhas do tempo	105
Figura 32_ Atividades de preparação edição 2014	105
Figura 33_ Assembleias comunitárias	105
Figura 34_ Oficinas participativas	105
Figura 35_ Programas de necessidades	105
Figura 36_ Elaboração das propostas arquitetônicas	105
Figura 37_ Intervenções <i>La Pantalla</i> , <i>La Techada</i> e <i>Los Cerrajones</i>	105
Figura 38_ Ferramentas de desenho	105
Figura 39_ Materiais locais	105
Figura 40_ Sistemas construtivos	105
Figura 41_ Transporte de material	105
Figura 42_ Cozinha comunitária	105
Figura 43_ Cronogramas	105
Figura 44_ Limpeza e demolição	105
Figura 45_ Fabricação de peças	105
Figura 46_ Presença dos arquitetos na obra	105
Figura 47_ Inauguração <i>Espacios de Paz</i>	105
Figura 48_ Murais	105
Figura 49_ Eventos culturais e esportivos	105
Figura 50_ Oficinas infantis	105
Figura 51_ Intervenção <i>Barranca Blanca</i>	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1_Etapas de trabalho e Instrumentos de pesquisa	6
Quadro 2_Código das intervenções	7
Quadro 3_Governos de esquerda na América Latina (1998-2020)	19
Quadro 4_Crescimento do PIB per capita (linha superior) e Taxa de inflação (linha inferior).30	
Quadro 5_Taxa média de homicídios na Venezuela por 100.000 habitantes.....	31
Quadro 6_Instituições governamentais.....	62
Quadro 7_Princípios e estratégias	67
Quadro 8_Características dos coletivos de arquitetura	75
Quadro 9_Modelo quadro-perfil.....	76
Quadro 10_Escada de Participação Cidadã	85
Quadro 11_Característica da participação	86
Quadro 12_Comunidades	87
Quadro 13_Características do urbanismo tático	100
Quadro 14_Intervenções	104

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO

O desembocar nessa dissertação começa bem antes da aprovação no Programa de Pós-Graduação da UFPB, a jornada se inicia um ano após a formatura, ao longo de uma intensa aventura na Cidade de Pedra, a bela São Paulo. Os primeiros anos de um arquiteto recém-formado são cheios de dúvidas, inquietações e incertezas e foi nesse momento turbulento que surgiu o interesse pela pesquisa: O que os arquitetos latino-americanos estão projetando? Como eles estão enfrentando os problemas sociais e urbanos das grandes cidades latino-americanas nesse novo século? A partir desses questionamentos, vagos e imprecisos, iniciou-se uma pesquisa sobre a arquitetura contemporânea produzida nos países latino-americanos, revisar as anotações realizadas durante as três edições do Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos (FJAL) foi o primeiro passo.

As três edições do FJAL (2011, 2013 e 2015), realizadas em Fortaleza/CE, foram organizadas por três jovens arquitetos com o objetivo de aproximar os arquitetos latino-americanos através da troca de experiência e do conhecimento adquirido na prática de projeto. De acordo com o arquiteto Roberto Castelo, “a iniciativa do encontro impunha a troca de experiências exitosas e mais próximas possível da realidade local” (CASTELO, 2013, p. 52), abarcando diversas soluções projetuais para problemas semelhantes aos vividos na capital cearense. Arquitetos de vários países – Equador, Chile, Colômbia, Venezuela, México – e estados brasileiros – São Paulo, Paraíba, Salvador, Minas Gerais, dentre outros – apresentaram seus projetos e suas ideias em um ambiente de conversa e amizade. Dentro desse universo de experiências latino-americanas destacaram-se as intervenções ligadas aos *Espacios de Paz*, que se tornou objeto de estudo¹ desta pesquisa.

Os *Espacios de Paz* são um conjunto de intervenções arquitetônicas realizadas em espaços públicos de comunidades com alta vulnerabilidade social em diferentes cidades da Venezuela. Idealizado, organizado e conduzido pela *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e pelos arquitetos do *PICO Colectivo*, tal projeto resultou na construção participativa de onze *Espacios de Paz*, nos anos de 2014 e 2015. De acordo com Castillo (2015), as diretrizes foram pensadas e desenhadas pelo *PICO Colectivo*

¹ Sendo o programa *Espacios de Paz* entendido como Objeto Teórico e suas onze intervenções, o Objeto Empírico.

para viabilizar a construção de intervenções de pequena escala com tempo e recursos limitados em que a comunidade tivesse envolvimento efetivo em todo o processo. Cada intervenção contou com a colaboração e participação de coletivos de arquitetura nacionais e estrangeiros, instituições governamentais, voluntários e moradores das comunidades (PORTFOLIO, 2014).

No contexto da virada do século XX para o século XXI, a América Latina foi marcada por profundas mudanças no cenário político e socioeconômico na maioria de seus países. A ascensão de governos de esquerda nos anos 2000, conhecido como giro à esquerda, precedida pelo processo de redemocratização e pela governança neoliberal, representou para a América Latina um momento de abertura à participação cívica com a criação e expansão de diferentes instrumentos e processos participativos (FEDOZZI; CORRADI; RANGEL, 2016). A Venezuela insere-se nesse cenário como um dos países que desenvolveu novos instrumentos participativos, no âmbito social e político, durante o governo de Hugo Chávez (LANDER, 2007).

No âmbito social, foram criadas as Missões Sociais para combater a pobreza através da inclusão social, da participação da população e do fortalecimento das associações comunitárias (LANDER, 2007). No âmbito político, criou-se os Conselhos Comunais que funcionavam como instâncias de participação, articulação e integração entre os cidadãos e as organizações comunitárias responsáveis pela gestão direta das políticas públicas e projetos em nível local (GOLDFRANK, 2011). Outros instrumentos participativos utilizados durante o governo de Chávez foram o plebiscito e o referendo.

Com o falecimento de Chávez e o início do governo Maduro houve um período de grave crise interna na Venezuela, com uma intensa polarização política e uma grave instabilidade econômica que afetou drasticamente a sociedade, desencadeando uma crise social alarmante, com escassez de produtos básicos e aumento da violência (ROMERO, 2015; BASTOS; OBREGÓN, 2018). Nesse cenário, Nicolás Maduro buscou fortalecer seu governo através de ações que ampliavam as políticas sociais, como a criação, em 2013, da *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* responsável pelo desenvolvimento e implementação dos *Espacios de Paz* nos dois anos seguintes.

Destarte, a presente dissertação analisa as onze intervenções arquitetônicas realizadas pelos *Espacios de Paz* na Venezuela, nos anos de 2014 e 2015. Busca-se como objetivo geral identificar os princípios e estratégias que estruturam a experiência dos *Espacios de Paz* e analisá-los à luz dos processos de construção das intervenções nas comunidades venezuelanas². Pretende-se, com esta pesquisa, contribuir para a reflexão sobre os processos de projeto participativo e fomentar uma discussão a respeito de intervenções urbanas coletivas. A pesquisa volta-se principalmente aos profissionais e estudantes de arquitetura e urbanismo, seja aos que atuam na área acadêmica seja aos que trabalham em escritório, como também aos órgãos públicos, instituições governamentais e não-governamentais, movimentos sociais e associações de moradores que operam ações participativas.

Tendo as diretrizes dos *Espacios de Paz* como foco principal da pesquisa, entendidas aqui como seus princípios e suas estratégias, os instrumentos conceituais que dão aporte teórico à análise foram definidos a partir de um primeiro olhar sobre o objeto de estudo, em que três temas se destacaram: os coletivos de arquitetura, a participação do usuário e a utilização do urbanismo tático. Os coletivos de arquitetura são formados por profissionais que buscam através de seus projetos propor uma nova perspectiva arquitetônica voltada para as questões sociais, coletivas e locais. A participação do usuário no processo de projeto se apresenta não apenas como a inclusão do usuário na elaboração do projeto, mas também na postura dos arquitetos ao longo do processo. O urbanismo tático é uma prática de intervenção urbana temporária realizada em pequena escala que atua de baixo para cima, tendo como foco as necessidades coletivas no âmbito local.

A abordagem metodológica da pesquisa partiu da compreensão dos *Espacios de Paz* como resultado de um processo que não se restringe às suas intervenções físicas, mas que abrange questões mais amplas e complexas, como o contexto político, a atuação dos arquitetos, a abordagem projetual e as ferramentas de construção. Para tanto, a análise dos *Espacios de Paz* foi realizada a partir de três

² Não faz parte do objetivo desta pesquisa analisar a repercussão das intervenções realizadas pelos *Espacios de Paz* após o processo de construção, limitando-se, portanto, ao entendimento teórico da experiência e seu desenvolvimento durante as semanas de construção.

eixos (Figura 1): **SURGIMENTO**: relacionado ao contexto local latino-americano e venezuelano; **PENSAMENTO**: referente às diretrizes por trás das intervenções, estruturadas por objetivos, princípios e estratégias; e **CONSTRUÇÃO**: relativo ao processo de construção das intervenções, ou seja, a materialização dos espaços. Seguindo a abordagem metodológica, de modo a atingir o objetivo proposto, a pesquisa se desenvolveu em cinco etapas de trabalho (Quadro 1) que aconteceram sempre de maneira cíclica, sendo constantemente revisadas e retroalimentadas.



Figura 1_Abordagem metodológica
Elaborado pela autora

ETAPA	INSTRUMENTO
Delimitação e entendimento do contexto local América Latina e Venezuela	Pesquisa bibliográfica em livros e artigos publicados em eventos e revistas
Definição e conhecimento do objeto de estudo <i>Espacios de Paz</i>	Pesquisa documental em revistas e no Portfólio <i>Espacios de Paz</i> 2014 Entrevista estruturada com arquitetos
Investigação sobre os instrumentos conceituais Coletivos de arquitetura; Participação do usuário; e Urbanismo tático	Pesquisa bibliográfica em livros, dissertações, teses e artigos publicados em eventos e revistas
Definição dos princípios e das estratégias	Pesquisa documental em revistas e no Portfólio <i>Espacios de Paz</i> 2014 Entrevista estruturada com arquitetos
Análise do processo de construção das onze intervenções	Pesquisa documental em revistas, no Portfólio <i>Espacios de Paz</i> 2014, sites e redes sociais Entrevista estruturada com arquitetos

Quadro 1_Etapas de trabalho e Instrumentos de pesquisa
Elaborado pela autora

A entrevista estruturada foi um importante instrumento da pesquisa, pois a conversa direta com alguns arquitetos ajudou a entender a dinâmica dos *Espacios de Paz* e possibilitou a coleta de materiais utilizados durante o processo de construção das intervenções. Foram entrevistados 2 arquitetos que faziam parte do *PICO Coletivo*, à época, e que contribuíram para a formulação das diretrizes dos *Espacios de Paz*, e 31 arquitetos que estiveram envolvidos diretamente no processo de construção das intervenções, sendo 16 venezuelanos e 15 estrangeiros, totalizando 33 entrevistados. O roteiro das entrevistas estruturadas foi elaborado seguindo a abordagem metodológica da pesquisa com perguntas voltadas para cada eixo, surgimento, pensamento e construção, sendo acrescido um conjunto de perguntas a respeito das impressões profissionais e pessoais dos entrevistados.

Foram elaborados 4 roteiros voltados para³: 1) os arquitetos do *PICO Coletivo*; 2) os arquitetos dos coletivos convidados; 3) os produtores de algumas instituições governamentais; e 4) os moradores das comunidades ou líderes comunitários. No entanto, apenas os roteiros 1 e 2 foram incorporados na pesquisa, visto que duas entrevistas realizadas com um produtor e uma líder comunitária não puderam ser incorporadas, por falta de autorização dos entrevistados. Por se tratar de uma experiência governamental e a pedido de alguns entrevistados, decidiu-se manter o anonimato dos arquitetos e representá-los por códigos que se referem à intervenção em que participaram. (Quadro 2)

O trabalho resultante está estruturado em blocos que constroem a pesquisa, assim como os blocos de construção que postos em conjunto constituem o objeto arquitetônico.

CÓDIGO	INTERVENÇÃO	ANO
LR	Las 3 Marías	2014
LJ	La Y 5 de Julio	2014
CC	Capitán Chico	2014
LM	Los Mangos	2014
SB	Shabono	2014
MD	Mirador 70	2015
VP	Valle del Pino	2015
LP	La Pantalla	2015
LT	La Techada	2015
LC	Los Cerrajones	2015
BB	Barranca Blanca	2015

Quadro 2_ Código das intervenções
Elaborado pela autora

³ Os roteiros 1 e 2 encontram-se no bloco APÊNDICES (p. 167).

Cada bloco representa uma peça importante para o entendimento dos *Espacios de Paz*, objetivo central desta dissertação. A ideia de organizar o trabalho em blocos é, também, proporcionar uma leitura dinâmica e livre, de modo que cada bloco foi pensado para ser lido individualmente, incluindo as referências ao final de cada um. Deste modo, o caderno físico foi organizado em 5 volumes encadernados separadamente para facilitar a leitura individual: um contendo os elementos pré-textuais e a introdução; três referente a cada eixo da pesquisa (surgimento, pensamento e construção); e outro com as reflexões finais e apêndice. Já no caderno digital em PDF foram inseridos hiperlinks no sumário para que o leitor possa navegar facilmente dentro do arquivo.

No bloco – INTRODUÇÃO – é apresentado o objeto de estudo, inserindo-o em seu contexto local, e os instrumentos conceituais que foram utilizados como referencial teórico, além do objetivo geral, a abordagem metodológica e a estrutura da dissertação.

Dentro do eixo sobre o SURGIMENTO (p. 13), têm-se dois blocos. O primeiro – CONJUNTURA LATINO-AMERICANA – trata do contexto latino-americano na virada do século XX-XXI, centrando-se no aparecimento de novos instrumentos de participação política após a ascensão de partidos de esquerda na maioria dos países da América Latina. O segundo – VENEZUELA – apresenta a trajetória do governo de Hugo Chávez, mantendo o foco nas propostas participativas desenvolvidas no período, como as Missões Sociais e os Conselhos Comunais, chegando aos primeiros anos do governo de Nicolás Maduro, quando surgem os *Espacios de Paz* (2014).

Entrando no eixo sobre o PENSAMENTO (p. 41), têm-se quatro blocos. O primeiro – *ESPACIOS DE PAZ* – inicia a análise das diretrizes, apresentando os atores envolvidos, as motivações e os objetivos do programa, além de identificar os princípios e as estratégias e discutir como eles se relacionam. Os três blocos seguintes representam os instrumentos conceituais das três principais estratégias identificadas. O bloco – COLETIVOS DE ARQUITETURA – aborda a atuação dos coletivos de arquitetura na América Latina, destacando suas principais características e, ao final, são apresentados os coletivos de arquitetura, nacionais e estrangeiros, que participaram dos *Espacios de Paz*. O bloco

– PARTICIPAÇÃO – discute o termo em três âmbitos, Teoria, Projeto e Planejamento, a fim de ampliar seu entendimento e destacar suas características, por fim, apresenta-se as comunidades dos *Espacios de Paz*, principais atores do processo participativo. O bloco – URBANISMO TÁTICO – discorre sobre o conceito do Urbanismo Tático sob a ótica de Mike Lydon, desenvolvido a partir da publicação do livro *Tactical Urbanism: short term action, long term change* em 2011, destacando suas principais características e, por fim, são apresentadas as onze intervenções dos *Espacios de Paz*.

No eixo sobre a CONSTRUÇÃO (p. 109), tem-se um bloco único – PROCESSOS POR ETAPAS – que discorre sobre as etapas do processo de construção das onze intervenções, sendo elas preparação, projeto, execução, socialização e ocupação, e analisa os princípios e as estratégias dentro desses processos, tendo como base a visão dos arquitetos por meio das entrevistas estruturadas e o material coletado na pesquisa documental, a saber fotografias, vídeos, desenhos e documentos. Ao final, destaca-se os aspectos mais relevantes sobre a materialização dos princípios e das estratégias nos onze processos de construção e como eles se aproximam ou se afastam das diretrizes propostas.

Finalmente, no bloco – REFLEXÕES FINAIS – são apresentadas as reflexões gerais sobre o objeto de estudo, as contribuições da pesquisa, os limites da pesquisa e seus desdobramentos futuros. O bloco – APÊNDICES – traz o roteiro das duas entrevistas realizadas com os arquitetos, o quadro-perfil dos coletivos de arquitetura e a ficha técnica das intervenções.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Juliana P. B.; OBREGÓN, Marcelo F. Q.. **Venezuela em crise: o que mudou com Maduro?** *Derecho y Cambio Social*, Lima, ano 15, n. 52, p. 1-16, abr. 2018.
- CASTELO, Roberto Martins. **A guisa da apresentação.** In: BRAGA, Bruno M.; RIBEIRO, Igor L.; LIMA, Lara S. (Org.). *FJAL: Inserções numa realidade periférica*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 49-61.
- CASTILLO, Juan Carlos. **Poder para as pessoas.** *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 64-66, ago. 2015. Entrevista concedida a Mariana Siqueira.
- FEDOZZI, Luciano Joel; CORRADI, Rodrigo de S.; RANGEL, Rodrigo R. (Org.). **Democracia participativa na América Latina: casos e contribuições para o debate.** Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2016.
- GOLDFRANK, Benjamin. **Los Consejos Comunales: ¿Avance o retroceso para la democracia venezolana?** *Íconos - Revista de Ciencias Sociales*, Quito, n. 39, p. 41-55, may. 2011.
- LANDER, Edgardo. **El Estado y las tensiones de la participación popular en Venezuela.** *OSAL*, Buenos Aires, ano VIII, n. 22, p. 65-86, sep. 2007.
- PORTFOLIO. **Espacios de Paz 2014 Venezuela.** Caracas: Comisión Presidencial del Movimiento por la Paz y la Vida e PICO Estudio, 2014.
- ROMERO, Carlos Antonio. **Crisis política y transiciones em Venezuela.** *Cadernos PROLAM/USP*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 64-87, 2015.

1.

SURGIMENTO

1.1. CONJUNTURA LATINO-AMERICANA

O final do século XX e início do século XXI foi marcado por profundas transformações políticas e socioeconômicas em diversos países da América Latina⁴. Embora cada país possua suas particularidades, é possível perceber essas transformações a partir de três momentos: o processo de redemocratização nos anos 1980; a governança neoliberal nos anos 1990; e a ascensão de governos de esquerda nos anos 2000 (FEDOZZI; CORRADI; RANGEL, 2016). Destarte, este bloco – CONJUNTURA LATINO-AMERICANA – tem como foco o desenvolvimento dos processos participativos, principalmente no terceiro momento. Busca-se, com isso, compreender o contexto de surgimento dos *Espacios de Paz* desde uma perspectiva latino-americana.

O processo de redemocratização, entendido como a transição de governos autoritários para regimes democráticos, teve início em nove países latino-americanos ao longo da década de 1980: Peru, em 1980; Argentina, em 1983; Uruguai, em 1984; Brasil, Bolívia e Nicarágua, em 1985; Suriname, em 1988; Panamá e Paraguai, em 1989. O Chile, o Haiti e a Guatemala iniciaram esse processo nos anos seguintes, 1990, 1994 e 1996, respectivamente. Nesse mesmo período, a América Latina vivenciava uma das piores crises de sua história – estagnação econômica, altas taxas de inflação e queda do Produto Interno Bruto (PIB) – que atingia a maioria dos países, em maior ou menor intensidade (BRESSER-PEREIRA, 1991).

De acordo com Bresser-Pereira (1991), essa crise latino-americana pode ser entendida a partir do conceito de “crise fiscal do Estado”, desenvolvido originalmente por O’Connor (1973), que relaciona a crise com a “impossibilidade e incapacidade do Estado de atender às crescentes demandas dos diversos setores da economia”. Bresser-Pereira (1991) destaca cinco pontos de partida para o entendimento da “crise fiscal do Estado” na América Latina: 1) o déficit público; 2) a poupança pública

⁴ Na presente pesquisa, a América Latina é entendida, enquanto construção cultural, como um horizonte de pesquisa que vai além de seus limites físicos e geográficos e que permite reflexões a partir de suas características próprias. (AL ASSAL, 2018)

pequena ou inexistente; 3) a alta dívida pública externa e interna; 4) a falta de crédito do Estado; e 5) a falta de credibilidade dos governos (BRESSER-PEREIRA, 1991, p. 9).

A governança neoliberal foi adotada por muitos países latino-americanos como saída para a crise citada acima, principalmente após o Consenso de Washington⁵ (1989), que segundo Bresser-Pereira (1991), exerceu “poderosa influência sobre os governos e as elites da América Latina”. Divergindo da “crise fiscal do Estado”, a abordagem de Washington desconsiderava as dívidas públicas e partia apenas de duas causas para a crise latino-americana: o excessivo crescimento do Estado; e o populismo econômico (BRESSER-PEREIRA, 1991, p. 6). Com base nessa abordagem, o resultado do Consenso foi a elaboração de estratégias que convergiam para dois caminhos como saída para crise: 1) a redução do Estado e do conceito de Nação; e 2) a abertura à importação e entrada de capitais de risco, o que retificava a proposta neoliberal pregada pelos Estados Unidos (BATISTA, 1994).

Nesse cenário de restauração democrática neoliberal e reforma da administração pública, já é possível identificar a preocupação de alguns governos com a construção da participação social (“cidadã, popular, democrática e comunitária”) e o desenvolvimento de processos que coloquem em prática a inclusão dos cidadãos nas decisões de âmbito local (MILANI, 2008, p. 554). De acordo com Milani (2008), a consulta pública a diferentes atores, como a população geral, as associações, os sindicatos, os segmentos empresariais e as Organizações Não-Governamentais (ONG’s), foi o instrumento de participação mais adotado nesse período para a elaboração de políticas públicas e de projetos de desenvolvimento em nível local.

As experiências de participação social na América Latina, por iniciativa por Poder Público, começam a aparecer: no Brasil, com os Conselhos Nacionais de Políticas Públicas de 1988, o Orçamento

⁵ Consenso de Washington foi o nome dado, de maneira informal, às conclusões da reunião convocada pelo *Intitute for International Economics* sob o título de “Latin American Adjustment: How Much Has Happened?” que aconteceu em 1989 na capital dos Estados Unidos. A reunião contou com a participação de funcionários do governo norte-americano, do Banco Mundial (BIRD), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) especializados em assuntos latino-americanos e de economistas latino-americanos com o objetivo de avaliar as reformas econômicas empreendidas nos países da região e propor estratégias de superação para a crise (BATISTA, 1994).

Participativo de 1989 e o Planejamento Urbano de 1993; na Argentina com o Planejamento Estratégico de 1990; e na Bolívia com a Lei de Participação Popular de 1994. No caso do Brasil, o princípio participativo foi um componente central no processo de redemocratização do país, sendo incorporado em diversos artigos da Constituição de 1988: o artigo 29 que trata da “participação popular nas decisões sobre políticas públicas”; e os artigos 194, 198, 204, 206 e 227 que preveem a “participação direta da população na gestão administrativa da saúde, previdência, assistência social, educação e criança e adolescente” (MILANI, 2008, p. 561).

O Orçamento Participativo (OP) implantado inicialmente na cidade de Porto Alegre, em 1989, representa um salto na questão da participação social, pois abre espaço para a intervenção popular sobre o orçamento público, importante mecanismo da gestão do Estado, mesmo que a nível municipal (FEDOZZI; LIMA, 2016). O principal objetivo desse instrumento é organizar a gestão conjunta dos recursos públicos por meio de “decisões compartilhadas sobre a distribuição dos fundos orçamentais e de responsabilização governativa no que respeita à efetiva implementação dessas decisões” (SANTOS, 2002, p. 29). Para isso, o OP é organizado a partir de três princípios básicos:

- a) Todos os cidadãos têm o direito de participar, sendo que as organizações comunitárias não detêm, a este respeito, formalmente, pelo menos, um estatuto ou prerrogativa especiais;
- b) A participação é dirigida por uma combinação de regras de democracia directa e de democracia representativa, e realiza-se através de instituições de funcionamento regular cujo regimento interno é determinado pelos participantes;
- c) Os recursos de investimento são distribuídos de acordo com um método objectivo baseado numa combinação de <critérios gerais> - critérios substantivos, estabelecidos pelas instituições participativas com vista a definir prioridades - e de <critérios técnicos> - critérios de viabilidade técnica ou económica, definidos pelo Executivo, e normas jurídicas federais, estaduais ou da própria cidade, cuja implementação cabe ao Executivo. (SANTOS, 2002, p. 25-26)

A estrutura institucional básica do OP é composta por três tipos de instituições: as unidades administrativas do Executivo Municipal, que funcionam como mediadoras entre o governo e os dirigentes comunitários e suas associações; as organizações comunitárias, que mediam a participação dos cidadãos e a escolha das prioridades; e as instituições de participação comunitária, que estabelece a mediação e interação permanente entre as duas primeiras (SANTOS, 2002). No processo de surgimento e expansão dos OP's é possível identificar três fases: a primeira de "construção e consolidação" durante o processo de redemocratização no Brasil; a segunda de "expansão" pelos municípios em território nacional, chegando a 140 OP's em 2000; e a terceira de "mundialização", que acontece na virada do século, em um primeiro momento na América Latina, que será apresentado adiante, e posteriormente nos outros continentes, adequando-se às particularidades de cada região (FEDOZZI; LIMA, 2016, p. 127).

A ascensão de governos de esquerda⁶, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, é considerado um fenômeno sem precedentes, visto que nunca antes na história da América Latina tantos países haviam estado sob governos nacionais associados à esquerda política no mesmo período. Como se pode observar no quadro ao lado (Quadro 2), a partir de 2009, com a chegada de Mauricio Funes à presidência em El Salvador, quase dois terços dos latino-americanos estavam sob governo de esquerda (LEVITSKY; ROBERTS, 2011). Esse período ficou conhecido e se consolidou na literatura como o giro à esquerda na América Latina (STOESSEL, 2014).

Esse giro não pode ser entendido como um movimento uniforme e sistemático, pois haviam muitas variações entre os novos governos (LEVITSKY; ROBERTS, 2011). Em 2006, o mexicano Jorge Castañeda propôs uma classificação dual para as esquerdas desse período: uma "moderna, reformista e internacionalista", que não rompe drasticamente com as políticas anteriores e se apropria da democracia para atingir seus objetivos (Chile, Brasil e Uruguai); e a outra "populista, estridente e nacionalista", que propõe um rompimento com os governos anteriores a partir de uma

⁶ Entende-se por governo de esquerda, nesse contexto, aquele que busca como prioridade a redução das desigualdades sociais e econômicas, colocando-a no topo de sua agenda programática. (LEVITSKY; ROBERTS, 2011)

postura mais radical (Argentina, Bolívia, Venezuela e Equador) (CASTAÑEDA, 2006, p. 29). A classificação proposta por Castañeda foi muito reproduzida na literatura, mas também muito questionada e revisada por conta de seu caráter pouco analítico e explicativo (STOESSEL, 2014).

PAÍS	PARTIDO	PRESIDENTE	ELEIÇÃO	FIM
Venezuela	Movimento Quinta República (MVR) Partido Socialista Unido da Venezuela	Hugo Chávez	1998, 2000, 2006	
		Nicolás Maduro	2013, 2017	
Chile	Partido Socialista Chileno (PSCh)	Ricardo Lagos	2000	2010
		Michelle Bachelet	2006	
Brasil	Partido dos Trabalhadores (PT)	Lula	2003, 2006	2016
		Dilma Rousseff	2010, 2014	
Argentina	Partido Justicialista (PJ)	Néstor Kirchner	2003	2015
		Cristina Kirchner	2007, 2011	
Uruguai	Frente Ampla (FA)	Tabaré Vázquez	2005, 2015	2020
		Pepe Mujica	2010	
Bolívia	Movimento ao Socialismo (MAS)	Evo Morales	2005, 2009, 2014	2019
Nicarágua	Frente Sandista de Libertação Nacional (FSLN)	Daniel Ortega	2006	
Equador	Aliança País	Rafael Correa	2007	
		Lenin Moreno	2017	
Paraguai	Aliança Patriótica pela Mudança	Fernando Lugo	2008	2012
El Salvador	Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN)	Mauricio Funes	2009	2019
		Salvador Sánchez	2014	

Quadro 3_Governos de esquerda na América Latina (1998-2020)

LEVITSKY; ROBERTS, 2011, p. 2; complementado pela autora

Em 2011, Steven Levitsky e Kenneth M. Roberts propõem uma classificação menos normativa, que parte do cruzamento entre duas dimensões: o nível de institucionalização, que se refere às organizações partidárias estabelecidas e aos novos partidos e movimentos; e o lócus da autoridade política, que se refere a concentração ou dispersão do poder. A partir dessas dimensões os autores identificaram quatro tipologias: a esquerda partidária institucionalizada (Chile, Brasil e Uruguai), a máquina populista (Argentina, Peru e Nicarágua), o movimento esquerdo (Bolívia) e a esquerda populista (Venezuela, Equador e Paraguai) (LEVITSKY; ROBERTS, 2011). Considera-se a leitura de Levitsky e Roberts (2011) mais adequada e coerente com as especificidades de cada governo, portanto toma-se esta como referência.

Autores como Benjamin Goldfrank identificam o início, ou primeiro estágio, do giro à esquerda nos anos 1990 com a vitória de representantes da esquerda em nível local, todavia é de consenso que esse fenômeno atinge maior proporção, chegando ao nível nacional, a partir da vitória de Hugo Chávez na Venezuela em 1998 (AMORIM, 2015). A eleição de Chávez foi precedida por momentos de conflito durante o governo de Carlos Andrés Pérez (1989-93) – o *Caracazo*, em 1989, manifestação popular contra o programa de ajuste econômico e a *Operação Ezequiel Zamora*, em 1992, levante militar organizado por Hugo Chávez na tentativa fracassada de destituir Pérez –, levando-o a assumir o poder seis anos depois por vias democráticas, com 56,2% dos votos (PEREIRA, 2013).

Segundo Levitsky e Roberts (2011), o ressurgimento da esquerda no cenário latino-americano pode ser entendido a partir de alguns fatores estruturais de longo prazo, que não causaram, mas facilitaram o giro, e fatores contingentes de curto prazo, que desencadearam as vitórias da esquerda. Para os autores, os fatores estruturais se referem às desigualdades sociais e econômicas agravadas nos governos neoliberais, criando um eleitorado potente às políticas redistributivas propostas pela esquerda, e à institucionalização da competição eleitoral proporcionada pela estabilidade democrática. Já os fatores contingentes estão relacionados com as condições macroeconômicas vinculadas, principalmente, a crise de 1998-2002, quando a maioria dos países tem sua economia

estagnada ou decrescente, o que beneficiou a esquerda com o desgaste dos governos neoliberais e o enfraquecimento do apoio público ao Consenso de Washington (LEVITSKY; ROBERTS, 2011).

Além desses, Levitsky e Roberts (2011) salientam um importante acontecimento internacional que contribuiu para a continuidade dos governos de esquerda ao longo da década, o boom das *commodities* pós-2002. O aumento do preço de exportação das *commodities* elevou as taxas de crescimento econômico na América Latina a uma média de 5,5% ao ano e reduziu a dependência às instituições financeiras internacionais, beneficiando os governos de esquerda de duas maneiras: por um lado, dando credibilidade e permitindo a reeleição de muitos governantes; e, por outro, concedendo a possibilidade de governar a esquerda, abrindo espaço político para a participação cidadã e criando políticas públicas voltadas para os grupos populares (LEVITSKY; ROBERTS, 2011).

A governança de esquerda em conjunto com a estabilidade política e o crescimento econômico, característicos do pós-giro, proporcionou aos países latino-americanos a oportunidade de realizar experimentações políticas, nas quais “os governos expandiram seus papéis de desenvolvimento, redistribuição e bem-estar social” (LEVITSKY; ROBERTS, 2011, p. 2). Dentre as experimentações, destaca-se a criação de novos instrumentos participativos, como os Conselhos Comunais⁷ (2005) na Venezuela e a Governança Solidária Local (2005) no Brasil; a expansão do Orçamento Participativo entre os países latino-americanos; e a maior utilização de instrumentos tradicionais de participação direta, como o plebiscito, o referendo e a iniciativa popular, por exemplo (AMORIM, 2015; FEDOZZI; CORRADI; RANGEL, 2016).

A Governança Solidária Local (GSL) surgiu em 2005, na cidade de Porto Alegre, com o objetivo de fortalecer e ampliar o Orçamento Participativo (OP), que vinha enfrentando problemas estruturais, e de ampliar a participação de atores, que normalmente não participavam dos OP's, como a classe baixa, as classes médias e os empresários. Segundo Busatto e Dillenburg (2016), a GSL foi implantada nas 17 regiões administrativas da cidade, estreitando as relações entre o governo e a sociedade

⁷ Os Conselhos Comunais são abordados com mais detalhe no bloco VENEZUELA (p. 27).

através do diálogo, do respeito às diferenças e do exercício da solidariedade. Para além da esfera local, a GSL buscava estreitar relações com instituições internacionais, firmando parceria com a UNESCO, sediando a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades, em 2008, e participando da Expo Xangai em 2010 (BUSATTO; DILLENBURG, 2016).

De acordo com Goldfrank (2016), a expansão do Orçamento Participativo (OP) ganha relevo na virada do século através de vias externas, em que instituições internacionais incentivavam a participação do cidadão nas decisões de orçamento local, e de vias internas, em que partidos e organizações inspirados em outros OP's implementam em suas jurisdições. Na América Latina, a adesão ao OP não se restringiu aos países sob liderança nacional de esquerda, como Venezuela, Bolívia, Nicarágua, Argentina, Uruguai e Chile, mas também foi adotado na Guatemala, no Peru e na República Dominicana. Em cada cidade ou país o OP passou por adaptações e adquiriu particularidades, obtendo maior ou menor sucesso (GOLDFRANK, 2016).

No Uruguai, o OP foi implantado na capital Montevideo e teve como pauta principal a coleta de resíduos. Na Venezuela, Bolívia, Nicarágua, Guatemala e Peru, os OP's não obtiveram muitos efeitos, assim como na República Dominicana, com adesão de apenas 20% dos municípios. Na Argentina, por exemplo, o OP foi implementado na cidade de Rosário, onde obteve bons resultados, promovendo a inclusão e uma distribuição mais equilibrada dos projetos públicos, e na capital Buenos Aires, onde as diferenças entre as coalisões políticas internas prevaleceram, o OP não prosperou. No Chile, os resultados são inconsistentes, das 30 iniciativas apenas 6 se mantiveram durante as gestões governamentais (GOLDFRANK, 2016).

Para além dos instrumentos participativos, as experiências políticas aparecem também na dimensão do Estado, com base em seu reposicionamento frente ao sistema social, como agente de coordenação e determinação da agenda pública (STOESSEL, 2014). A recuperação da capacidade do Estado, a partir das diferentes agendas adotadas pelos governos de esquerda latino-americanos, é pautada pelo compromisso com a igualdade, a justiça social, a redistribuição da riqueza, a inclusão social e a construção de um modelo de crescimento mais equitativo (LEVITSKY; ROBERTS, 2011).

Nesse sentido, os Estados tomaram uma série de medidas, visando o fortalecimento da produção interna, o controle dos mercados e capitais e o aumento da participação estatal na renda gerada (STOESSEL, 2014). Na Venezuela, por exemplo, essa mudança na postura do Estado se refletiu na criação das Missões Sociais⁸ (2003) financiadas com a comercialização do petróleo (PEREIRA, 2013).

De acordo com Levitsky e Roberts (2011), as experiências políticas de esquerda durante os anos 2000 surgiram ou se fortaleceram também em países onde os governos de esquerda não conquistaram a presidência, como México, Colômbia, Peru e Costa Rica. No caso da Colômbia, país que historicamente oscila entre os princípios de autonomia e unidade política, a Constituição de 1991 assinala que o “Estado colombiano seria unitário, descentralizado, pluralista e comprometido com a autonomia de suas entidades descentralizadas e com a democracia participativa” (BONILLA, 2014, p. 13). Segundo Bonilla (2014), essa autonomia confere aos municípios e departamentos a escolha de seus governantes, a determinação de suas necessidades e interesses e a obtenção dos recursos necessários para atendê-las. Destarte, diversas políticas públicas foram implementadas com participação popular nas cidades colombianas, como aconteceu em Medellín com a formulação dos Projetos Urbanos Integrados (PUI) (MAZO; TAMAYO, 2014).

Os PUI são frutos do Sistema Nacional de Planejamento do Desenvolvimento e Planejamento do Território que ordena a formulação e implementação de planos de desenvolvimento periódicos em nível nacional e territorial (MAZO; TAMAYO, 2014). Em Medellín, a implementação do Sistema Municipal de Planejamento, dos processos de planejamento local e do orçamento participativo possibilitou o desenvolvimento de experiências participativas de intervenção urbana, permitindo o crescimento equilibrado e a atenção centrada nas necessidades de áreas informais e de alto risco. O Projeto Urbano Integrado-Nordeste (PUI-NOR), primeira experiência realizada nesse sentido, progrediu desde os planos de desenvolvimento municipal de 2004-2007 e 2008-2011 que centravam

⁸ As Missões Sociais são abordadas com mais detalhe no bloco VENEZUELA (p. 27).

a atenção na competitividade econômica, na sustentabilidade ambiental, na prevalência do interesse coletivo, na inclusão social e no desenvolvimento humano (MAZO; TAMAYO, 2014).

O PUI-NOR focava particularmente nas comunas 1 e 2 da zona nordeste, formadas por 20 bairros historicamente excluídos, com topografia acidentada, moradias precárias, alto índice de violência e desemprego e baixa escolaridade (MAZO; TAMAYO, 2014). Segundo Mazo e Tamayo (2014), as intervenções propostas visavam “elevar as condições de vida dos habitantes” mediante a implementação de uma proposta urbana integral, desde o físico, social e institucional com: o melhoramento da mobilidade, como a implementação do *Metrocable*; a construção de equipamentos coletivos, como o *Parque-Biblioteca España*⁹; a consolidação de programas habitacionais; a requalificação de espaços públicos; a reestruturação de ruas; a proteção ambiental; o fortalecimento das organizações comunitárias; a realização de planos de comunicação; e o estabelecimento de mecanismos de continuidade e réplica das intervenções. De acordo com Mazo e Tamayo (2014):

A intervenção urbana promovida pelo PUI-NOR fornece novos elementos para a compreensão da problemática urbana, sendo, por isso, referência como experiência democrática mobilizadora do potencial urbano, da qual podem-se aproveitar conteúdos e práticas para a construção e produção da cidade a várias mãos, na ótica da luta da população e da ação governamental.¹⁰ (MAZO; TAMAYO, 2014, p. 69)

Em síntese, pode-se dizer que o processo de redemocratização principia um momento de transformações políticas e socioeconômicas, abrindo espaço para as primeiras experiências participativas na América Latina que se multiplicaram e se aprofundaram na virada do século XX-XXI

⁹ O *Parque-Biblioteca España* encontra-se fechado desde 2013 por problemas na fachada externa e na estrutura do edifício. *El tiempo*. <https://www.eltiempo.com/colombia/medellin/estudio-determino-que-biblioteca-espana-de-medellin-tiene-fallas-en-la-estructura-253146>. Acesso: mar. 2021.

¹⁰ Tradução livre da autora: “La intervención urbana promovida por el PUI-NOR, brinda nuevos elementos para la comprensión de la problemática urbana, siendo por ello referente como experiencia democrática movilizadora de potencial urbano, de la que pueden aprovecharse contenidos y prácticas para la construcción y producción de ciudad a varias manos, en la óptica de la lucha de la población y de la acción gubernamental.” (MAZO; TAMAYO, 2014, p. 69)

com o giro à esquerda. A Venezuela apresenta-se, nessa conjuntura, como um dos países que mais se destacou no desenvolvimento de novos instrumentos participativos, tanto no âmbito social quanto governamental, como as Missões Sociais e os Conselhos Comunais respectivamente. Conforme é apresentado no bloco **VENEZUELA** (p. 27), o governo de Hugo Chávez foi o grande responsável pela implementação dessas iniciativas de participação, que repercutiram no início do governo Nicolás Maduro com a criação da *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e o desenvolvimento dos *Espacios de Paz*, exemplo de ação governamental com engajamento social e participação da população.

REFERÊNCIAS

AL ASSAL, Marianna Boghosian. **Entre história e projeto: América Latina como horizonte de pesquisa**. In: ENANPARQ, 5., 2018, Salvador. *Anais*. Arquitetura e Urbanismo no Brasil Atual: crises, impasses e desafios, v. 2, p. 4688-4690. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2018.

AMORIM, Alessandro M. C.. **Democracia e Participação na América Latina: comparando experiências no Brasil e na Venezuela**. In: Congresso Latinoamericano de Ciencia Política, 8., 2015, Lima. Participación y movilización social I. Lima: Associação Latino-americana de Ciência Política – ALACIP, 2015.

BATISTA, Paulo Nogueira. **O consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos**. In: SOBRINHO, Barbosa Lima *et al.* Em Defesa do Interesse Nacional: Desinformação e Alienação do Patrimônio Público. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BONILLA, Daniel. **Descentralização e unidade política na Colômbia**. In: LINHARES, Paulo de Tarso Frazão S. (Org.) Federalismo Sul-Americano. Rio de Janeiro: IPEA, 2014, p. 13-33.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A crise da América Latina: consenso de Washington ou crise fiscal?** *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 21, n. 1, p. 3-23, abr. 1991.

BUSSATO, Cezar; DILLENBURG, Indaiá. **Dez anos de Governança Solidária Local em Porto Alegre**. In: FEDOZZI, Luciano Joel; CORRADI, Rodrigo de S.; RANGEL, Rodrigo R. (Org.). Democracia participativa na América Latina: casos e contribuições para o debate. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2016, p. 149-182.

CASTAÑEDA, Jorge G.. **“Latin America's Left Turn”**. *En Foreign Affairs*, v. 85, n. 3, p. 28-43, may-jun. 2006.

FEDOZZI, Luciano Joel; CORRADI, Rodrigo de S.; RANGEL, Rodrigo R. (Org.). **Democracia participativa na América Latina: casos e contribuições para o debate**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2016.

FEDOZZI, Luciano Joel; LIMA, Kátia Cacilda Pereira. **Os Orçamentos Participativos no Brasil**. In: FEDOZZI, Luciano Joel; CORRADI, Rodrigo de S.; RANGEL, Rodrigo R. (Org.). *Democracia participativa na América Latina: casos e contribuições para o debate*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2016, p. 117-148.

GOLDFRANK, Benjamin. **Democracia Participativa y Sostenibilidad Ambiental: revisitando lecciones de América Latina**. In: FEDOZZI; CORRADI; RANGEL, 2016 In: FEDOZZI, Luciano Joel; CORRADI, Rodrigo de S.; RANGEL, Rodrigo R. (Org.). *Democracia participativa na América Latina: casos e contribuições para o debate*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2016, p. 49-115.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Emergências latino-americanas [manuscritos]: arquitetura contemporânea 1991-2011**. Goiás: Universidade de Goiás, 2013. 303 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Goiás, 2013.

LARA, Fernando. **Reconciling design and construction**. AULA – Architecture and Urbanism in Las Americas, Vol. 8, Albuquerque, 2018.

LEVITSKY, Steven; ROBERTS, Kenneth M. (Org.). **The Resurgence of the Latin American Left**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.

MAZO, Liliana María Sánchez; TAMAYO, Alberto León Gutiérrez. **Cidade construída a várias mãos. Práticas recentes de intervenção urbana em áreas informais: Projeto Urbano Integral, zona nororiental de Medellín (Colômbia)**. In: D’OTAVIANO, Camila; ZUQUIM, Maria de Lourdes (Org.). *Práticas recentes de intervenções contemporâneas em cidades da América Latina*. São Paulo: FAU, 2014. p. 49-71.

MILANI, Carlos R. S.. **O princípio da participação social na gestão de políticas públicas locais: uma análise de experiências latino-americanas e européias**. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro. p. 551-578, mai-jun. 2008.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **A revolução bolivariana e a Venezuela de Hugo Chávez: histórias e interpretações (1999-2013)**. *Revista Eletrônica Tempo Presente*, n. 7, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Democracia e Participação: o caso do Orçamento Participativo de Porto Alegre**. Edições Afrontamento: Porto, 2002.

STOESSEL, Soledad. **Giro a la izquierda en América Latina del siglo XXI: revisitando los debates académicos**. *Polis - Revista Latinoamericana*, v. 13, n. 39, p. 132-149, 2014.

1.2. VENEZUELA

O início do século XXI, notadamente o governo chavista, foi marcado por intensas mudanças políticas e socioeconômicas¹¹ na Venezuela, a Constituição de 1999 apresentava disposições que tanto aumentavam o poder do presidente quanto abriam espaço para a participação popular (LANDER, 2007). Dentro desse cenário, este bloco – VENEZUELA – tem como eixo as experiências participativas no âmbito social e político desenvolvidas ao longo desse período, especialmente as Missões Sociais e os Conselhos Comunais. Espera-se, desse modo, compreender o contexto de surgimento dos *Espacios de Paz* desde uma perspectiva venezuelana, no que diz respeito ao envolvimento do Estado com as problemáticas sociais da população.

Em seu discurso de posse no dia 6 de fevereiro de 1999, Hugo Rafael Chávez Frias reafirmava a promessa eleitoral de uma nova constituição: “Juro sobre esta Constituição moribunda que farei cumprir, impulsionarei as transformações democráticas necessárias para que a República nova tenha uma Carta Magna adequada aos novos tempos” (PEREIRA, 2013, p. 5). De acordo com Pereira (2013), assim como prometido, uma Assembleia Constituinte foi convocada para a elaboração da nova constituição, que em dezembro de 1999 foi submetida a um referendo e aprovada por 71% dos eleitores. A nova Constituinte de 1999 mantém algumas disposições, como a organização político territorial e a estrutura de separação dos poderes, ao mesmo tempo que anuncia importantes mudanças em relação ao poder Executivo e a participação da população nas instâncias governamentais (LANDER, 2007).

Das mudanças que fortalecem o Executivo, a nova constituição introduz mandatos de seis anos e a possibilidade de reeleição consecutiva, e unifica o congresso, criando uma Assembleia Nacional constituída por uma câmara única (LANDER, 2007). Das mudanças que abrem espaço para a participação popular, a nova constituição reafirma a consulta popular e o plebiscito, cria novos

¹¹ Esse momento de mudanças não foi exclusivo da Venezuela, como é discutido no bloco CONJUNTURA LATINO-AMERICANA (p. 15), muitos países latino-americanos também passaram por profundas transformações na virada do século.

instrumentos de participação direta como os referendos consultivos e revogatórios e a revogação de mandato, incentiva e abre espaço para formação de organizações comunitárias e estabelece um conjunto amplo de assuntos que podem ser tratados pelas comunidades organizadas (WILLIAMSON, 2013, p. 610 *apud* PEREIRA, 2013). O Artigo 70 anuncia tais mudanças:

São meios de participação e protagonismo do povo em exercício de sua soberania, na esfera política: a eleição de cargos públicos, o referendo, a consulta popular, a revogação do mandato, as iniciativas legislativa, constitucional e constituinte, a prefeitura aberta e a assembleia de cidadãos e cidadãs cujas decisões serão de caráter vinculativo, entre outros; e no âmbito social e econômico: as instâncias de atenção cidadã, a autogestão, a cogestão, as cooperativas em todas suas formas incluindo as de caráter financeiro, as casas de poupança, a empresa comunitária e demais formas de associação guiadas pelos valores da mútua cooperação e solidariedade.¹² (Artigo 70 da Constituição de 1999 *apud* LANDER, 2007, p. 69)

De acordo com Lander (2007), a Constituinte de 1999 não só reafirma, como aprofunda e amplia os direitos sociais, econômicos e culturais, estabelecendo a “obrigação do Estado de garantir o direito universal e gratuito de todos seus cidadãos à educação, saúde e seguridade social”, e assegurando pela primeira vez os direitos dos povos indígenas (LANDER, 2007, p. 71). Para além dessas mudanças, a nova Constituição propõe a alteração de nome do país para República Bolivariana da Venezuela, marcando, simbólica e efetivamente, o início da caminhada de Hugo Chávez rumo à construção da revolução bolivariana idealizada por ele (PEREIRA, 2013).

Após a promulgação da nova Constituição, segundo Pereira (2013), alguns acontecimentos ajudaram a construir um ambiente de instabilidade política, a saber: as modificações nas relações de poder e

¹² Tradução livre da autora: “Son medios de participación y protagonismo del pueblo en ejercicio de su soberanía, en lo político: la elección de cargos públicos, el referendo, la consulta popular, la revocación del mandato, las iniciativas legislativa, constitucional y constituyente, el cabildo abierto y la asamblea de ciudadanos y ciudadanas cuyas decisiones serán de carácter vinculante, entre otros; y en lo social y económico: las instancias de atención ciudadana, la autogestión, la cogestión, las cooperativas en todas sus formas incluyendo las de carácter financiero, las cajas de ahorro, la empresa comunitaria y demás formas asociativas guiadas por los valores de la mutua cooperación y la solidaridad”. (Artículo 70 de la Constituyente de 1999 *apud* LANDER, 2007, p. 69)

interesses particulares; as negociações inaptas do governo e suas forças políticas; a reeleição de Chávez, em 2000, para um mandato de 6 anos; a ocupação de 55% da Assembleia Nacional favorável ao governo; e a campanha de assistência social. O autor destaca que, em 2001, a aprovação de 49 leis, que tratavam de reformas educativas, agrárias (Lei de Terras e Desenvolvimento Agrário) e na indústria do petróleo (Lei do Hidrocarboneto) e transformavam as relações de dominação existentes, foi responsável por desencadear uma série de conflitos políticos insurgentes. Além do conteúdo das leis, o procedimento de aprovação também desagradou a oposição, pois foi realizado por meio de uma Lei Habilitante, que fornece ao presidente o poder de governar por decreto (PEREIRA, 2013).

Em 2002, segundo Pereira (2013), dois conflitos aprofundam a crise política interna: o primeiro, em abril, foi a tentativa de tirar Chávez do Palácio *Miraflores* com um golpe de Estado, que começou com uma manifestação violenta e terminou em dois dias com um contragolpe; o segundo, iniciado em dezembro, foi a greve nacional na indústria do petróleo, conhecida como *paro petrolero*, com adesão quase total do setor privado, que durou até fevereiro de 2003, acarretando uma queda de 17,8% no PIB daquele ano. Em 2004, na tentativa de retirar Chávez por meios democráticos, a oposição realiza um referendo revogatório do mandato presidencial, porém Chávez vence o referendo com 58,9% dos votos e se mantém no poder. Após o referendo, a oposição se fragmenta e abandona a estratégia insurrecional (PEREIRA, 2013).

A instabilidade política desses primeiros anos, segundo Naves e Cícero (2016), repercutiu diretamente na economia venezuelana, principalmente com o *paro petrolero* e a queda do PIB, provocando um período de recessão que atingiu todos os setores da sociedade. Porém, na Venezuela, essa instabilidade econômica é uma característica sintomática do **rentismo petrolero**, modelo econômico em que a riqueza do país está atrelada, quase que exclusivamente, à comercialização do petróleo no exterior (NAVES; CÍCERO, 2016). Esse modelo, adotado nos governos anteriores e mantido por Chávez, compromete o desenvolvimento efetivo do país, pois sua economia fica dependente da conjuntura internacional e sujeita a períodos de crescimento e de recessão ou estagnação. Observando o crescimento do PIB per capita e da taxa de inflação (Quadro 4) é possível

perceber esses altos e baixos da economia venezuelana, como em 2002 com a drástica queda do PIB e em 2003 com a elevação da taxa de inflação, chegando a 31,1% (NAVES; CÍCERO, 2016).

2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
1,7	1,5	-10,5	-9,4	16,2	8,4	8,0	7,0	3,6	-4,7	-3,0	2,6	4,1
16,2	12,5	22,4	31,1	21,7	16,0	13,7	18,7	31,4	27,1	28,2	26,1	21,1

Quadro 4_Crescimento do PIB per capita (linha superior) e Taxa de inflação (linha inferior)
NAVES; CÍCERO, 2016, p. 7-8 (*World Development Indicators*)

De acordo com Naves e Cícero (2016), essa instabilidade econômica fragiliza os avanços sociais promovidos pelas políticas governamentais voltadas para a redução das desigualdades econômicas e a realização da justiça social, visto que, desde 2003, essas políticas recebiam uma quantia considerável do rendimento petroleiro. Através de indicadores socioeconômicos e relatórios de organizações internacionais é possível perceber os avanços sociais, mas também um aumento substancial da violência urbana no mesmo período, revelando assim a contradição no desenvolvimento venezuelano. Alguns dados ajudam a entender essas contradições, como o coeficiente de GINI, parâmetro internacional utilizado para medir a desigualdade e distribuição de renda, os índices de pobreza extrema e subnutrição e a taxa de homicídios (NAVES; CÍCERO, 2016).

O coeficiente de GINI referente aos anos de 2000 e 2012 mostra que a Venezuela teve a melhor distribuição de renda quando comparada aos países latino-americanos no mesmo período¹³. O relatório “Estado da Insegurança Alimentar no Mundo”¹⁴ de 2012 mostra uma redução de 50% na proporção de pessoas em situação de pobreza extrema, e uma queda na porcentagem da situação de subnutrição, chegando a um valor inferior à 5%. Porém, a taxa média de homicídios¹⁵, índice

¹³ Banco Interamericano de Desenvolvimento: www.iadb.org/es/investigacion-y-datos//pobreza,7526.html

¹⁴ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura: www.fao.org/docrep/016/i3027e/i3027e.pdf

¹⁵ Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime: www.unodc.org/gsh/en/maps.html

elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC, sigla inglês), aumentou consideravelmente, chegando a 53,7% em 2012 (Quadro 5) (NAVES; CÍCERO, 2016, p. 5-6).

2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
32,9	32,0	38,0	44,0	37,0	37,3	45,1	47,6	51,9	48,9	45,0	47,8	53,7

Quadro 5_Taxa média de homicídios na Venezuela por 100.000 habitantes
NAVES; CÍCERO, 2016, p. 10 (UNODC)

Segundo Naves e Cícero (2016), esses dados mostram que:

mesmo que os indivíduos tenham saído da condição de pobreza, as transformações desenvolvidas pelo governo bolivariano parecem não terem sido suficientes para promover, de fato, a inclusão da população; ou seja, pode-se dizer que as melhorias conquistadas tiveram um impacto maior no poder de consumo dos indivíduos do que, propriamente, em sua condição social, haja vista que muitos continuam à margem da sociedade tendo em vista a manutenção da estrutura desigual oriunda do rentismo petrolífero. (NAVES; CÍCERO, 2016, p. 11)

As Missões Sociais, principais políticas de inclusão e erradicação da pobreza, foram implementadas em 2003 com objetivo de combater a pobreza através da inclusão social, da participação da população e do fortalecimento das associações comunitárias (LANDER, 2007). De acordo com Lander (2007), o programa *Barrio Adentro*, que serviu de modelo para as missões posteriores, foi idealizado em parceria com o governo de Cuba como um sistema preventivo de medicina social que funcionasse com a participação da comunidade através de Comitês de Saúde locais. Essa primeira missão instalou módulos de saúde em diversas comunidades populares onde médicos, dentistas e outros profissionais cubanos prestavam atendimento gratuito à população (PEREIRA, 2013).

As missões educativas, *Robinson I e II*, *Ribas* e *Sucre*, foram implementadas em caráter experimental, logo após o *Barrio Adentro*, e abrangeram vários níveis de formação. As missões *Robinson I e II* aconteceram em continuidade, a primeira focada na alfabetização e a segunda nos estudos primários dos alunos pré-alfabetizados. A *Misión Ribas* destinou-se aos estudantes que desejam realizar ou concluir os estudos secundários. A *Misión Sucre* direcionou jovens e adultos de classe média baixa e pobre ao ensino superior. Desde então, as missões se estenderam para outras áreas, como: trabalho e emprego (*Misión Vuelvan Caracas*); distribuição de alimentos (*Misión Merca!*); cultura (*Misión Cultura*); ciência e tecnologia (*Misión Ciencia*); ecologia e ambiente (*Misión Árbol*); habitação e redistribuição de território (*Misión Villanueva*); dentre outras (LANDER, 2007).

As principais virtudes das missões residem, por sua vez, na capacidade de saltar obstáculos burocráticos e alcançar direta e rapidamente os setores mais excluídos da população; e, por outro, no fato de que muitas dessas missões se baseiam na promoção de processos organizacionais nas comunidades como parte de seu projeto e execução. Consequentemente, seu impacto sobre as condições de vida dos setores mais excluídos tem sido generalizado, e a diversidade de processos organizacionais populares que contribuíram para criar ou fortalecer todo o país é extraordinariamente ampla.¹⁶ (LANDER, 2007, p. 72)

Segundo Lander (2007), a baixa institucionalidade e a pouca burocracia das missões, por um lado, permitem agilidade e precisão nas ações, enquanto por outro, fragilizam os trâmites administrativos, abrindo espaço para o clientelismo e a corrupção, que muitas vezes são denunciados pelas próprias organizações populares. No âmbito social, as Missões representam uma importante experiência participativa que, mesmo com suas debilidades, conseguiu incorporar de fato as populações mais carentes no seu processo. Já no âmbito político, as experiências participativas se deram em duas

¹⁶ Tradução livre da autora: "Las virtudes principales de las misiones residen, por un lado, en su capacidad para saltar obstáculos burocráticos y llegar en forma directa y rápida a los sectores más excluidos de la población; y, por el otro, en el hecho de que buena parte de estas misiones se basan en la promoción de procesos organizativos en las comunidades como parte de su diseño y ejecución. En consecuencia, ha sido muy extendido su impacto sobre las condiciones de vida de los sectores más excluidos, y extraordinariamente amplia la diversidad de procesos organizativos populares que han contribuido a crear o fortalecer en todo el país". (LANDER, 2007, p. 72)

frentes: uma mais ampla com consulta direta à população, como o referendo que foi utilizado em cinco momentos ao longo do governo de Chávez; e outra de caráter mais local, como os Conselhos Comunais e as Assembleias de Cidadão (LANDER, 2007).

As experiências de gestão participativa na Venezuela aparecem bem antes da formalização dos Conselhos Comunais como norma legal em 2006. Em 1999, de acordo com Lander (2007), a empresa de água, *Hidrocapital*, utilizava em nível local a gestão democrática da água através de Gerências Comunitárias e em nível nacional com as Mesas Técnicas de Água e os Conselhos Comunitários de Água que tratavam desde o acesso à água até decisões sobre o sistema de processamento de águas residuais. Ao longo dos anos, várias leis foram sendo criadas e aprimoradas no sentido de promover a democracia participativa, como: a *Ley de Asignaciones Económicas Especiales*, que distribuía uma parte do orçamento diretamente para organizações sociais; a *Ley Orgánica de Planificación*, criada a fim de garantir a participação das comunidades organizadas no planejamento e gestão pública locais; a *Ley de los Consejos Locales de Planificación Pública*, que estabeleceu a obrigatoriedade da formação dos conselhos locais; e a *Ley de los Consejos Comunales*, que regulamentou os Conselhos Comunais (LANDER, 2007).

Os Conselhos Comunais (CC) surgiram, em 1999, como ferramenta interna aos *Consejos Locales de Planificación Pública* (CLPP), instituições participativas a nível municipal que tiveram curta duração e pouca expressividade (GOLDFRANK, 2011). Segundo Goldfrank (2011), com a aprovação da *Ley de los Consejos Comunales*, em 2006, os CC passaram a atuar de maneira independente ao CLPP e a se relacionar diretamente com o governo nacional através de um ministério próprio, responsável por promover, registrar e financiar os CC. Em 2009, depois de debates no interior dos CC e com os deputados da Assembleia Nacional, foi criada a *Ley Orgánica de los Consejos Comunales* que buscava delinear melhor seu escopo e suas diretrizes (GOLDFRANK, 2011).

De acordo com o Artigo 2 da nova lei:

Os conselhos comunais, dentro da estrutura constitucional da democracia participativa e protagonista, são instâncias de participação, articulação e integração entre os cidadãos e as diversas organizações comunitárias, movimentos sociais e populares, que permitem ao povo organizado exercer o governo comunitário e a gestão direta das políticas públicas e projetos que visem responder as necessidades, potencialidades e aspirações das comunidades, na construção do novo modelo de sociedade socialista de igualdade, equidade e justiça social.¹⁷ (Artigo 2 *apud* GOLDFRANK, 2011 p. 43)

Como explica Goldfrank (2011), os CC podem ser formados por famílias urbanas (150 a 400 famílias), rurais (mínimo de 20) e indígenas (mínimo de 10), sendo suas principais funções promover, planejar, implementar e monitorar projetos e programas comunitários. Para a formalização dos CC é necessária a delimitação dos limites geográficos da comunidade por um grupo que execute o censo e a realização de uma assembleia pública, com participação de no mínimo 30% de adultos maiores de 15 anos, para escolha de seus representantes (GOLDFRANK, 2011). Segundo o autor, os representantes comunitários, ou *voceros*, são responsáveis pela formação dos comitês de trabalho segundo as necessidades e interesses da comunidade que podem estar relacionados a saúde, segurança, habitação, educação, dentre outros assuntos. Além dos comitês, cada CC possui uma comissão eleitoral e três unidades básicas – administrativa-financeira, controle social e executiva – formadas por coordenadores comunitários (GOLDFRANK, 2011).

Todas as decisões finais são tomadas e legitimadas na Assembleia de Cidadão com participação mínima de 30% dos residentes. A Assembleia de Cidadão é uma das ferramentas mais inclusivas dos CC, visto que todos os cidadãos maiores de 15 anos, sem distinção de gênero ou renda, podem

¹⁷ Tradução livre da autora: "Los consejos comunales, en el marco constitucional de la democracia participativa y protagonista, son instancias de participación, articulación e integración entre los ciudadanos, ciudadanas y las diversas organizaciones comunitarias, movimientos sociales y populares, que permiten al pueblo organizado ejercer el gobierno comunitario y la gestión directa de las políticas públicas y proyectos orientados a responder a las necesidades, potencialidades y aspiraciones de las comunidades, en la construcción del nuevo modelo de sociedad socialista de igualdad, equidad y justicia social." (Artículo 2 *apud* GOLDFRANK, 2011, p. 43)

participar e votar (GOLDFRANK, 2011). A captação de recursos dos CC pode se dar por diferentes meios: pela gestão própria de recursos; por governos municipais e estaduais; pelo *Fondo Intergubernamental para la Descentralización* (FIDES); e, principalmente, pelo *Fondo Nacional de Consejos Comunales* criado com objetivo de “financiar os projetos comunitários, sociais e produtivos, apresentados pela *Comisión Nacional Presidencial del Poder Popular* em seus componentes financeiros e não financeiros” (LANDER, 2007, p. 76-77).

Enquanto instrumento participativo, Lander (2007) e Goldfrank (2011) apontam que os CC possibilitaram: a inclusão e politização de cidadãos normalmente excluídos das decisões relativas às políticas públicas, como jovens, mulheres, índios e pessoas com menor renda; a elaboração e gestão de projetos voltados para as demandas cotidianas das comunidades; o fortalecimento das organizações comunitárias; e a cultura da participação. Porém, enquanto instrumento de gestão, seus principais problemas são: a falta de transparência e regras claras sobre o financiamento; o acúmulo de competências; a forte dependência do trabalho voluntário; e a limitada área de atuação. Desse modo, pode-se dizer que os CC se destacam por sua alta capacidade de inclusão e organização social, ao mesmo tempo, que seu desenho estrutural abre espaços para o clientelismo e a corrupção, assim como as missões sociais (LANDER, 2007; GOLDFRANK, 2011).

Para além das experiências participativas que aproximavam a população das decisões do governo, desde o início do mandato, Hugo Chávez dedicou-se à comunicação com as camadas mais populares através do programa *Alô, Presidente*. Criado em 1999, o programa foi exibido no rádio, na TV e na internet em transmissões que duravam até sete horas, com debates eloquentes do presidente, leitura de cartas, telefonemas, e-mails e informação sobre atos, obras e prestação de contas (PEREIRA, 2013). Durante os 13 anos de existência, o *Alô, Presidente* foi gravado em diferentes cidades da Venezuela e do exterior, um programa especial foi transmitido diretamente de Cuba em homenagem ao aniversário de morte de Che Guevara com entrevista por telefone a Fidel Castro. Porém com o agravamento do câncer em 2011, a aparição de Chávez foi suspensa e sua última participação aconteceu no programa de encerramento em janeiro de 2012 (PEREIRA, 2013).

O segundo mandato de Chávez, iniciado em 2006, foi repleto de acontecimentos que desagradaram e fortaleceram a oposição, além do enfraquecimento da sua capacidade de governar devido ao câncer. Em 2006, a Assembleia Nacional aprova mais uma vez a Lei Habilitante, permitindo ao presidente governar por decreto durante 18 meses (WILLIAMSON, 2013, p. 612 *apud* PEREIRA, 2013). Em 2007, Chávez nega a concessão da Rede Caracas de Televisão (RCTV), acusando-a de golpista, e perde por pouco um referendo que aprovaria sua reeleição ilimitada, com isso a oposição se organiza na Mesa de Unidade Democrática (MUD) e prepara-se para disputa eleitoral. Em 2009, a reeleição ilimitada é aprovada em um segundo referendo. Em 2011, a oposição ganha expressividade nas cadeiras da Assembleia Nacional, o que evidenciou uma menor adesão da população ao chavismo. E em 2012, mesmo com a sua vitória nas urnas com 55,8% dos votos, Chávez não assume formalmente o cargo devido ao tratamento do câncer em Cuba (BASTOS; OBREGÓN, 2018).

Os acontecimentos anteriores, citados acima, e posteriores ao falecimento de Chávez em março de 2013 desencadearam uma grave crise política. Em 2012, antes de iniciar o tratamento contra o câncer, Hugo Chávez indicou Nicolás Maduro como seu sucessor, contrariando a Constituição que previa novas eleições dentro de 30 dias após o falecimento do Presidente. Essa indicação foi prontamente aceita pelo presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, sob protesto da oposição, que não aceitou Maduro como presidente interino, e pediu sua impugnação, negada pela Justiça. Em 14 abril de 2013 foram realizadas novas eleições e como era previsto pela oposição, Maduro vence o opositor Henrique Capriles com 50,75% dos votos. Diante do resultado, a oposição convocou manifestações e pediu a recontagem dos votos argumentando a “ilegitimidade das eleições e a ocorrência de fraude eleitoral”, no entanto em junho de 2013 o Conselho Nacional Eleitoral finaliza a auditoria e confirma a vitória de Maduro para um mandato que duraria até 2019 (BASTOS; OBREGÓN, 2018, p. 10).

Durante os primeiros anos do governo de Maduro, de acordo com Romero (2015), a Venezuela apresentava-se em uma profunda crise interna, não só no âmbito político, com uma intensa polarização, mas no cenário econômico e social também. Em 2014, a crise econômica se intensificou fruto de fatores externos, com a queda no preço do barril de petróleo e das exportações, e fatores

internos, com o déficit na balança de pagamento, o peso da dívida externa, a inflação e o crescimento da economia informal (ROMERO, 2015). As medidas tomadas por Maduro, em 2013, de reduzir o preço das mercadorias e, em 2014, de limitar a margem de lucro do setor privado em 30% provocou a sabotagem da economia por setores não petroleiros e contribuiu para agravar os fatores internos, elevando a inflação e diminuindo o PIB (BASTOS; OBREGÓN, 2018).

Tendo em vista que as políticas sociais são condicionadas e dependentes da conjuntura econômica, ou seja, da lucratividade da exploração do petróleo, a crise econômica repercutiu diretamente nas condições sociais do país (BASTOS; OBREGÓN, 2018). Os efeitos dessa crise social puderam ser percebidos: na queda de investimento nos programas sociais; na escassez de produtos básicos de consumo e serviços; no aumento do custo de vida; na elevação das taxas de criminalidade e violência; no crescente número de mortes violentas e assassinatos de policiais; e na queda nos índices socioeconômicos (ROMERO, 2015).

Em meio a esse cenário, Maduro procurou dá continuidade à ideologia chavista, mas a ausência emblemática do “comandante” na política interna e externa e a falta de habilidade de Maduro em conter as crises dificultavam sua governabilidade (BASTOS; OBREGÓN, 2018) e a situação do país ficava cada vez mais incerta. No entanto, algumas ações foram tomadas no sentido de ampliar as políticas sociais e fortalecer a proximidade do governo com a população, como: a criação, em 2013, da *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida*¹⁸, responsável pelo desenvolvimento e implementação dos *Espacios de Paz* nos anos de 2014 e 2015; e a aprovação, em 2014, da *Ley Orgánica de Misiones, Grandes Misiones y micro-misiones*¹⁹, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a proteção social integral e de assegurar o exercício universal dos direitos sociais através das Missões Sociais.

¹⁸ A *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* é abordada com mais detalhe no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

¹⁹ Decreto nº 1.394, de 19 de novembro de 2014. Decreto Con Rango, Valor y Fuerza de Ley Orgánica de Misiones, Grandes Misiones y Micro-misiones. Imprenta Nacional: web.archive.org/web/20170901114700/http://www.imprentanacional.gob.ve/gaceta_imprensa/usuarios/administrador/gacetitas/6.154.pdf. Acesso: nov. 2019.

Em síntese, pode-se dizer que as experiências participativas sociais e políticas desenvolvidas no período do governo de Hugo Chávez abriu espaço para uma consciência participativa tanto por parte do governo quanto pela própria sociedade. A grave crise interna no início do governo de Nicolás Maduro tornou urgente a implementação de um projeto rápido e objetivo voltado para as camadas sociais mais vulneráveis. Os *Espacios de Paz* se inserem nesse contexto como uma experiência de desenho participativo que, de acordo com seus organizadores, tem como um de seus objetivos transformar espaços públicos em espaços de convivência dentro de comunidades com alta vulnerabilidade social, fazendo uso das instituições governamentais (PORTFOLIO, 2014), conforme é detalhado no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

REFERÊNCIAS

BASTOS, Juliana P. B.; OBREGÓN, Marcelo F. Q.. **Venezuela em crise: o que mudou com Maduro?** *Derecho y Cambio Social*, Lima, ano 15, n. 52, p. 1-16, abr. 2018.

GOLDFRANK, Benjamin. **Los Consejos Comunales: ¿Avance o retroceso para la democracia venezolana?** *Íconos - Revista de Ciencias Sociales*, Quito, n. 39, p. 41-55, may. 2011.

LANDER, Edgardo. **El Estado y las tensiones de la participación popular en Venezuela.** *OSAL*, Buenos Aires, ano VIII, n. 22, p. 65-86, sep. 2007.

NAVES, Mônica M.; CÍCERO, Pedro H. de M.. **Desigualdade e desenvolvimento na Venezuela: uma análise histórico-contemporânea.** In: Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2., 2016, São Paulo. Anais. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2016.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **A revolução bolivariana e a Venezuela de Hugo Chávez: histórias e interpretações (1999-2013).** *Revista Eletrônica Tempo Presente*, n. 7, 2013.

PORTFOLIO. **Espacios de Paz 2014 Venezuela.** Caracas: Comisión Presidencial del Movimiento por la Paz y la Vida e PICO Estudio, 2014.

ROMERO, Carlos Antonio. **Crisis política y transiciones em Venezuela.** *Cadernos PROLAM/USP*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 64-87, 2015.

2.

PENSAMENTO

2.1. ESPACIOS DE PAZ

A Venezuela, pós-Hugo Chávez, vivia um cenário de grave crise interna em que a insegurança, o conflito, o medo e a escassez faziam parte do cotidiano das comunidades mais carentes, mas também vinha de um contexto político de abertura a participação mais direta da população, com instrumentos participativos e políticas públicas²⁰. Os *Espacios de Paz* foram apresentados, por seus criadores, como uma “política de intervenção preventiva diante dos fenômenos da violência e da delinquência” vividos em alguns bairros do país (CORONEL, 2015, p. 65). Apoiado nisso, esse bloco – *ESPACIOS DE PAZ* – tem como foco abordar as diretrizes desenvolvidas para os *Espacios de Paz* através da identificação de seus objetivos, seus princípios e suas estratégias, tendo como ponto de partida a visão de seus organizadores. Busca-se, dessa maneira, compreender o pensamento por trás das onze intervenções construídas nas comunidades venezuelanas nos anos de 2014 e 2015.

Os *Espacios de Paz* (Figura 2) são fruto da parceria entre a *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e o grupo de arquitetura venezuelano *PICO Colectivo*. Essa parceria resultou no desenvolvimento de uma metodologia pensada para se projetar e construir espaços públicos de forma participativa em um tempo curto e com recursos limitados por meio de intervenções pontuais, sendo implantada na Venezuela, nos anos 2014 e 2015. Oficinas com duração de seis semanas realizadas simultaneamente em cinco comunidades contaram com equipes formadas por coletivos de arquitetura nacionais e estrangeiros, instituições governamentais, moradores e voluntários que juntos projetaram e executaram onze *Espacios de Paz* (PORTFOLIO, 2014; CASTILLO, 2015; SIQUEIRA, 2015a).



Figura 2_ *Espacios de Paz*
Oficina Lúdica

²⁰ Esse contexto é abordado com mais detalhe no bloco VENEZUELA (p. 27).

A *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* (Figura 3) foi criada em 2013, primeiro ano do governo de Nicolás Maduro, para apoiar e fortalecer a atuação do coletivo social *Movimiento por la Paz y la Vida* em nível nacional, regional e federal através da ligação direta com o Ministério do Gabinete da Presidência e Monitoramento da Gestão Governamental (RANGEL, 2014). Segundo Rangel (2014), o Movimento foi formado, no mesmo ano, durante o conservatório *Juventud Constructora de Paz* com a participação de setores culturais, comunidades, artistas e do presidente Maduro. No marco da *Gran Misión A Toda Vida Venezuela*, o Movimento tem como ideia central a abertura de espaços de participação ativa para que movimentos sociais, coletivos e comunidades organizadas possam ter voz sobre as ações do governo em termos de segurança cidadã (RANGEL, 2014). A Fundação tem como missão:



Figura 3_ *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida*

pbs.twimg.com/media/EFAH7yCXoAAo-hP.png. Acesso: nov. 2019.

apoiar e impulsionar uma cultura a favor da convivência pacífica e solidária, mediante a articulação com órgão, entidade, missões, comunidades organizadas e voluntariado, financiamento, avaliação e controle administrativo de projetos, fortalecendo os valores e princípios Revolucionários, Bolivarianos e Cristãos para criar territórios livres de violência através do desenvolvimento de iniciativas esportivas, culturais, educativas, sociais, religiosas, produtivas e iniciativas populares que contribuam para alcançar os objetivos traçados pela Revolução Bolivariana de alcançar na Venezuela um Território de Paz.²¹

²¹ Tradução livre da autora: “apoyar e impulsar una cultura a favor de la convivencia pacífica y solidaria, mediante la articulación con los Órganos, Entes, Misiones, Comunidades Organizadas y Voluntariado, y el financiamiento, la evaluación y el control administrativo de proyectos, fortaleciendo los valores y principios Revolucionarios, Bolivarianos y Cristianos para crear territorios libre de violencia, a través del desarrollo de actividades deportivas, culturales, educativas, sociales, religiosas, productivas e iniciativas populares que contribuyan a alcanzar los objetivos trazados por la Revolución Bolivariana de lograr en Venezuela en Territorio de Paz”. Fundación Movimiento por la Paz y la Vida: www.presidencia.gob.ve/Site/Web/Principal/paz_vida/classMisionVision.php. Acesso: nov. 2019.

O *PICO Colectivo*, abreviação de *Proyecto de Interés Comunal* (Figura 4), foi fundado em 2010 pelos arquitetos venezuelanos Marcos Coronel, Juan Carlos Castillo e Kenneth Gómez que dirigem juntos as atividades do grupo e acreditam que a atuação profissional do arquiteto só se concretiza quando a arquitetura é colocada a serviço da coletividade e da sociedade (SIQUEIRA, 2015b). Enquanto coletivo, o *PICO* se define como uma “estrutura de ação política territorial que se concentra no desenvolvimento de estratégias e operações de infraestrutura em ambientes onde ocorrem conflitos urbanos não convencionais”²², distanciando-se do mercado tradicional e buscando integrar-se à sociedade como uma ferramenta de transformação. De acordo com os arquitetos PC1 (2019) e PC2 (2019), os *Espacios de Paz* funcionaram como um atrator de oficinas e coletivos de arquitetura que compartilham visões e formas de trabalhar semelhantes e que, a partir de então, começou a se consolidar uma rede de colaboração, antes inexistente na Venezuela.

**PROYECTO
PROJECT
DE
OF
INTERÉS
COMMUNAL
COMUNAL
INTEREST**

Figura 4. *PICO Colectivo*
PICO Colectivo

O vínculo entre o governo venezuelano e o *PICO Colectivo* é bem anterior aos *Espacios de Paz* e vai além da proximidade entre a missão da Fundação e o perfil do coletivo de arquitetura. A primeira parceria entre eles foi no desenvolvimento de uma pesquisa aplicada sobre habitação social unifamiliar, com a reformulação do modelo existente sem alterar os materiais, as técnicas construtivas e o orçamento, além de outras parcerias que surgiram com a ideia de pensar novas formas de edificar cidades (SIQUEIRA, 2015b). Na ocasião dos *Espacios de Paz*, o *PICO* vinha trabalhando em diversas iniciativas vinculadas a processos de gestão comunitária e, com isso, foi convidado pela Fundação para elaborar as diretrizes desse novo projeto (CORONEL, 2015).

O estudo sobre os *Espacios de Paz* foi realizado com suporte no *Portfolio Espacios de Paz 2014*, lançado após a primeira edição em 2014; na *Revista AU 257*, na qual foram publicadas a matéria

²² PICO Colectivo: picocolectivo.org.ve/ 2018/10/11/pico-colectivo/. Acesso: nov. 2019.

Arquitetura da Paz sobre a edição de 2015 e a entrevista *Poder para as pessoas* com os arquitetos Marcos Coronel e Juan Carlos Castillo, do *PICO Colectivo*; e na entrevista estruturada²³ realizada pela autora via correio eletrônico com dois arquitetos do *PICO*, representados pelos códigos PC1 e PC2. Apoiado nesse material foi possível identificar os objetivos, os princípios, as estratégias e demais características que possivelmente nortearam o pensamento dos *Espacios de Paz*.

Partindo da ideia de que os objetivos são um conjunto de metas e intenções que se deseja alcançar com a realização de algo, no caso dos *Espacios de Paz*, identificou-se quatro objetivos base. O primeiro, busca a promoção de uma “cultura de paz que propicie a convivência cidadã harmônica” através da remodelação dos territórios, garantindo que “lugares de conflitos” se transformem em “zonas de trégua”, espaços públicos para o encontro coletivo. O segundo procura a geração de “condições para dinâmicas sociais” que possibilitem o surgimento de “novas formas de convivência e relações nas comunidades” através da modificação do “uso do tempo e do espaço” na vida cotidiana dos moradores (PORTFOLIO, 2014, p. 4). O terceiro aspira a oferta de “acesso à cultura, recreação, esporte, conhecimento e educação” através da criação de “estruturas físicas e sociais diretamente associadas ao tema do espaço público”. O quarto destina-se ao desenvolvimento da organização comunitária em todos os sentidos: social, econômico, político e cultural (CORONEL, 2015, p. 65-66). Esses objetivos estruturam ao que os organizadores definiram como:

UM EXERCÍCIO DE DESENHO PARTICIPATIVO QUE ATIVA PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO FÍSICA E SOCIAL A PARTIR DA AUTOCONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS EM CONTEXTOS URBANOS CONFLITUOSOS.²⁴ (PORTFOLIO, 2014, p. 4)

Diante dessa definição, algumas explanações se fazem necessárias. De acordo com os arquitetos do *PICO Colectivo*, a ativação de processos de transformação relaciona-se com o impulso dado pelo

²³ O roteiro da entrevista estruturada encontra-se no bloco APÊNDICES (p. 167).

²⁴ Tradução livre da autora: “un ejercicio de Diseño Participativo que activa procesos de transformación física y social a partir de la autoconstrucción de espacios públicos en contextos urbanos conflictivos” (PORTFOLIO, 2014, p. 4).

projeto para a organização comunitária, a transformação física se refere a mudança na vivência do espaço público com a criação de ambientes seguros e inclusivos e a transformação social diz respeito ao empoderamento das relações coletivas e ao sentimento de pertencimento comunitário (PC1, 2019; PC2, 2019). O desenho participativo e a autoconstrução são alguns dos meios pelos quais essas transformações são impulsionadas, como será detalhado adiante.

Após a identificação dos objetivos e o entendimento da definição dos *Espacios de Paz* foi possível identificar e nomear os princípios e as estratégias. Para isso, adotou-se como referência as definições do dicionário Michaelis²⁵ e definiu-se para os *Espacios de Paz* os princípios como o conjunto de fundamentos e ideias que serviram de base para o desenvolvimento dos *Espacios de Paz*, e as estratégias como o conjunto de meios definidos previamente, que utilizam de maneira favorável os recursos e as condições disponíveis para atingir os objetivos dos *Espacios de Paz*. Destarte, foram identificados cinco princípios e cinco estratégias que embasaram e direcionaram as intervenções.

Princípios (fundamentos - ideias)

1. A construção como “desculpa” para a realização de um projeto social, como indutora de relações sociais, mais do que um princípio incorporado aos *Espacios de Paz* é a maneira como o *PICO Colectivo* encara a sua atuação enquanto arquitetos. Para eles, o projeto de arquitetura só se concretiza quando colocado a serviço da coletividade e da sociedade, no qual o arquiteto coloca à “disposição suas ferramentas e recursos de trabalho” e se une “a uma dinâmica em que há muito que aprender e muito a ensinar” (CASTILHO, 2015, p. 66; SIQUEIRA, 2015b). Nesse sentido, as intervenções dos *Espacios de Paz* são encaradas como pretexto para gerar “organização social, econômica, política e cultural em todos os sentidos” (CORONEL, 2015, p. 66).

²⁵ Princípio: “conjunto de proposições que servem de base e das quais todo desenvolvimento posterior deve ser subordinado”. Michaelis: michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/principio/. Acesso: nov. 2019.

Estratégia: “arte de utilizar planejadamente os recursos de que se dispõe ou de explorar de maneira vantajosa a situação ou as condições favoráveis de que por ventura se desfrute, de modo a atingir determinados objetivos”. Michaelis: michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estrategia/. Acesso: nov. 2019.

2. A relação de horizontalidade entre comunidade-arquiteto significa trabalhar sem hierarquias, de igual para igual, o que proporciona uma experiência de “intercâmbio e transferência de conhecimento” na qual a “ampliação de informação, aprendizagem, acordos e cooperações” se dão em uma via de mão dupla (PC1, 2019). Segundo PC1 (2019), esse tipo de relação proporciona a diluição do indivíduo em favor do coletivo, favorecendo a coesão comunitária, e da ideia de autoria, pois as decisões sobre o desenho e a construção são tomadas de forma coletiva. Nesse cenário, a atuação do arquiteto se dilui no processo como um agente a mais, que não se distingue ou se sobressai, mas que se incorpora na figura do “arquiteto-obreiro”, abrindo espaço para que outros atores, normalmente deixados à margem, tenham voz (PORTFOLIO, 2014, p. 4).

O maior desafio dessa relação horizontal é a construção de uma “linguagem que permita uma comunicação de maneira fluida” entre os arquitetos e a comunidade, fazer convergir essa linguagem é um esforço experimental que se aprende no desenvolvimento prático de ferramentas e instrumentos de socialização (CORONEL, 2015, p. 66). A comunicação lúdica através de oficinas de maquete e desenhos facilitam o diálogo e permitem a aproximação da comunidade com os “temas próprios da arquitetura, como proporções, espaço e amplitude” (CASTILHO, 2015, p. 66).

3. A intervenção pontual irradiadora consiste no desenvolvimento de um projeto focado e realizado com força, como “uma faísca para ascender uma chama na comunidade”, e que seja capaz de impulsionar um processo de transformação e consolidação do habitat no bairro (PC2, 2019). A ação rápida e direta em “territórios pontuais, espaços subutilizados a maneira de resquícios, acidentados, marginais com qualidade necessária para essa intervenção primária” foi um dos direcionamentos adotados na escolha dos terrenos (Figura 5) para intervenção (PORTFOLIO, 2014, p. 4). Além disso, para os organizadores, a intervenção pontual aparece como um processo alternativo aos grandes projetos que demandam muito tempo, recursos e complexos trâmites burocráticos (PORTFOLIO, 2014).

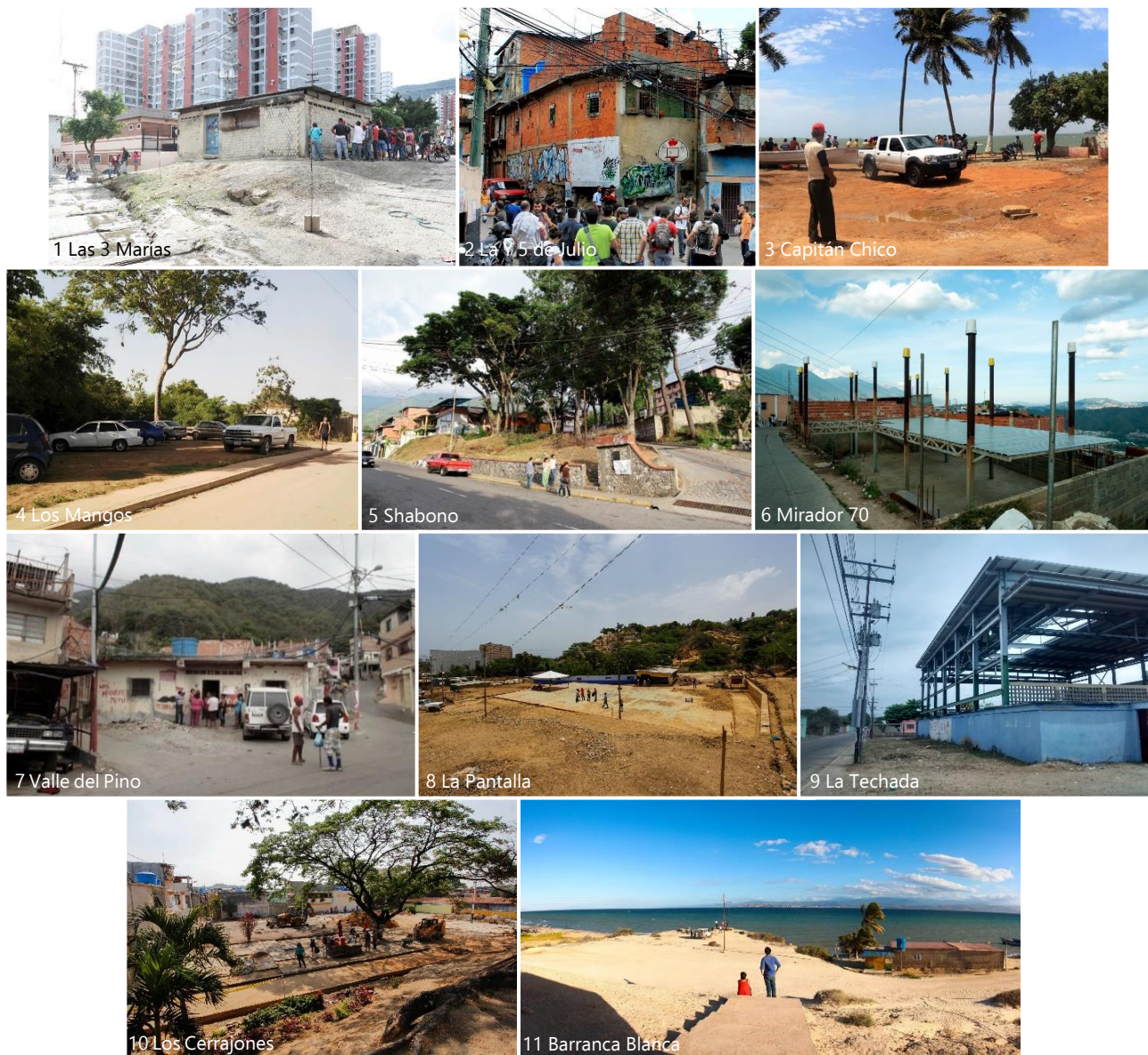


Figura 5 Terrenos das intervenções

(1.2.3.4.5) Portfolio, 2014; (6) Adriana Ruiz; (7) PICO Colectivo; (8.10) José Bastidas; (9) Guillermo León; (11) Veo Productores

4. A replicabilidade da tecnologia e dos saberes está relacionada com a incorporação do “cidadão na construção do espaço público por meio de um processo pedagógico” que permite a troca de conhecimento e a capacitação dos que participam (PORTFOLIO, 2014, p. 4). O uso de materiais locais e de sistemas modulares de baixa tecnologia são utilizados com o intuito de facilitar o envolvimento dos cidadãos e possibilitar a incorporação das técnicas utilizadas em projetos futuros a serem realizados pela própria comunidade (PC1, 2019; PC2, 2019).
5. O trabalho a partir do “poder” significa assumir “o espaço de direção de maneira a fazer os projetos em condições muito mais objetivas” e “trabalhar a partir do enfoque do direito que temos como cidadãos e do saber social como princípio no exercício disciplinar” (CASTILHO, 2015, p. 65). Essa postura ativa frente a realidade, em que o arquiteto toma para si a responsabilidade da ação, permite o uso de “instrumentos, ferramentas e garantias operativas” para a realização de um trabalho focado na “viabilidade política, econômica e social” (CORONEL, 2015, p. 65). Nos *Espacios de Paz*, essa postura ativa do arquiteto incorpora a comunidade através da conversão das “potencialidades humanas e territoriais” em “capacidade de fazer”, dando também à comunidade o poder de ação (PORTFOLIO, 2014, p. 4).

Estratégias (meios - planos)

1. A oficina de 6 semanas simultâneas (Figura 6) foi a estratégia adotada para otimizar o tempo e viabilizar a execução das intervenções. Para tanto, cada semana tinha uma meta clara, sendo: a primeira reservada para os diálogos iniciais com a comunidade, a pré-produção do projeto e o planejamento da execução; as quatro semanas seguintes destinadas para o “desenho e execução do projeto propriamente dito”; e a sexta e última designada para a “comprovação dos resultados” (PORTFOLIO, 2014, p. 4).

A oficina foi planejada para acontecer simultaneamente em cinco comunidades, de modo que ao final do processo todas as intervenções estivessem concluídas. A realização das oficinas se deu, em cada espaço, por uma equipe formada com diversos atores: um coletivo nacional e/ou

uma coalisão de arquitetos nacionais; um coletivo estrangeiro; instituições governamentais; moradores da comunidade; voluntários e estudantes (PORTFOLIO, 2014). No caso da intervenção *Barranca Blanca* (2015), a oficina teve uma duração de 8 semanas e foi realizada individualmente, não havendo simultaneidade com o desenvolvimento de intervenções em outras comunidades.

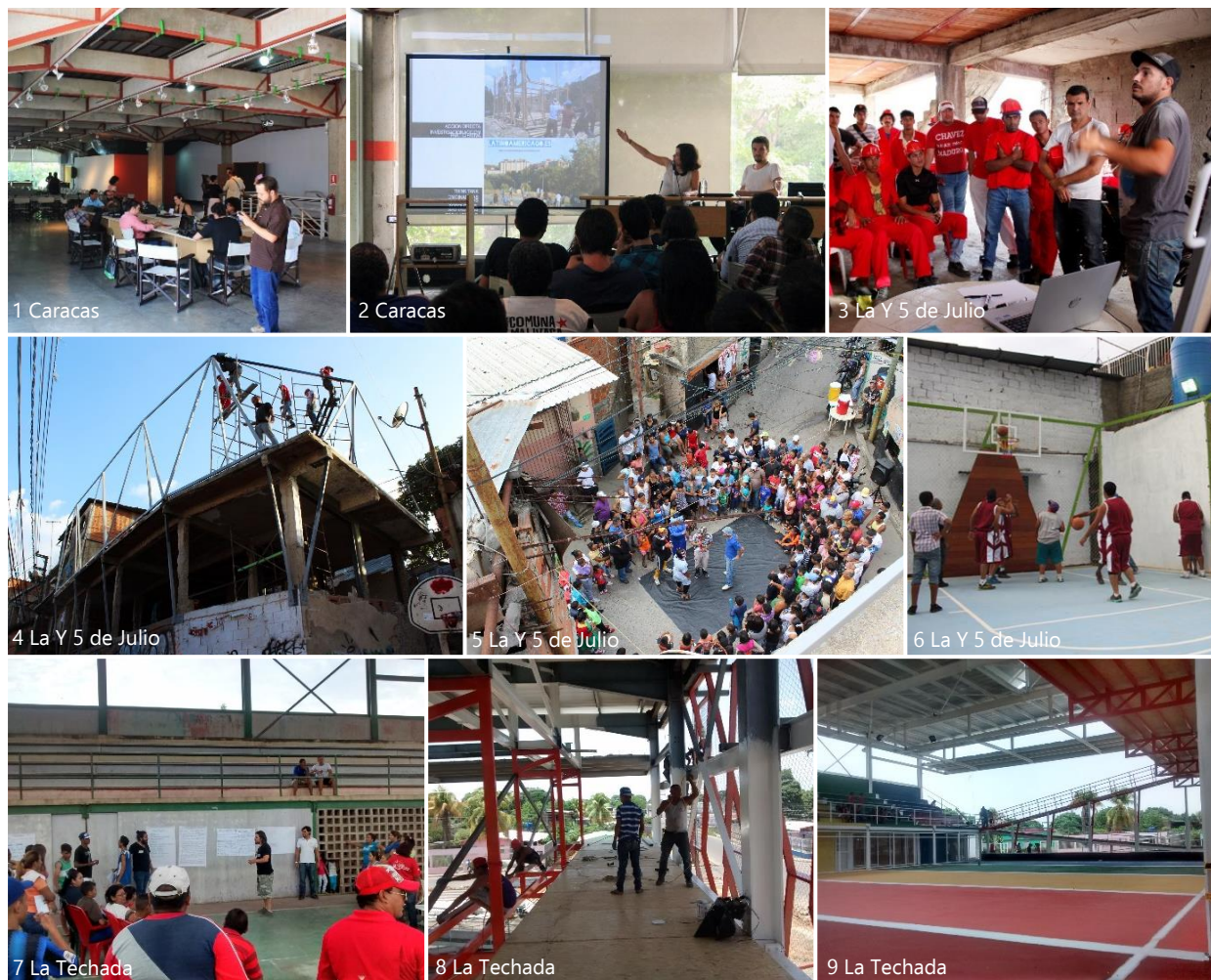


Figura 6_Oficinas edição 2014 e 2015

(1.2.3.4.5) PICO Colectivo; (6) Facebook La Y 5 de Julio; (7.8.9) Guillermo León

2. A presença dos coletivos de arquitetura nacionais e estrangeiros (Figura 7) se deu não apenas como estratégia para o desenvolvimento dos *Espacios de Paz* em que os arquitetos deveriam trabalhar de maneira colaborativa entre eles e com a comunidade, promovendo a troca de conhecimento, mas também como maneira de promover o debate sobre os temas em questão com a participação coletiva e integrada com outras equipes. Ademais da possibilidade de formar “redes de amizade e trabalho entre os arquitetos e os diversos atores” (CORONEL, 2015, p. 65).

Seguindo essa estratégia foram convidados coletivos nacionais e estrangeiros²⁶, em sua maioria latino-americanos, que possuíam experiência prévia em projetos participativos para agregar e expandir as ideias (PC1, 2019; PC2, 2019), que tiveram como atribuições, o desenvolvimento do projeto arquitetônico e dos dispositivos urbanos (equipamentos e mobiliários), além do acompanhamento da construção junto com os líderes comunitários e os representantes das instituições governamentais (PORFOLIO, 2014; SIQUEIRA 2015a). No total participaram 26 coletivos de arquitetura, sendo 15 venezuelanos e 11 estrangeiros:

Na primeira edição (2014), participaram quatro coletivos venezuelanos: *Abono Arquitectura*, *Oficina Lúdica*, *PGRC Plataforma Gestión Residuos de Ciudad* e *439 estudio archiurbano*; cinco estrangeiros: *Al Bordo*, *AXP Arquitectura Expandida*, *HSF Hábitat sin Fronteras*, *PKMN pacman Architectures* e *TXP Todo Por la Praxis*; e três arquitetos independentes: Andrea Stanko Wolf, Elena de Oleza Llobet e Sandy Crespo (PORFOLIO, 2014).

Na segunda edição (2015), foram dez coletivos venezuelanos: *MAAN*, *SER*, *AGA Estudio Criativo*, *Colectivo Animal*, *Asymetric*, *Lab.Pro.Fab*, *Proyecto Colectivo*, *CoDA*, *Insitu Social* e *Already Happening*²⁷; cinco estrangeiros: *Taller Activo*, *Entre Nos Atelier*, *Oficina Informal*, *Grupo Talca* e *Capa*; além dos quatro coletivos venezuelanos da primeira edição, que nesse momento atuaram como coordenadores, gerenciando a obra e os recursos humanos e financeiros (SIQUEIRA,

²⁶ Os coletivos de arquitetura são apresentados com mais detalhe no bloco COLETIVOS DE ARQUITETURA (p. 69).

²⁷ O coletivo *Already Happening* nunca existiu de fato, sendo criado apenas para formalizar a participação nos *Espacios de Paz* 2015.

2015a). Na intervenção *Barranca Blanca* (2015), estiveram presentes dois coletivos venezuelanos, *PICO Colectivo* e *Taller Independiente*, e um coletivo colombiano, *Ruta 4*.²⁸

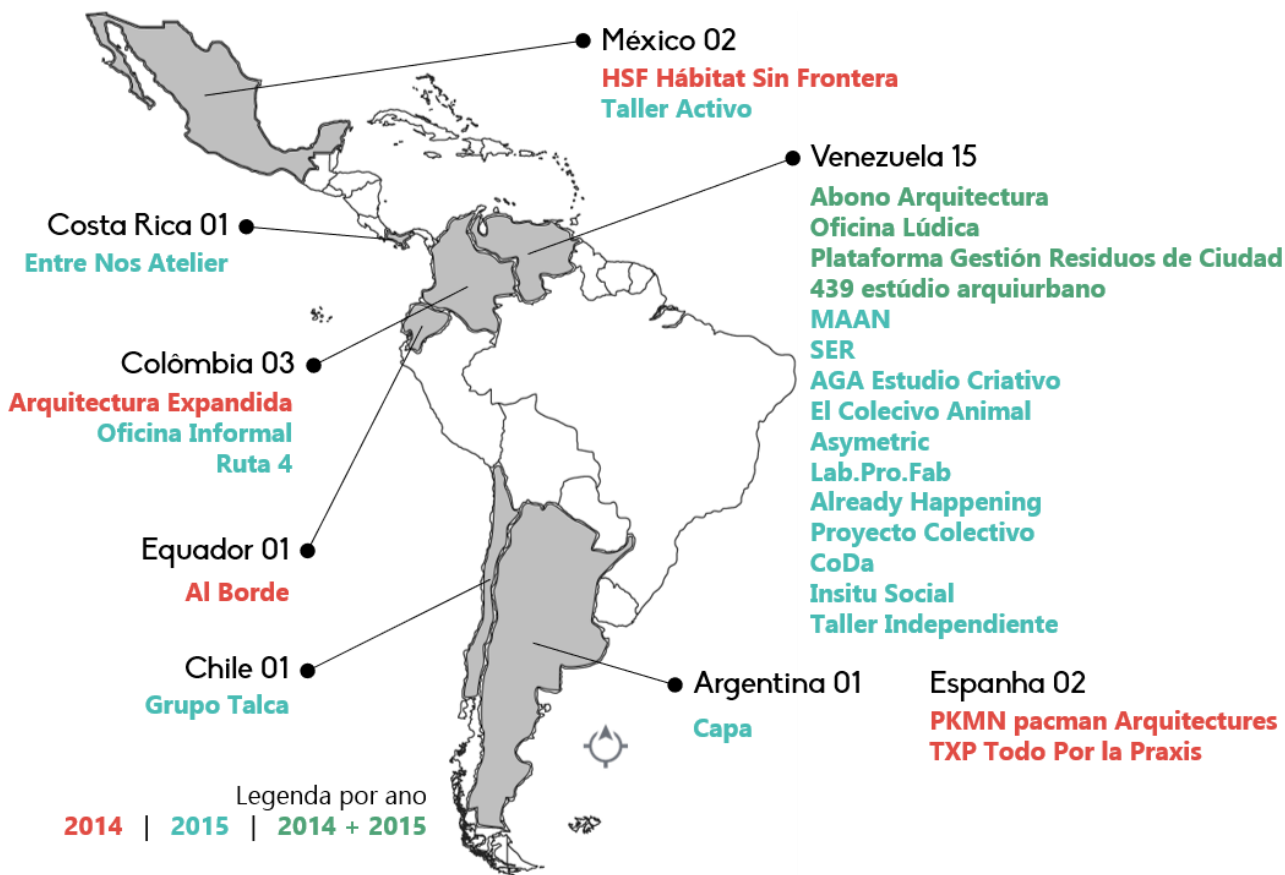


Figura 7_Coletivos de arquitetura mapeados por País
 INE, 2013; Portfolio, 2014; Siqueira, 2015; Elaborado pela autora

²⁸ Partindo do pressuposto que a intervenção *Barranca Blanca*, construída em 2015 na cidade de *Punta Arenas*, foi realizada na Venezuela e segue as mesmas diretrizes das edições de 2014 e 2015, optou-se por mantê-la como objeto de estudo apesar de ter sido desenvolvida de maneira individual. Archdaily Colômbia: <https://www.archdaily.co/co/768936/estacion-de-servicios-turisticos-punta-arenas-colectivo-independientes-plus-ruta-4-plus-pico-estudio>. Acesso: fev. 2021.

3. A participação da comunidade apoiada em um processo de desenho participativo, “desde a formulação até a execução”, e utilizada como um “mecanismo de autogestão”, em que a comunidade está à frente das decisões, proporciona seu envolvimento na construção do espaço público e faz com que os cidadãos se reconheçam no trabalho como um todo. Essa estratégia busca não só a construção de um espaço “para” a comunidade, mas um espaço que seja construído “pela” comunidade, para que se fortaleça “a coesão de bairro e o empoderamento coletivo”, fazendo “uso das instituições governamentais” (PORTFOLIO, 2014, p. 4). Participaram dos *Espacios de Paz* um total de onze comunidades²⁹ (Figura 8) que foram selecionadas previamente por equipes multidisciplinares, sob alguns critérios: possuir um certo nível de organização comunitária, ter contato prévio com o *Movimiento por la Paz y la Vida*, de modo a facilitar o contato inicial, e, principalmente, apresentar altos índices de violência e vulnerabilidade social (PC1, 2019; PC2, 2019).

Na primeira edição (2014), participaram cinco comunidades: *Pinto Salinas* situada em uma área de alta densidade no Distrito Capital, Caracas; *24 de Julio* uma das mais violentas e dominada pelo tráfico de drogas na cidade de Petare, estado de Miranda; *La Florida* constituída através de um processo de ocupação informal no estado de Carabobo; a pequena comunidade indígena *Capitán Chico* que vive da pesca e guarda fortes traços da cultura Añú em Zulia; e *El Chama* localizada em um bairro já consolidado no estado de Mérida (PORTFOLIO, 2014).

Na segunda edição (2015), foram mais cinco comunidades: o bairro *El 70* um dos mais violentos de Caracas e quatro comunidades em outros estados que tem como característica comum a ausência de espaços públicos livres, são elas: *Colinas de Corporiente* no estado de Sucre; a urbanização *Manuel Manrique* em Cojedes; *Los Cerrajones* em Lara; e a *Valle del Pino* em Vargas (SIQUEIRA, 2015a). Além dessas, em 2015, foi realizada uma intervenção individual na cidade litorânea *Punta Arenas*, Estado de Sucre (MINTUR, 2015).

²⁹ As comunidades são apresentadas com mais detalhe no bloco PARTICIPAÇÃO (p. 79).

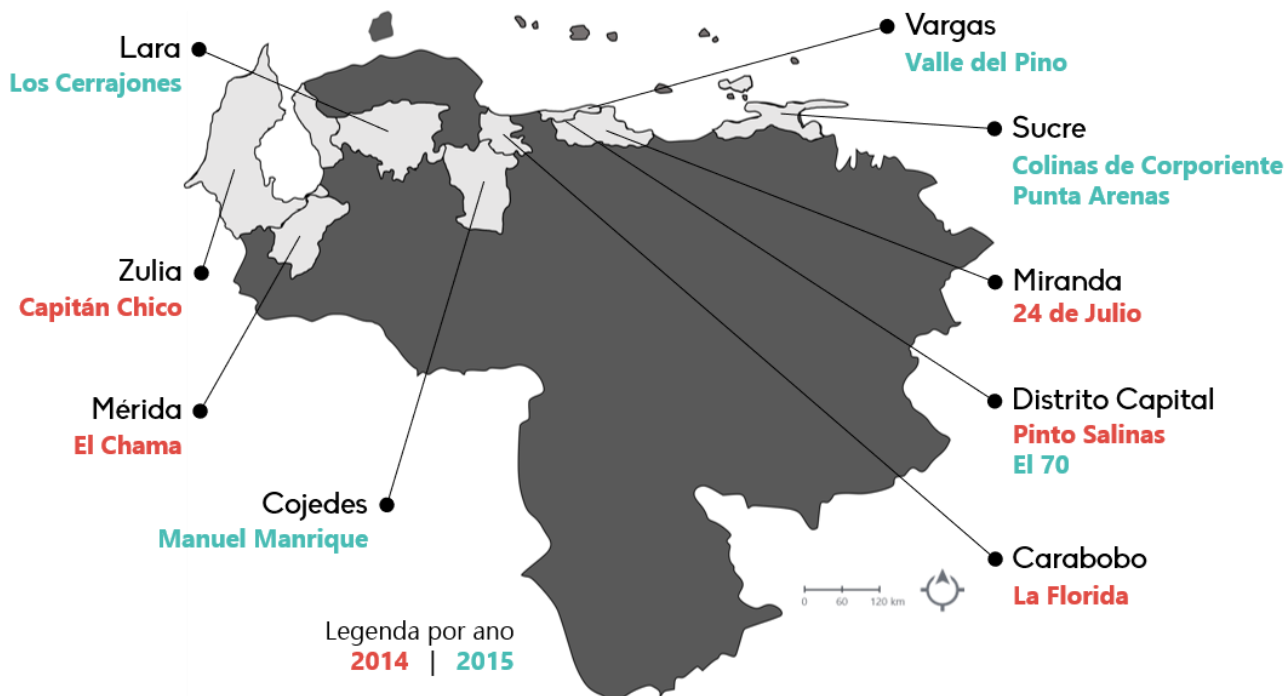


Figura 8_Comunidades mapeadas por Estado

INE, 2013; Portfolio, 2014; Siqueira, 2015; Elaborado pela autora

4. O urbanismo tático³⁰ como prática de intervenção urbana em pequena escala, conhecido também por microcirurgia no espaço ou acupuntura urbana, é adotado nos *Espacios de Paz* como “uma prática de vitalização urbana que põe em crise o modelo dos grandes projetos de renovação” e que centra a “atenção no coletivo local” (PORTFOLIO, 2014, p. 4). A pequena escala apresentava-se como uma importante estratégia de viabilização para execução das intervenções (Figuras 9, 10, 11 e 12) dentro do tempo previsto de 6 semanas, apesar de ter havido algumas intervenções de maior escala, como é apresentado com mais detalhe no bloco URBANISMO TÁTICO (p. 92).

³⁰ O conceito de Urbanismo Tático é abordado sob a ótica de Mike Lydon no bloco URBANISMO tático (p.94).



Figura 9 Intervenções 2014
(1.2.3) PICO Colectivo

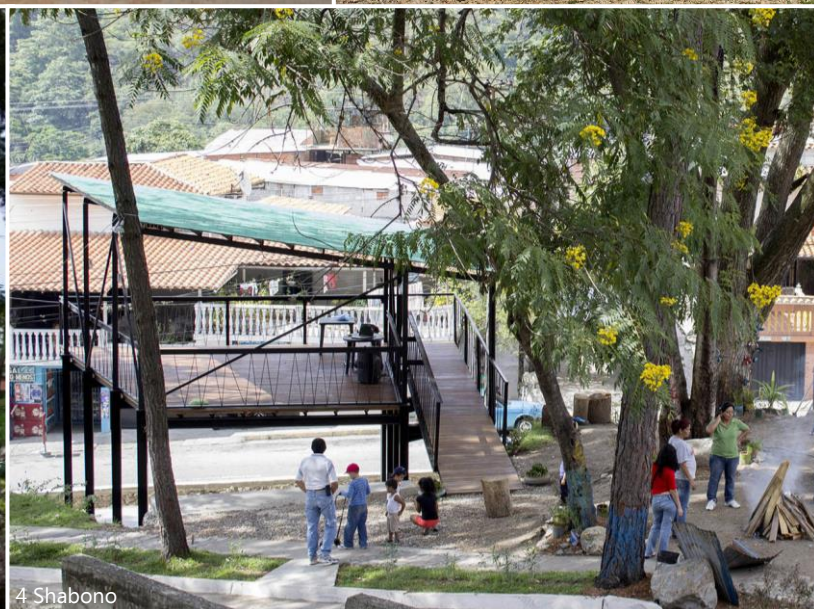


Figura 10 Intervenções 2014
(1.2.3.4) PICO Colectivo



Figura 11_Intervenções 2015
 (1) Miguel Braceli; (2) Jose Bastidas; (3) Jose Tomás Franco



Figura 12_ Intervenções 2015

(1) Guillermo Leon; (2) Facebook Parque Socio-Productivo El Gigante de Los Cerrajones; (3) Irina Urriola; (4) Veo Productores

5. O diálogo entre instituição e comunidade, de acordo com o arquiteto PC2 (2019), é uma estratégia que parece um pouco oculta, mas fundamental para “criar um canal de trabalho que evitaria a burocracia do sistema estatal”, possibilitando a realização efetiva dos projetos e a otimização dos recursos. Ao desburocratizar o diálogo entre atores que não costumam se relacionar, os *Espacios de Paz* “coloca em xeque os paralisantes paradigmas institucionais e governamentais”, criando uma relação de interdependência, em que: o Estado proporciona a viabilização política, social e econômica; os arquitetos e outros profissionais fornecem o conhecimento técnico; e as comunidades direcionam as decisões para atender suas necessidades (CORONEL, 2015, p. 65-66). Para além da viabilidade dos *Espacios de Paz*, essa estratégia tem como finalidade “gerar vias de comunicação e interação entre organizações do governo e comunidades para a conformação de futuras intervenções” (PC1, 2019).

Nas duas edições (2014 e 2015) participaram 7 instituições (Quadro 6):

INSTITUIÇÃO	PERFIL
Gran Misión Saber y Trabajo	criada em 2012 com o objetivo de desenvolver um novo sistema de trabalho produtivo que atendesse a quatro metas de desenvolvimento: 1. Criar um sistema de registro de necessidade e oferta de emprego; 2. Promover um novo marco jurídico e institucional; 3. Relacionar o sistema de formação técnico e profissional com os projetos estratégicos do governo; e 4. Formular um modelo produtivo que fortaleça a democracia participativa e protagonista ³¹
ConstruPatria S.A.	sociedade mercantil que gerencia a distribuição de materiais e insumos para a construção de habitações através de centros de apoio localizados em todo território nacional, funcionando, desde 2014, como entidade anexa à <i>Gran Misión Vivienda Venezuela</i> ³²

³¹ VTV: www.aporrea.org/actualidad/n196184.html. Acesso: nov. 2019.

³² Barrio Tricolor: www.barriotricolor.gob.ve/index.php/sala-prensa/572-construpatria-cumple-dos-anos-como-ente-adscrito-al-minhvi. Acesso: nov. 2019.

Instituto Nacional de Parques	criado em 1973, como instituição anexa ao Ministério do Poder Popular para Ecosocialismo e Águas que tem como missão governar políticas públicas voltadas à proteção e gestão dos Parques Nacionais, Monumentos Naturais e Parques de Recreação. A Educação Ambiental é um dos pilares de ação do Inparques, fornecendo serviços, atrações e atividades educativas que contribuam para o desenvolvimento de uma consciência ambiental ³³
Frente Francisco de Miranda	fundada em 2003, na cidade La Habana em Cuba, por Hugo Chávez e Fidel Castro Ruz diante da necessidade de fortalecer a revolução venezuelana. A FFM é uma organização política que luta pela erradicação da pobreza e pela igualdade social na Venezuela, apoiando as Missões e contribuindo para o desenvolvimento dos programas implementados pelo governo em benefício das classes mais humildes ³⁴
PDVSA La Estancia	criada em 2005 como o braço social e cultural da empresa estatal Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA), atua na organização de eventos culturais, como festivais, exposições, feiras artesanais e gastronômicas, dentre outros. A PDVSA La Estancia funciona de maneira articulada com diferentes entidades governamentais, colaborando com entidades patrimoniais e sociais ³⁵
Museo Nacional de Arquitectura	entidade anexa à Fundação Nacional de Museus, foi criado em 2006 como um espaço direcionado à documentação, difusão e reflexão dos principais temas sobre arquitetura, cidade e design industrial. A programação de suas atividades é estruturada em torno de cinco eixos temáticos centrais e permanentes: história, cidade, ambiente, tectônica e desenho industrial ³⁶

³³ Inparques: www.inparques.gob.ve. Acesso: nov. 2019.

³⁴ Frente Francisco de Miranda: frentefranciscodemirandasocopo.blogspot.com/p/sobre.html. Acesso: nov. 2019.

³⁵ PDVSA: pdvsa.com/index.php?option=com_content&view=article&id=7093&Itemid=577&lang=es. Acesso: nov. 2019.

³⁶ MUSARQ: musarqve.blogspot.com/p/el-museo-nacional-de-arquitecturael.html. Acesso: nov. 2019.

INCES

Instituição pública vincula ao Ministério do Poder Popular pela Educação e encarregada da formação técnica profissional inclusiva e coletiva de trabalhadores para sua incorporação ao processo social de trabalho e capacidade de gerar tecnologia e inovação criadora.³⁷

Quadro 6 Instituições governamentais

Elaborado pela autora

A intervenção *Barranca Blanca*, realizada no âmbito do desenvolvimento do turismo social por iniciativa do *Ministerio del Poder Popular para el Turismo*, contou com a participação das instituições governamentais: *Gran Misión Saber y Trabajo*, *Fondo de Compensación del Consejo Federal de Gobierno*; e *Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida* (MINTUR, 2015).

De acordo com os organizadores, *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e *PICO Colectivo*, os *Espacios de Paz* têm como resultado:

Um projeto de arquitetura colaborativa que visto em sua complexidade de maneira global, tem significado um grande esforço de produção, em que se consegue articular numerosos agentes para trabalhar de maneira conjunta, com um produto de 5 comprovações de espaços públicos no bairro, em processo de consolidação e expansão. O espaço público, em último, é somente um instrumento para empoderar a comunidade de uma ferramenta metodológica que lhe permita trabalhar com autonomia para transformar sua realidade.³⁸ (PORTFOLIO, 2014, p. 4)

Os *Espacios de Paz* tiveram reconhecimento e repercussão internacional em diferentes âmbitos, seja pelas construções propriamente ditas, seja pela proposta de intervenção desenvolvida pelo *PICO Colectivo* (CORONEL, 2015). Em 2015, a edição *Espacios de Paz 2014* ganhou o primeiro Prêmio

³⁷ INCES: <https://inces.gob.ve/index.php/institucion-2/>. Acesso: fev. 2021.

³⁸ Tradução livre da autora: "Un proyecto de arquitectura colaborativa que visto en su complejidad de manera global, ha significado un gran esfuerzo de producción, en el que lograron articular numerosos agentes para trabajar de manera conjunta, con un producto de 5 comprobaciones de espacios públicos en el barrio, en proceso de consolidación y expansión. El espacio público, en últimas, es solo un instrumento para empoderar a la comunidad de una herramienta metodológica que le permita trabajar con autonomía para transformar su realidad." (PORTIFOLIO, 2014, p. 4).

Internacional concedido pela organização *Architecture Sans Frontières* na categoria Produção Social do Habitat, junto com o projeto *La Passaret* na França e o grupo *Building Trust International* por sua atuação na Ásia e África³⁹. Em 2016, as intervenções desenvolvidas, nas edições de 2014 e 2015, foram as grandes protagonistas da exposição *Fuerzas Urbanas* (Figura 13), com curadoria de Rolando Carmona, exibida no pavilhão da Venezuela durante a XV Bienal de Veneza⁴⁰. Além disso, na XX Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito (2016) duas intervenções receberam prêmios individuais, *La Techada*⁴¹ na categoria Reabilitação e Reciclagem e *Los Cerrajones*⁴² na categoria Desenho Urbano e Arquitetura da Paisagem, ambas da edição *Espacios de Paz 2015*.



Figura 13_Exposição *Fuerzas Urbanas*
MAAN

A proposta de intervenção dos *Espacios de Paz* se expandiu para além das fronteiras da Venezuela e serviram de base para projetos no México e em Cuba, ambos realizados em 2015. A experiência dos *Espacios de Paz México* foi desenvolvida na comunidade *Bolaños*, uma das mais violentas da capital Querétaro, e encabeçada pelos coletivos *Bahareque Arquitectura* e *Hábitat Sin Fronteras* com apoio da *Universidad Anáhuac Querétaro* e do *Museo de Arte de Querétaro*, sendo financiado por meio de patrocínio e doação de empresas e pessoas físicas⁴³. A experiência em Cuba realizou-se por iniciativa da *Bienal de Arte de La Habana* na comunidade *Casa Blanca*, localizada na capital *La Habana*, com coordenação do *PICO Colectivo*, participação de arquitetos convidados e apoio de

³⁹ Archdaily: www.archdaily.com.br/br/769349/espacos-de-paz-de-pico-estudio-e-premiado-no-asf-international-awards. Acesso: nov. 2019.

⁴⁰ Archdaily: www.archdaily.com.br/br/785863/forcas-urbanas-a-participacao-venezolana-na-bienal-de-veneza-de-2016. Acesso: nov. 2019

⁴¹ Arquitetura Panamericana: <http://www.arquitecturapanamericana.com/espacios-de-paz-2015-la-techada/>. Acesso: fev. 2021.

⁴² Arquitetura Panamericana: <http://www.arquitecturapanamericana.com/parque-industrial-red-de-unidades-socio-productivas/>. Acesso: fev. 2021.

⁴³ Espacios de Paz Mexico: espaciosdepazmx.tumblr.com. Acesso: nov. 2019.

instituições cubanas e venezuelanas, como *Banco Industrial de Venezuela*, *Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida*, *Ministerio de Cultura de Venezuela*, *PDVSA Cuba* e Embaixadas⁴⁴.

Além das repercussões internacionais, houve também ressonância dos *Espacios de Paz 2014* na Venezuela. O arquiteto LT1 (2020) cita o projeto *La Cineteca* (Figura 14), realizado ao final de 2014 na comunidade *Omar Torrijos*, como uma experiência que se baseou nas diretrizes dos *Espacios de Paz* de “uma intervenção pontual em uma área limitada com a participação ativa dos jovens da comunidade e dos *voceros* populares na construção do espaço”. A intervenção *La Cineteca* contou com a participação dos coletivos *PICO* e *PGRC* que participaram dos *Espacios de Paz 2014* e dos coletivos *Taller Independiente* e *Animal* que participaram posteriormente dos *Espacios de Paz 2015* e com a organização da *Gran Misión Saber y Trabajo*⁴⁵.



Figura 14_ La Cineteca
Rafael Barragán e Jose Bastidas

Como fechamento deste bloco, *ESPACIOS DE PAZ*, especula-se as conexões entre os princípios e as estratégias através de um diagrama que foi construído em três etapas. Na primeira, foram selecionados conceitos que caracterizavam cada princípio e cada estratégia individualmente. Na segunda, esses conceitos foram dispostos ao lado de seu respectivo princípio ou estratégia, nesse momento, percebeu-se a presença de conceitos comuns. E na terceira, foram construídas conexões entre princípios e estratégias através dos conceitos que eram comuns a eles. Ao final, o diagrama foi organizado da seguinte maneira: os cinco princípios à esquerda; os conceitos ao centro; as cinco estratégias à direita; e as linhas que representam as conexões (Figura 15).

⁴⁴ Vimeo: <https://vimeo.com/134158194> e <https://vimeo.com/134158194>. Acesso: fev. 2021.

⁴⁵ Plataforma Arquitectura: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/764600/la-cineteca-equipamiento-colectivo-para-la-consolidacion-de-las-comunidades>. Acesso: fev. 2021.

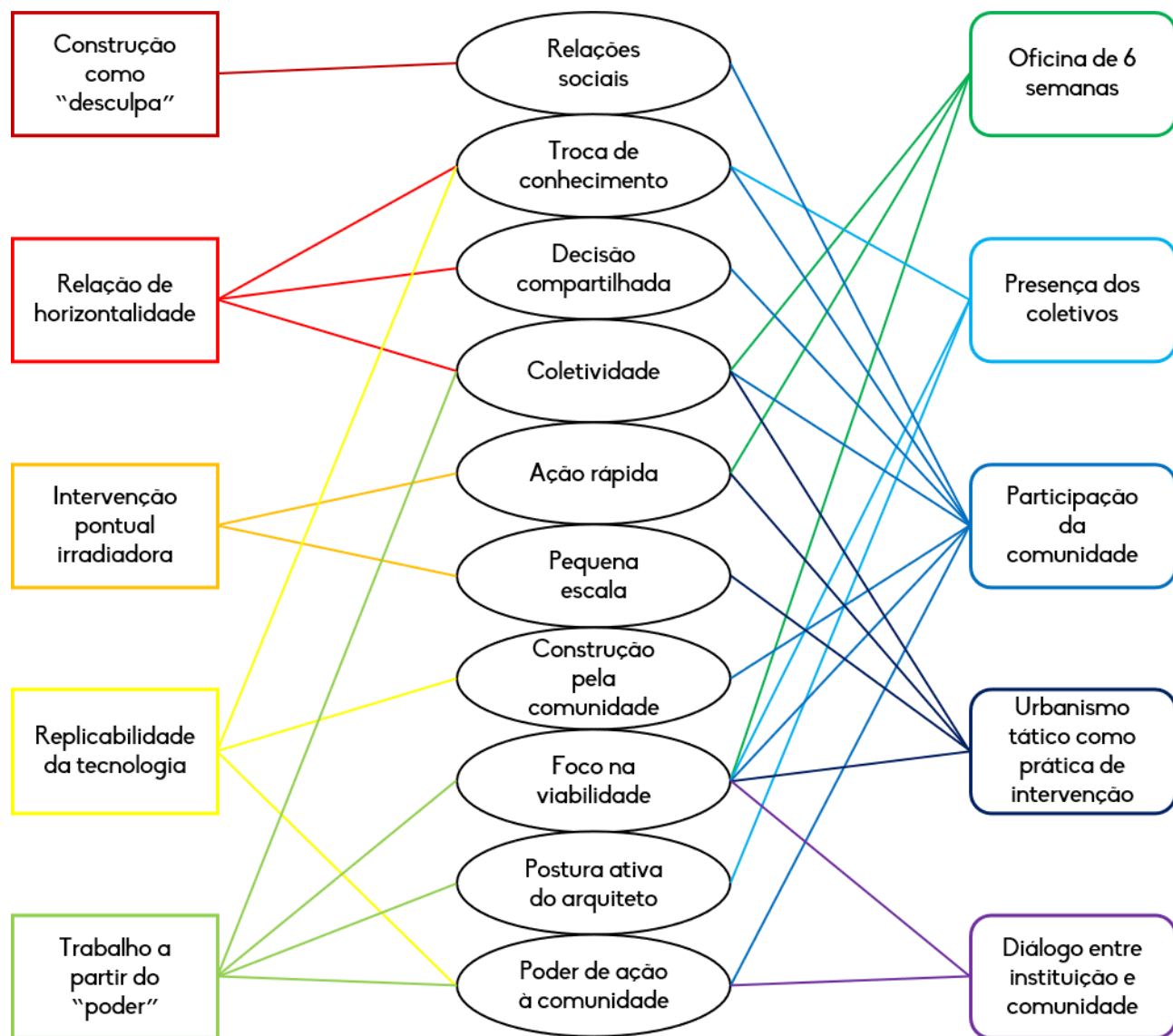


Figura 15_Conexões entre princípios e estratégias

Elaborado pela autora

Com a construção do diagrama final é possível fazer diversas leituras que apontam para as conexões entre princípios e estratégias. A leitura pode iniciar por algum princípio, por exemplo, o princípio da **construção como “desculpa”** se conecta com a estratégia da **participação da comunidade** através do conceito das relações sociais. Essa leitura também pode ser feita partindo de alguma estratégia, por exemplo, a estratégia **presença dos coletivos** se conecta com dois princípios, **relação de horizontalidade** e **replicabilidade tecnológica**, através do conceito da troca de conhecimento, e com o princípio do **trabalho a partir do “poder”** através de dois conceitos, foco na viabilidade e postura ativa do arquiteto. Uma outra leitura pode ser feita partindo de algum conceito, por exemplo, o conceito coletividade conecta dois princípios **relação de horizontalidade** e **trabalho a partir do “poder”** com três estratégias **oficina de 6 semanas**, **participação da comunidade** e **urbanismo tático como prática de intervenção**.

Através dessas leituras, que o diagrama proporciona, é possível identificar algumas conexões importantes. Quando a leitura parte dos princípios nota-se tanto um certo equilíbrio na ligação com os conceitos quanto a presença de conceitos compartilhados, como o conceito do poder de ação à comunidade compartilhado por dois princípios, **replicabilidade tecnológica** e **trabalho a partir do “poder”**, apontando um certo equilíbrio entre os princípios. Quando a leitura parte das estratégias percebe-se tanto um maior número de ligações, indicando que cada estratégia está direcionada a atender mais de um princípio, quanto a força da estratégia **participação da comunidade**, que se liga a quatro dos cinco princípios através de sete conceitos. Já quando a leitura é focada nos conceitos, percebe-se que diversos conceitos se ligam a mais de um princípio e/ou a mais de uma estratégia, nesse caso, pode-se destacar o conceito do foco na viabilidade que apesar de estar ligado a apenas um princípio, **trabalho a partir do “poder”**, se relaciona com todas as estratégias.

De maneira geral, o diagrama de conexões mostra uma coerência e uma complementaridade entre os princípios e as estratégias. Porém, é possível destacar três estratégias como estruturantes: a **presença dos coletivos** que traz a figura do arquiteto como participante ativo no processo; a **participação da comunidade** que coloca o morador como protagonista no desenvolvimento do

espaço, principalmente nos momentos de decisões; e a estratégia do **urbanismo tático como prática de intervenção** que busca focar os esforços na realidade local através de uma construção rápida e em pequena escala.

Em síntese, pode-se dizer que o pensamento por trás das intervenções produzidas pelos *Espacios de Paz* na Venezuela está apoiado em cinco princípios e cinco estratégias (Quadro 7) que buscam atender os objetivos propostos pelos organizadores e que guardam fortes conexões entre si. Para a melhor compreensão entre os princípios e as estratégias dos *Espacios de Paz* e o processo de construção das intervenções, faz-se necessário o aprofundamento teórico a respeito de três estratégias, consideradas estruturantes: a **presença dos coletivos**; a **participação da comunidade**; e o **urbanismo tático como prática de intervenção**. Os instrumentos conceituais que se referem a cada uma dessas estratégias são abordados em um bloco próprio: COLETIVOS DE ARQUITETURA (p. 69); PARTICIPAÇÃO (p. 79); e URBANISMO TÁTICO (p. 92).

PRINCÍPIOS	ESTRATÉGIAS
1. Construção como “desculpa”	1. Oficina de 6 semanas simultânea
2. Relação de horizontalidade	2. Presença dos coletivos de arquitetura
3. Intervenção pontual irradiadora	3. Participação da comunidade
4. Replicabilidade tecnológica	4. Urbanismo tático como prática de intervenção
5. Trabalho a partir do “poder”	5. Diálogo entre instituição e comunidade

Quadro 7_Princípios e estratégias
Elaborado pela autora

REFERÊNCIAS

- CASTILLO, Juan Carlos. **Poder para as pessoas**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 64-66, ago. 2015. Entrevista concedida a Mariana Siqueira.
- CORONEL, Marcos. **Poder para as pessoas**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 64-66, ago. 2015. Entrevista concedida a Mariana Siqueira.
- LT1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. mar. 2020. Entrevista concedida a autora.
- MD1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. set. 2019. Entrevista concedida a autora.
- MINTUR, Prensa. **Sucre: Punta Arenas estrena Espacio de Paz**. 30 MAR 2015. *Aporrea*. Disponível em: <<https://www.aporrea.org/regionales/n267865.html>>. Acesso: 12 fev. 2021.
- PC1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos do PICO Colectivo**. out. 2019. Entrevista concedida a autora.
- PC2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos do PICO Colectivo**. set. 2019. Entrevista concedida a autora.
- PORTFOLIO. **Espacios de Paz 2014 Venezuela**. Caracas: Comisión Presidencial del Movimiento por la Paz y la Vida e PICO Estudio, 2014.
- RANGEL, Karen. **Informe “El Movimiento por la Paz y la Vida”**. Ciudad Bolívar: Instituto Universitario de Tecnología del Estado Bolívar, 2014.
- SIQUEIRA, Mariana. **Arquitetura da Paz**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 52-63. ago. 2015a.
- _____, Mariana. **Poder para as pessoas**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 64-66. ago. 2015b.

2.2. COLETIVOS DE ARQUITETURA

O QUE É COLETIVO DE ARQUITETURA?

As transformações políticas, econômicas e sociais do início do século XXI na América Latina⁴⁶, em termos de estabilidade política, crescimento econômico e governos preocupados em combater as desigualdades sociais, conformaram um ambiente propício para um aumento quantitativo e qualitativo na produção arquitetônica da região (LARA, 2013). O resultado dessa produção pode ser visto, dentre outros enfoques, a partir da atuação dos coletivos de arquitetura que se disseminaram na América Latina com propostas sociais, coletivas e locais. Destarte, a primeira parte deste bloco –

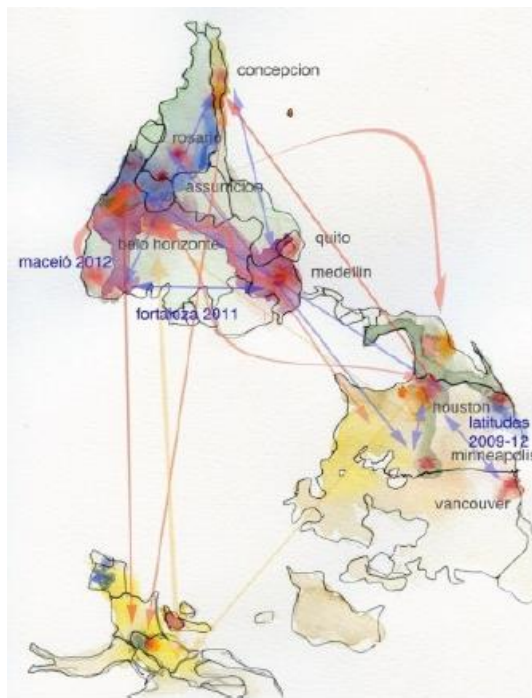


Figura 16_Cartografia conexões reais e virtuais
LARA, 2012

COLETIVOS DE ARQUITETURA – tem como foco identificar as características e particularidades dos coletivos de arquitetura latino-americanos.

A arquitetura contemporânea na América Latina formada por um “intenso campo de articulações, redes, conexões, vinculações, contaminações e reciprocidades” se manifesta das mais diferentes formas, uma delas é a associação em grupos, escritórios ou coletivos de arquitetura, em que os arquitetos se articulam em equipes temporárias de acordo com a natureza da demanda (GONÇALVES, 2013, p. 57). A cartografia “conexões reais e virtuais” (Figura 16), elaborada por Fernando Lara com base na pesquisa sobre arquiteturas contemporâneas na América Latina, representa muito bem a fluidez e a complexidade dessas interações entre

⁴⁶ Essas transformações são abordadas com mais detalhe no bloco CONJUNTURA LATINO-AMERICANA (p. 15).

os jovens arquitetos latino-americanos (LARA, 2012). Além disso, o mapa destaca cidades e datas, fazendo referência a eventos que, de alguma maneira, articulam essas interações, como é o caso de “fortaleza 2011”, ressaltando a primeira edição do Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos.

Os coletivos de arquitetura embora não sejam um tipo de associação específica da América Latina, aqui ganharam força e protagonismo, principalmente, em projetos com forte engajamento social e assentados nos problemas e situações das realidades locais. Segundo Montaner (2014), “em arquitetura e urbanismo, o essencial não é o protagonismo dos indivíduos, mas sim dos coletivos, das relações intersubjetivas no contexto” e é nesse sentido que reside a atuação dos coletivos de arquitetura não só na América Latina (MONTANER, 2014, p. 14). As problemáticas sociais e urbanas típicas das grandes cidades latino-americanas exigem dos arquitetos uma maneira própria de lidar com a realidade local e essa pode ser considerada a particularidade da atuação dos coletivos de arquitetura na América Latina, como expressa o arquiteto argentino Rafael Iglesia:

Somos mais geográficos que históricos (não temos um passado que nos usa). A paisagem é o que nos torna compatriotas. E isso de alguma maneira implica pontos de vistas comuns. E o fato de olharmos pela mesma janela nos pressupõe habitantes do mesmo teto. (IGLESIA *apud* PUNTONI, 2008)⁴⁷

Esses grupos criativos e ativistas buscam a possibilidade de realizar suas propostas no entorno social e de avançar na expressão de uma nova subjetividade para a cidade e de um urbanismo alternativo. Pode-se dizer que o ponto convergente dos coletivos é “projetar e fazer coisas úteis e significativas com poucos meios e economia de recursos em estreita relação com seu contexto” (MONTANER, 2014, p. 150). Além desse, os coletivos de arquitetura possuem outros pontos em comum, como a colaboração em rede, o trabalho coletivo, o compromisso social e o amplo espectro de atuação.

⁴⁷ Tradução livre da autora: “Somos más geográficos que históricos (no tenemos un pasado que nos una). El paisaje es lo que nos hace paisanos. Y esto de alguna manera implica puntos de vista comunes. Y el hecho de ver por la misma ventana nos presupone habitantes bajo el mismo techo”. IGLESIA, Rafael. Arquitectura latinoamericana? (ballenas, mariposas, camellos, entre otras cosas) *apud* PUNTONI, Álvaro. Desconstruindo Muros imaginários. *Revista AU*, São Paulo, ano 3, n. 172, jul. 2008. O link fornecido no artigo para a citação direta não está disponível.

A colaboração em rede acontece por diferentes meios, físicos e virtuais, em que a troca de conhecimento e experiência é o objetivo primeiro, mas também abre espaço para o debate sobre teoria e prática na arquitetura e no urbanismo. A participação e/ou organização de eventos, como bienais, exposições, feiras, fóruns e seminários possibilita o contato direto entre os arquitetos e suas produções. No segundo semestre de 2019, por exemplo, aconteceram bienais de arquitetura em diversas cidades na América Latina: São Paulo, em setembro; e Santiago do Chile, Assunção e Buenos Aires em outubro. Nos anos de 2011, 2013 e 2015 realizou-se, em Fortaleza, o Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos (FJAL) em que coletivos e arquitetos de vários países se reuniram para discutir formas de encarar e resolver os problemas cada vez mais complexos das cidades latino-americanas. De acordo com Lara (2013), os encontros físicos fortalecem a rede de colaboração, pois proporciona o contato pessoal entre os arquitetos.

Essa colaboração também acontece no âmbito virtual, fazendo uso das novas tecnologias de comunicação que possibilitam a troca de informação em tempo real e a formação de plataformas conjuntas de ação (GONÇALVES, 2013; MONTANER, 2014). O site *Arquitecturas Colectivas* reúne pessoas e coletivos de todo o mundo que buscam promover “a construção participativa do entorno urbano”⁴⁸, cerca de 12 coletivos de arquitetura latino-americanos fazem parte dessa rede. O coletivo internacional *Supersudaca*, fundado em 2001, agrupa arquitetos latino-americanos da Argentina, Bolívia, Chile, Peru, Uruguai e profissionais da Bélgica com objetivo de refletir e investigar sobre arquitetura e urbanismo, conectando “a arena arquitetônica latino-americana geralmente desconectada, com projetos diretamente relacionados à percepção do público, como espaços de lazer, espaços públicos e instalações”⁴⁹.

O trabalho coletivo se dá tanto na organização interna dos coletivos quanto em parceria com outros coletivos ou arquitetos. A relação de horizontalidade dentro do grupo se contrapõe à hierarquização dos escritórios tradicionais de arquitetura, pois não há distinção entre os colaboradores. Nesse

⁴⁸ Arquitecturas Colaborativas: arquitecturascolectivas.net. Acesso: nov. 2019.

⁴⁹ Supersudaca: supersudaca.org/blog/?page_id=1149. Acesso: nov. 2019.

sentido, a autoria se dilui no processo, dando relevo ao coletivo e contrapondo-se à individualidade típica do *star system*, e o processo de projeto passa a fazer parte da obra. Outra característica da organização interna dos coletivos de arquitetura é a fluidez da equipe, que se recompõe continuamente (MONTANER, 2014). Alguns coletivos possuem uma formação multidisciplinar com profissionais de outras áreas, como é o caso do *Coletivo Goma Oficina*, de São Paulo, que possui na sua equipe arquitetos, fotógrafos, designers, produtores e educadores⁵⁰.

A parceria com outros coletivos ou arquitetos acontece, por exemplo, em função da participação em concursos, como é o caso do coletivo *El Equipo Mazzanti*. De acordo com Gonçalves (2013), o arquiteto Giancarlo Mazzanti, fundador do coletivo, pode ser considerado um agente catalisador em função da sua “rotina profissional diversa e orgânica”, ao estabelecer inúmeras associações e participar regularmente de vários concursos (GONÇALVES, 2013, p. 224). Nos concursos lançados em Medellín para a construção dos Parques-Biblioteca (PB), por exemplo, Mazzanti participou de quatro: os PBs Santo Domingo Savio (2005) e Leon de Greiff (2007) projetados com sua equipe foram executados; o PB San Javier (2005) projetado em parceria com Camilo Respreto (Figura 17) e o PB San Cristóbal (2009) realizado em conjunto com Felipe Mesa, do coletivo *Plan B* (Figura 18), não foram executados (GONÇALVES, 2013, p. 224-229).

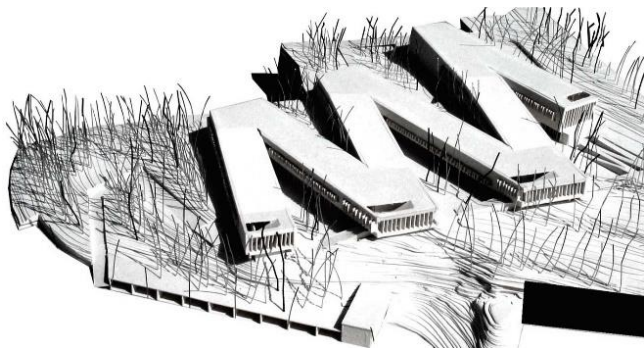


Figura 17_Parque-Biblioteca San Javier
El Equipo Mazzanti



Figura 18_Parque-Biblioteca San Cristóbal
El Equipo Mazzanti

⁵⁰ Goma Oficina: gomaoficina.com/sobre/sobre-a-goma-about/. Acesso: nov. 2019.

O compromisso social dos coletivos de arquitetura implica uma postura mais ativa do arquiteto que toma para si a responsabilidade de enfrentar os problemas sociais através da arquitetura. Esse compromisso social se manifesta das mais diversas maneiras na atuação dos coletivos, algumas delas são: projetos pensados com poucos meios e economia de recursos; soluções para os problemas locais específicos; utilização dos processos de projeto participativo⁵¹ como construção social; experiência como ponto de partida; dentre outras (MONTANER, 2014). O argentino *Estudio a77*, por exemplo, trabalha com a reutilização de matérias descartados pela indústria na produção de objetos em escala arquitetural para o uso cotidiano, nos projetos de habitação experimental e na criação de instituições temporárias, buscando ativar dinâmicas sociais em espaços urbanos⁵².

O coletivo venezuelano *Urban-Think Tank* (U-TT) tem como filosofia “oferecer soluções inovadoras e práticas através das habilidades combinadas de arquitetos, engenheiros civis, planejadores ambientais, paisagistas e especialistas em comunicação” através da criação de pontes entre a indústria do primeiro mundo e as áreas urbanas informais do terceiro mundo. Nesse sentido, o U-TT desenvolveu o projeto de um estádio vertical para ser construído nos pequenos campos esportivos



Figura 19_Ginásio Chacao
Urban-Think Tank

degradados dentro das comunidades carentes de Caracas. A proposta parte de uma estrutura modular flexível passível de expansão que se adapta facilmente à topografia e às particularidades do terreno e pode ser montada em poucos meses e com baixo custo. O primeiro complexo de recreação e esporte foi construído em 2004 na comunidade de Chacao (Figura 19) e em seguida foram executados outros quatro ginásios na capital venezuelana⁵³.

⁵¹ O processo de projeto participativo é abordado com mais detalhe no bloco PARTICIPAÇÃO (p. 79).

⁵² Estudio a77: estudioa77.com/?page_id=11. Acesso: nov. 2019.

⁵³ Urban-Think Tank: u-tt.com. Acesso: nov. 2019.

Os coletivos de arquitetura trabalham com um amplo espectro de atuação, suas propostas vão da grande à pequena escala, de construções permanentes às intervenções temporárias, da reflexão teórica à execução prática, da tecnologia de ponta às técnicas e materiais locais, dentre outras. O *Elemental Chile* fundado pelos arquitetos Alejandro Aravena e Pablo Allard e pelo engenheiro Andrés Iacobelli, por exemplo, tem se destacado pelo trabalho desenvolvido no âmbito da habitação de interesse social desde a experiência na Quinta Monroy, em Iquique (MONTANER, 2014).

A experiência baseia-se no Princípio de Incrementalidade, em que parte da edificação (estrutura, instalações, escadas e cobertura) é projetada e construída pelos profissionais enquanto a outra (acabamentos e divisórias) fica a cargo do morador, a proposta visa reduzir o custo da unidade básica para aumentar a quantidade de habitações sem perder a qualidade dos espaços com as expansões futuras (MARTINS; VIDO; OLINI, 2017). Os quatro projetos de habitação incremental (Figura 20) desenvolvidos pelo grupo estão disponíveis para download no site.

O *Grupo TOMA* também chileno, por outro lado, concentra-se no desenvolvimento de projetos experimentais de ação e investigação a respeito dos conflitos entre comunidade e território no contexto neoliberal. A postura ativista do coletivo se baseia na ideia que os cinco amigos – Mathias Klenner, Ignacio Rivas, Ignacio Saavedra, Eduardo Pérez e Leandro Cappetto – possuem do “arquiteto como mediador, como entidade capaz de vincular organizações e de



Figura 20_Habitação incremental
MARTINS; VIDO; OLINI, 2017, p. 7



Figura 21 _Intervenções urbanas
TOMA Portofolio, p. 17-21

conectar poderes políticos e econômicos”. A proposta do coletivo tem como foco a transformação de espaços industriais antigos em novas instalações com projetos temporários que privilegiam o impacto social e a memória sobre a duração e a materialidade.⁵⁴ Diversas intervenções urbanas (Figura 21) realizadas pelo grupo estão compiladas no TOMA Portofolio⁵⁵ produzido em junho de 2016, algumas delas são: “*El Comedor*”, estrutura itinerante com cobertura e mobiliário que formam uma área de refeição pública e “*El Laberinto*”, intervenção montada durante o Festival *Hecho en Casa* realizado em Santiago do Chile.

Em síntese, os coletivos de arquitetura latino-americanos, assim como os coletivos de outros países, são grupos formados por profissionais de arquitetura e áreas afins que, para além das particularidades de cada grupo, compartilham modos de atuar,

pensar e projetar comuns, como: a colaboração em rede, o trabalho coletivo, o compromisso social e o amplo espectro de atuação (Quadro 8). Com base nessas características comuns, toma-se os coletivos de arquitetura como instrumento conceitual para analisar a presença dos coletivos de arquitetura ao longo do processo de construção dos *Espacios de Paz*.

COLETIVOS DE ARQUITETURA

colaboração em rede

trabalho coletivo

compromisso social

amplo espectro de atuação

Quadro 8 _Características dos coletivos de arquitetura

Elaborado pela autora

⁵⁴ Plataforma Arquitectura: www.plataformaarquitectura.cl/cl/774552/architecture-and-activism-santiagos-emerging-practice-grupo-toma. Acesso: nov. 2019.

⁵⁵ Issuu: issuu.com/grupotoma/docs/portafolio_toma_june_2016_light. Acesso: nov. 2019.

CONHECENDO OS COLETIVOS!

A segunda parte deste bloco – COLETIVOS DE ARQUITETURA – tem como enfoque a apresentação dos coletivos de arquitetura convidados a participar dos *Espacios de Paz* em 2014 e 2015 com objetivo de conhecer melhor esses atores. Para isso, foi elaborado um quadro-perfil⁵⁶ (Quadro 9) para cada coletivo, em que foram sintetizadas as informações fornecidas pelo grupo em seus sites e perfis sociais através das quatro características identificadas na primeira parte do bloco (Quadro 8). Foram construídos 17 quadros-perfis completos e 9 com informações básicas, totalizando os 26 coletivos nacionais e estrangeiros participantes.

NOME DO COLETIVO

DESDE:

FUNDADORES / DIRETORES:

LOCALIDADE:

ESPACIOS DE PAZ:

COLABORAÇÃO EM REDE

Identificação dos eventos em que o coletivo esteve envolvido, como organizador ou participante; as redes virtuais que participa; e outras atividades que incentivam a troca de conhecimento e experiência

TRABALHO COLETIVO

Identificação de outras áreas que estão envolvidas nas atividades do coletivo, assim como a parceria com outros coletivos ou arquitetos nas mais diversas áreas

COMPROMISSO SOCIAL

Identificação da realização de trabalhos com poucos meios e economia de recursos e a utilização da participação do usuário no processo de projeto

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

Identificação da variedade de projetos elaborados pelo coletivo

Fonte: site e/ou facebook.

Quadro 9_Modelo quadro-perfil

Elaborado pela autora

⁵⁶ Para tornar a leitura mais fluída, os quadro-perfis foram inseridos no bloco APÊNDICES (p. 167).

Com o estudo individual de cada coletivo foi possível perceber uma forte aproximação de pensamento e prática projetual entre eles. Em relação à colaboração em rede, percebeu-se que a maioria participa de Bienais de Arquitetura tanto nos seus países quanto em outros, fortalecendo a troca de conhecimento e experiência. A Bienal de Arquitetura de Veneza em 2016 dirigida por Aravena abriu espaço para a participação dos coletivos de arquitetura latino-americanos ao propor a discussão e reflexão sobre os desafios cotidianos dos arquitetos frente às condições de vida nos mais diversos contextos políticos, geográficos, sociais e econômicos. Em relação ao trabalho coletivo percebe-se uma ampla integração entre os arquitetos e os profissionais de outras áreas e com o ambiente acadêmico. Muitos coletivos atuam em parceria com universidades, desenvolvendo projetos e oficinas que proporcionam aos alunos uma imersão não só na prática profissional, mas principalmente na realidade local, além disso, muitos arquitetos desses coletivos atuam na área acadêmica como professores e pesquisadores.

Para além dos projetos com poucos meios e recursos limitados e da participação da comunidade, o compromisso social desses coletivos se revela no desejo de transformar a realidade dos menos favorecidos, oferecendo-lhes conhecimento, técnica e empoderamento através do envolvimento com o fazer arquitetônico. A diversidade no espectro de atuação não se dá apenas entre os coletivos, mas principalmente dentro de cada um, percebe-se que os grupos estudados desenvolvem projetos em diferentes áreas, pois entendem que para haver uma transformação da realidade social é preciso ir além da intervenção física e gerar reflexão e pensamento crítico tanto entre os arquitetos quanto dentro das próprias comunidades.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Emergências latino-americanas [manuscritos]: arquitetura contemporânea 1991-2011**. Goiás: Universidade de Goiás, 2013. 303 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Goiás, 2013.

LARA, Fernando. **Cartografias imprecisas: mapeando arquiteturas contemporâneas na América Latina**. Arquitextos, São Paulo, ano 13, n. 150.02, Vitruvius, nov. 2012.

_____, Fernando. **Reinventando a América**. In: BRAGA, Bruno M.; RIBEIRO, Igor L.; LIMA, Lara S. (Org.). FJAL: Inserções numa realidade periférica. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 35-47.

MARTINS, Jaqueline; VIDO, Lucas G.; OLINI, Patrícia B. B.. **FLEXIBILIDADE NA MORADIA SOCIAL: A experiência do escritório ELEMENTAL com o Princípio de Incrementalidade**. In: Fórum Habitar, 4., 2017, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável – IEDS, 2017.

MONTANER, Josep Maria. **Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de la acción**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

2.3. PARTICIPAÇÃO

O QUE É PARTICIPAÇÃO?

No final do século XX é possível perceber uma retomada do engajamento social na produção arquitetônica dos arquitetos latino-americanos e da participação do usuário no processo de projeto, fatores internos e externos à disciplina contribuíram para essa retomada. Partindo do contexto da América Latina, a primeira parte deste bloco – PARTICIPAÇÃO – tem como propósito discutir a ideia de participação enquanto instrumento conceitual que extrapola a presença do usuário no processo de projeto ou do cidadão no planejamento urbano. Para isso, o termo é abordado sob três âmbitos: da Teoria da Arquitetura e do Urbanismo; do Projeto Arquitetônico e do Planejamento do Território. Busca-se, com isso, definir as principais características dessa participação.

O “processo de integração e autoconhecimento” da arquitetura latino-americana ganha relevo em 1985 com a Bienal de Arquitetura de Buenos Aires e o Seminário de Arquitetura Latino-americano (SAL) em que o pensamento crítico foi embalado pelo novo olhar proposto por Marina Waisman, Fernández Cox e Felipe Hernández⁵⁷. A perspectiva de ser “o centro de nós mesmos”, como propõe Waisman, direciona o debate para as problemáticas locais e a valorização da diversidade das arquiteturas produzidas na América Latina (LARA, 2013, p. 38). Essa visão resgata e dá força à ideia proposta pelo artista uruguaio Joaquín García de inverter

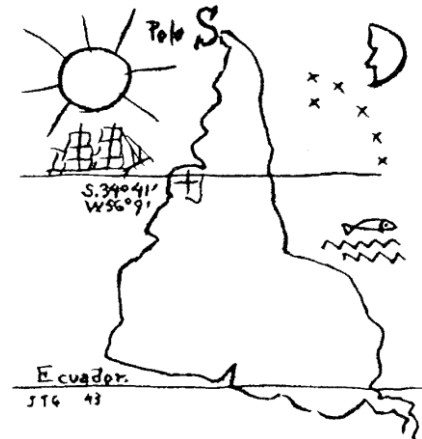


Figura 22_ El norte es el Sur
Joaquín Torres García, 1935 (COSTA, 2011)

⁵⁷ Marina Waisman propõe a ideia de “modernidade divergente” que “dá ao arquiteto latino-americano uma postura ativa, um agenciamento próprio”, essa visão aproxima-se da “modernidade apropriada” lançada por Fernández Cox em que a modernidade latino-americana seria “apropriada no sentido de própria, correta, que faz sentido”, mas também “no sentido de absorvida, a que tomamos posse”. Felipe Hernández defende a ideia de “transculturação” baseada nas teorias de Fernando Ortiz e que “entende o processo como uma troca em que ambos os lados são modificados, embora os impactos sejam quase sempre desiguais.” (LARA, 2013, p. 36-37)

o mapa da América Latina (Figura 22) como um chamado para a busca por caminhos próprios e a valorização do legado local (COSTA, 2011).

Somando-se ao debate arquitetônico, o contexto político e econômico do período, com o processo de redemocratização na década de 1990 e o posterior giro à esquerda no início do século XXI⁵⁸, conformaram um cenário favorável para o enfrentamento da dimensão social e política de interesse coletivo pelo viés da participação do usuário no processo de concepção e execução do projeto arquitetônico. No Brasil, a assessoria técnica USINA Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado (Usina CTAH) é um exemplo dessa atuação voltada para as questões sociais locais. A Usina CTAH propõe uma reestruturação do sistema de mutirões habitacionais, tão comum na América Latina, com uma proposta que une o conhecimento técnico dos arquitetos com as necessidades da população por meio da assessoria técnica.

Fundada em 1990 por profissionais de diferentes campos disciplinares, a Usina CTAH atua na articulação de processos que “envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores” através da mobilização de recursos no contexto de lutas pelas Reformas Urbana e Agrária. Para além dos projetos habitacionais, o grupo se dedica ao desenvolvimento de centros comunitários, escolas, creches, planos urbanísticos, projetos de urbanização e artes visuais, buscando “integrar e engendrar processos alternativos à lógica do capital através de experiências sociais, espaciais, técnicas e estéticas contra-hegemônicas”⁵⁹. Assim como a Usina CTAH no Brasil, outras iniciativas sociais surgiram em diversos países latino-americanos, como o projeto de reestruturação da cidade de Medellín, a atuação dos diversos coletivos de arquitetura e o próprio *Espacios de Paz*.⁶⁰

No âmbito da Teoria da Arquitetura e do Urbanismo utiliza-se como referência o livro *Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de la acción* de Josep Maria Montaner, lançado em 2014,

⁵⁸ O contexto político e econômico é abordado com mais detalhe no bloco CONJUNTURA LATINO-AMERICANA (p. 15).

⁵⁹ Usina-ctah: www.usina-ctah.org.br/sobre.html. Acesso: nov. 2019.

⁶⁰ Apresentados respectivamente nos blocos CONJUNTURA LATINO-AMERICANA (p. 15), COLETIVOS DE ARQUITETURA (p. 79) e *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

em que o autor apresenta o processo de participação como uma ferramenta do ativismo na arquitetura. Essa arquitetura, a qual Montaner se refere, é proposta por ele como uma "arquitetura da ação" em que os limites do diagrama e do individualismo é extrapolado e se coloca em destaque a ação social através do papel ativo dos arquitetos (MONTANER, 2014, p. 129).

Segundo Montaner (2014), o ativismo na arquitetura se manifesta das mais diversas maneiras. Desde a ação crítica e performática da "*anarquitectura*" proposta por Gordon Matta-Clark (1943-1978) com intervenções na paisagem urbana e em edifícios existentes, como o *Conical Intersect* (Figura 23), um buraco em forma de tornado que atravessava dois edifícios ao lado da construção do Centro Georges Pompidou realizado durante a Bienal de Paris em 1975 como uma crítica à gentrificação urbana⁶¹ (MONTANER, 2014). Até os projetos modulares do colombiano Giancarlo Mazzanti que propõe uma arquitetura aberta para a adaptação em diferentes contextos, como o *Bosque de la Esperanza* (Figura 24), uma coberta construída com módulos hexagonais que define uma praça para atividades esportivas na comunidade Altos de Cazucá, Colômbia (2011) (MONTANER, 2014).



Figura 23_ *Conical Intersect*

www.guggenheim.org/artwork/5211. Acesso: nov. 2019.



Figura 24_ *Bosque de la Esperanza*

El Equipo Mazzanti

⁶¹ Guggenheim: www.guggenheim.org/artwork/5211. Acesso: nov. 2019.

O processo de participação como ferramenta do ativismo na arquitetura, de acordo com Montaner (2014), tem como ponto de partida os valores do entorno, suas condições físicas e sociais, as necessidades futuras de seus usuários e a memória social do lugar. Além disso, a participação dos usuários enriquece o projeto arquitetônico, pois são eles quem melhor conhecem o entorno, as histórias, quem o habita e o experimenta cotidianamente. Porém, para o autor esse é um ponto de atenção, pois é preciso interpretar os dados fornecidos pelos usuários ou habitantes de maneira crítica, a fim de evitar a consolidação de conflitos ou de privilegiar a visão de um determinado grupo. Portanto, a participação ampla com o maior número possível de pessoas, sem distinção de gênero ou idade, e que elas expressem suas ideias e desejos é imprescindível para obtenção de bons resultados (MONTANER, 2014). Para Montaner (2014), a ênfase na participação dos habitantes e na valorização da arquitetura em relação ao seu funcionamento e sua introdução no meio físico e social conforma uma nova lógica de projeto que contribui para a transformação da realidade.

No âmbito do Projeto de Arquitetura, a participação se manifesta no processo de projeto participativo, caracterizado essencialmente pela participação direta do usuário nas decisões de projeto. Nesse caso, o usuário não se refere necessariamente ao cliente, mas sim às pessoas que utilizarão de fato o objeto arquitetônico, entendidas como os usuários diretos (NOEBAUER, 2016). No ambiente das práticas projetuais, os termos colaborativo e participativo são comumente utilizados para designar os processos de projeto, portanto, faz-se necessária a distinção entre eles. Entende-se aqui que o processo de projeto arquitetônico é invariavelmente colaborativo, mesmo quando há hierarquia nas decisões ou o projeto é elaborado por um único arquiteto, pois, ainda assim, envolve o diálogo e a interação com uma equipe multidisciplinar. A principal diferença entre o projeto colaborativo e o participativo é o compartilhamento das decisões com os usuários: no primeiro, mesmo que o usuário esteja envolvido no processo, ele não tem participação direta nas decisões; já no segundo, esse compartilhamento é a prerrogativa fundamental (NOEBAUER, 2016).

Ao tratar do processo de projeto participativo, em que normalmente os usuários diretos são leigos ao universo arquitetônico, outros termos surgem e precisam ser discutidos, como cocriação e

coautoria. De acordo com Noebauer (2016), a cocriação se refere ao compartilhamento de ideias e soluções nas atividades em que a criatividade é desenvolvida coletivamente, no caso do projeto participativo que pressupõe a participação do usuário em todas as etapas do processo, pode-se dizer que haverá cocriação. A coautoria, por outro lado, está relacionada com a responsabilidade técnica e os direitos autorais que cabem aos profissionais envolvidos, no projeto participativo não se pode dizer que há coautoria, pois esta é designada apenas ao participante técnico, ao qual recai as responsabilidades e os direitos sob o projeto (NOEBAUER, 2016).

No âmbito do Planejamento do Território, são diversas as interpretações, definições e classificações da participação que não cabe discuti-las aqui, portanto toma-se como base a ideia de participação proposta por José Carlos Mota em sua tese *Planeamento do Território: metodologias, actores e participação* defendida em 2013. Para Mota (2013), a participação deve ser entendida não só como uma ferramenta de legitimidade democrática, mas também como forma de promover o diálogo entre diferentes atores em prol da ação coletiva e gerar coletivamente novas soluções para as questões contemporâneas. Nesse sentido, a participação em planejamento possui quatro propósitos:

Em primeiro lugar, almeja reforçar a legitimidade do promotor do território e a clarificação e defesa do interesse colectivo. Em segundo, visa tornar o processo de planeamento mais justo, transparente e “accountable” (prestador de contas), reforçando a democraticidade do processo. Em terceiro, visa tornar os actores (dos cidadãos aos actores colectivos) mais resilientes, capacitados e mobilizados para acção colectiva, potenciadora de maior criatividade e inovação social. Em quarto, visa promover uma acção colectiva mais eficiente e eficaz, isto é, valorizadora dos meios e das motivações dos actores em presença. (MOTA, 2013, p. 187)

Os tipos de instrumentos utilizados para a participação em planejamento, segundo Mota (2013), variam de acordo com três motivações: 1. a informativa; 2. o diálogo; e 3. a capacitação ou educação. Para o autor, o emprego adequado e combinado dos instrumentos possibilita a criação de espaços de integração entre os participantes, proporcionando momentos e práticas de transformação. A partir da maneira como os instrumentos são aplicados, Mota (2013) identificou três tipologias de

participação: 1. *Top-down* (de cima para baixo), em que os instrumentos são aplicados pelos promotores de planejamento através da administração pública, como o Orçamento Participativo; 2. *Bottom-up* (de baixo para cima) que acontece de maneira espontânea por iniciativa de cidadãos individuais, grupos ou movimentos sociais sem possuir necessariamente o controle da administração pública, como as ações do Urbanismo Tático⁶²; 3. Híbrida é promovida por terceiros através de iniciativas independentes, como as Organizações Não Governamentais (ONGs), havendo maior ou menor envolvimento da administração pública ou das comunidades locais.

A escada de participação é um parâmetro muito utilizado pelos pesquisadores para analisar os níveis de participação em estudos de diferentes áreas do conhecimento, inclusive no âmbito do Projeto de Arquitetura e do Planejamento do Território. Em 1969, a norueguesa Sherry Arnstein publicou no *Journal of the American Planning Association* o artigo intitulado "*A Ladder of Citizen Participation*", em que propõe um padrão de escada em que cada degrau corresponde ao nível de poder concedido ao cidadão na determinação de um plano ou programa. Arnstein parte do entendimento de que "a participação cidadã é um termo categórico para o poder do cidadão", ou seja, são os meios pelos quais os cidadãos excluídos podem "induzir reformas sociais significativas que lhes permitam compartilhar os benefícios da sociedade abastada" (ARNSTEIN, 1969, p. 216).

Os oito degraus de participação, propostos por Arnstein (1969), ilustram de modo simplificado os diferentes níveis de participação encontrados nas relações entre cidadãos e órgãos públicos, mas que podem ser utilizados em outro sistema que envolva a distribuição de poder no desenvolvimento de um projeto, como nos *Espacios de Paz*. Os degraus são dispostos de baixo para cima do menor nível de participação ou de maior nível e agrupados em graus de participação. Os dois níveis mais inferiores, (1) manipulação e (2) terapia, se referem à não participação, visto que seu "objetivo é capacitar o detentor de poder a 'educar' e 'curar' os participantes". Os três níveis intermediários, (3) informação, (4) consulta e (5) colocação, correspondem aos primeiros passos para a participação

⁶² Esse conceito é abordado com mais detalhe no bloco URBANISMO TÁTICO (p. 92).

legítima, mas que ainda funciona como um tokenismo⁶³, pois os cidadãos podem ouvir e serem ouvidos, mas seus pontos de vista não são levados em consideração. Os três níveis superiores, (6) parceria, (7) poder delegado e (8) controle do cidadão, são os níveis em que o cidadão atinge o poder cidadão, obtendo de fato uma redistribuição do poder de decisão sobre as ações e planos propostos (ARNSTEIN, 1969). (Quadro 10)

GRAU		DEGRAU	OBJETIVO
Poder cidadão	8	Controle do cidadão	Governar um programa ou instituição
	7	Poder delegado	Obter autoridade dominante na tomada de decisão
	6	Parceria	Compartilhar as responsabilidades
Tokenismo	5	Colocação	Conciliar os interesses através do aconselhamento
	4	Consulta	Consultar a opinião dos cidadãos
	3	Informação	Informar sobre direitos, responsabilidade e ações
Não participação	2	Terapia	Submeter os cidadãos à terapia clínica de grupo
	1	Manipulação	Projetar apoio e “educar” os participantes

Quadro 10_Escada de Participação Cidadã
ARNSTEIN, 1969, p. 217

Em síntese, a participação discutida nesse bloco se refere àquela em que o trabalho entre os participantes acontece de maneira coletiva e não hierárquica em prol do desenvolvimento de um projeto, arquitetônico ou urbanístico, que visa atender às necessidades e os anseios do usuário direto, que pode ser um indivíduo, uma comunidade ou os habitantes de uma cidade. Com base no que foi apresentado, foram reunidas as principais características (Quadro 11) que representam como

⁶³ Tokenismo: “consiste na prática de fazer publicamente pequenas concessões a um grupo minoritário, tão somente para ocultar eventuais acusações de preconceito ou discriminação. Trata-se de uma estratégia para criar uma falsa aparência, ou seja, é uma medida que finge integrar, com poucas concessões, quando no fundo o que se pretende é manter as estruturas de dominação e assujeitamento.” direitoadm.com.br/tokenismo/. Acesso: dez. 2019.

o conceito da participação, enquanto instrumento conceitual, é entendido na presente pesquisa e que serão utilizados para analisar a estratégia participação da comunidade no processo de construção dos *Espacios de Paz*.

PARTICIPAÇÃO			
papel ativo dos arquitetos	valores do entorno	participação ampla	compartilhamento de decisões
cocriação	diálogo entre diferentes atores	novas soluções	poder cidadão

Quadro 11_Característica da participação
Elaborado pela autora

CONHECENDO AS COMUNIDADES!

A abordagem, de natureza teórica, desenvolvida na primeira parte deste bloco – PARTICIPAÇÃO – sobre a participação no âmbito da Teoria da Arquitetura e do Urbanismo, do Projeto Arquitetônico e do Planejamento do Território possibilitou um entendimento mais amplo do que significa a participação do usuário direto. Destarte, para entender como a participação do usuário direto acontece nos *Espacios de Paz*, faz-se necessário conhecer esses usuários, ou seja, as comunidades que participaram do processo de construção das intervenções. Logo, a segunda parte deste bloco tem como foco a apresentação das onze comunidades através de um quadro-resumo (Quadro 12), além de algumas considerações.

COMUNIDADE	CARACTERÍSTICAS
Pinto Salinas	urbana – construção formal e informal – densidade alta – pouco articulada violência e tráfico de drogas – infraestrutura precária – herança afro-caribenha
24 de Julio	urbana – construção informal – densidade alta – muito articulada violência e tráfico de drogas – infraestrutura precária

Capitán Chico	litorânea – construção informal – densidade baixa – pouco articulada tranquila – infraestrutura precária – indígena Añú – pesca
La Florida	urbana – construção informal – densidade baixa – muito articulada tranquila – infraestrutura precária – área ocupada desde 2005
El Chama	urbana – construção formal e informal – densidade média – muito articulada tranquila – boa infraestrutura – muito partidária pró-governo
El 70	urbana – construção informal – densidade alta – bem articulada violência e tráfico de drogas – infraestrutura precária
Valle de Pino	urbana – construção informal – densidade média – muito articulada delinquência e crimes – infraestrutura precária – deslizamento de terra 1999
Colinas de Corporiente	urbana – construção informal – densidade baixa – pouco articulada tranquila – sem infraestrutura – área ocupada desde 1989
Manuel Manrique	urbana – construção formal – densidade média – muito articulada tranquila – boa infraestrutura
Los Cerrajones	urbana – construção formal – densidade média – muito articulada delinquência e crimes – boa infraestrutura
Punta Arenas	litorânea – construção informal – densidade baixa – muito articulada tranquila – infraestrutura precária – potencial turístico – pesca

Quadro 12_Comunidades

Portfolio, 2014; Siqueira, 2015; Entrevista com os arquitetos; Google Earth; Elaborado pela autora

A partir do quadro-resumo é possível perceber a prevalência de comunidades em áreas urbanas, apenas duas estão localizadas em regiões litorâneas: *Capitán Chico* é uma pequena comunidade indígena *Añú* localizada na margem oeste do Lago Maracaibo, estado de *Zulia*, com um ingênuo contexto físico construído, em que a principal atividade econômica é a pesca (PORTFOLIO, 2014); *Punta Arenas* é uma comunidade costeira da península *Araya*, estado de *Sucre*, com grande potencial

turístico, tanto por suas paisagens naturais e praias quanto por seus sítios arqueológicos de fósseis⁶⁴. Em ambas, a ocupação aconteceu por meio da construção informal e possuem baixa densidade.

Entre as comunidades localizadas em áreas urbanas, percebe-se o predomínio da construção informal, ou autoconstrução, como única forma de ocupação ou junto com a construção formal, com exceção de três comunidades: *El Chama* é um bairro tranquilo e moderadamente consolidado, localizado na periferia da cidade de *Mérida*, que possui uma organização política de base muito forte (PORTFOLIO, 2014); *Manuel Manrique*, localizada na cidade *San Carlos*, apresenta um tecido urbano regular com ruas largas, lotes bem delimitados e boa infraestrutura; *Los Cerrajones* é um bairro que se insere nos desenvolvimentos tardio-modernos realizados pelo Estado, referenciados pela visão dos anos 70, mais propensos à convivência e onde a calçada é protagonista, mas com cortes orçamentais que não conferem a qualidade de vida esperada (LC2, 2020).

Ainda dentro do contexto urbano, três comunidades se destacam por compartilharem características semelhantes, como a construção informal, a alta densidade de ocupação, a infraestrutura precária, o alto nível de violência e a presença do tráfico de drogas comandado pelo *Pran*⁶⁵: *Pinto Salinas* é um pequeno bairro intersticial, localizado na área centro-norte da capital Caracas, fruto da invasão de um território vazio e isolado entre fragmentos já ocupados (RODRÍGUEZ, 2017); *24 de Julio* está localizado na cidade de *Petare*, uma das áreas mais densas da região metropolitana de Caracas e considerada a maior favela da América Latina⁶⁶; *El 70* está localizado em um dos morros da *Parroquia El Valle* e é considerado um dos bairros mais violentos e com alto índice de criminalidade da capital Caracas⁶⁷.

⁶⁴ Laaao: <https://laaao.com/espacios-de-paz-punta-arenas-2015/>. Acesso: fev. 2021.

⁶⁵ Na Venezuela, o termo *Pran* é utilizado para se referir ao criminoso que mantém a liderança e o controle de um grupo de criminosos, seja dentro ou fora da prisão. <https://www.significados.com/pranes/>. Acesso: fev. 2021.

⁶⁶ Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Petare>. Acesso: fev. 2021.

⁶⁷ El Cooperante: <https://elcooperante.com/cronica-barrio-el-70-de-el-valle-tierra-sin-ley-marcada-por-la-violencia/>. Acesso: fev. 2021.

Dentre as comunidades urbanas com ocupação informal, em que a maioria possui alta densidade de ocupação, duas comunidades se sobressaem pela baixa densidade: *La Florida* se constituiu como bairro, em 2005, a partir de um processo de ocupação com sólida organização de bairro liderada por mulheres, que se autodefinem como "*Las Guerreas de Los Mangos*", e que nove anos depois, 2014, era formada por 180 habitações, das quais 150 foram autoconstruídas (PORTFOLIO, 2014); *Colinas de Corporiente* é uma pequena comunidade fruto da invasão de uma área, que já havia sido utilizada como depósito de lixo municipal, formada por 113 habitações em estado muito precário, espaço público em más condições e sem infraestrutura urbana, com esgoto a céu aberto e ligações informais de água e eletricidade⁶⁸. *Valle del Pino*, que apresenta características intermediárias, é um bairro periférico localizado na encosta de uma montanha da *Parroquia Carabadella*, área litorânea e muito turística próxima à capital Caracas (VP1, 2020).

Retomando os critérios utilizados para selecionar as comunidades que participariam dos *Espacios de Paz*, possuir certo nível de organização comunitária, apresentar altos níveis de violência e vulnerabilidade social e ter contato prévio com o *Movimiento por la Paz y la Vida*⁶⁹ (PC1, 2019; PC2, 2019), percebe-se que a maioria das comunidades atendem ao primeiro critério, com exceção das comunidades *Pinto Salinas*, *Capitán Chico* e *Colinas de Corporiente* que não possuíam uma boa articulação comunitária. Em relação ao segundo critério, observou-se que seis das onze comunidades não apresentavam altos índices de violência, mas que quatro delas apresentavam características de vulnerabilidade social e apenas duas comunidades, *El Chama* e *Manuel Manrique* aparecem mais distantes desse critério. De maneira geral, as comunidades (Figura 25) apresentam algum tipo de vulnerabilidade social, seja pela violência, criminalidade e presença de tráfico de drogas, seja pela ocupação informal e alta densidade, seja pela falta ou precariedade na infraestrutura básica, seja por suas localizações periféricas.

⁶⁸ Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=XiyvyyBJpPA>. Acesso: fev. 2021.

⁶⁹ Não foi possível analisar esse critério por falta de informações.



Figura 25_Comunidades

(1) Facebook Pinto Salinas; (2) eltiempo.com.ve; (3) Mauricio Castaño; (4.9) Google Earth; (5) Facebook El Chama Informa; (6) José Tomás Franco; (7) vargasesnoticia.com; (8) Video Espacios de Paz Venezuela Cumaná; (10) José Bastidas; (11) viajaraislas.com

REFERÊNCIAS

- ARNSTEIN, Sherry R. **A Ladder of Citizen Participation**. Journal of the American Planning Association, v. 35, n. 4, p. 216-224, 1969.
- COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. **O mapa de ponta-cabeça**. *Proceedings of World Congress of Communications and Arts*, v. 1, n. 1, p. 193-197, 2011.
- LARA, Fernando. **Reinventando a América**. In: BRAGA, Bruno M.; RIBEIRO, Igor L.; LIMA, Lara S. (Org.). FJAL: Inserções numa realidade periférica. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 35-47.
- LC2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. mar. 2020. Entrevista concedida a autora.
- MONTANER, Josep Maria. **Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de la acción**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.
- MOTA, José C. Batista da. **Planeamento do Território: metodologias, actores e participação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013. 688 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro, 2013.
- NOEBAUER, Marlise Paim Braga. **A voz do usuário: métodos para processos participativos de projeto em arquitetura e urbanismo**. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2016. 300 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Tecnológico, Universidade de Santa Catarina, 2016.
- PC1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos do PICO Colectivo**. out. 2019. Entrevista concedida a autora.
- PC2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos do PICO Colectivo**. set. 2019. Entrevista concedida a autora.
- PORTFOLIO. **Espacios de Paz 2014 Venezuela**. Caracas: Comisión Presidencial del Movimiento por la Paz y la Vida e PICO Estudio, 2014.
- RODRÍGUEZ, Iliana Cid. **Incontro tra la città pianificata e il barrio: progetto di un polifunzionale per il barrio Pinto Salinas a Caracas, Venezuela**. Torino: Politecnico di Torino, 2017. 91f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Construção Urbana) – Politecnico di Torino, 2017.
- VP1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. mar. 2020. Entrevista concedida a autora.

2.4. URBANISMO TÁTICO

O QUE É URBANISMO TÁTICO?

O início do século XXI marcado pela contínua urbanização, pela distribuição desigual de recursos espaciais e econômicos nas cidades, pela crise de governança tanto de Estados quanto de mercados que falharam em fornecer bens públicos básicos à população e pela descrença de que o planejamento urbano tradicional possa lidar com as problemáticas urbanas, de acordo com Brenner (2015), conformou um cenário propício para a disseminação de intervenções em pequena escala realizadas por iniciativa da população. Intervenções estas que, em 2011, passaram a ser identificadas pelo termo Urbanismo Tático⁷⁰ cunhado pelo planejador urbano Mike Lydon e seus colaboradores a partir da publicação do livro *Tactical Urbanism: short term action, long term change*. Partindo desse referencial teórico, a primeira parte deste bloco – URBANISMO TÁTICO – busca identificar as características do urbanismo tático.

Na primavera de 2011 é lançado o primeiro livro *Tactical Urbanism: short term action, long term change*, cuja ideia nasceu, no outono de 2010, durante uma viagem onde Mike Lydon compartilhou uma série de iniciativas de pequena escala com caráter semelhante que estavam acontecendo nas ruas de Nova Iorque, São Francisco, Portland e Dallas com seus amigos e colegas, que o desafiaram a articular suas impressões (LYDON, 2012). Segundo Lydon (2012), o termo Urbanismo Tático foi inspirado no post do blogue *faslanyc*, publicado em junho de 2010, que discutia sobre a pedonalização da *Times Square* em Nova Iorque através de intervenções táticas e que parecia

⁷⁰ Embora o termo Urbanismo Tático tenha aparecido apenas em 2011, diversos conceitos subjacentes a ele fazem parte das discussões teóricas sobre o desenvolvimento das cidades e o planejamento urbano desde a década de 1960, com os trabalhos de Kevin Lynch (1960) e Jane Jacobs (1961), passando por Henry Lefebvre (1974), Jurgen Habermas (1986), Anne Spirn (1988), Manuel Castells (1989), Pasty Healey (1997) e chegando ao século XXI com Susan Fainstein (2000), Jaime Lerner (2003) e Nabeel Hamdi (2004) para citar alguns autores (BENNER, 2013; MOTA, 2013).

descrever não apenas aquela experiência, mas um tipo de intervenção de baixo custo e parcial ou totalmente não formalizadas que estava acontecendo em outras cidades.

A produção do quadro de referência, sobre o crescente número de ações autofinanciadas e de curto prazo, realizada por Mike Lydon nos dois primeiros volumes do *Tactical Urbanism* parte do contexto estadunidense em que o autor destaca três fatores que sobrepostos contribuíram para uma “nova onda de projetos táticos” (LYDON, 2012, p. 3). Sendo eles: 1. A Grande Recessão pós-2008 que desacelerou o crescimento estadunidense e abriu caminho para projetos menores e mais incrementais; 2. As mudanças demográficas em que jovens passaram a morar em bairros pedonais e demonstrar interesse em reconstruí-los, assumindo posições de liderança; e 3. O crescente uso da internet como ferramenta para compartilhar informações sobre as táticas realizadas, disseminando rapidamente essas ideias (LYDON, 2012).

Intrínseco a esse cenário, Lydon (2012) apresenta como desafios enfrentados pelos planejadores o constante fluxo de transformação vivido pelas cidades e as dificuldades impostas por intervenções em larga escala, como estádios, museus e centros de congressos, que requerem um investimento substancial de tempo e uma significativa mobilização de recursos políticos, sociais e fiscais, além de não proporcionarem um processo de participação pública efetivo. Em contrapartida às intervenções de larga escala e entendendo que a melhoria da habitabilidade começa na pequena escala, como ruas, quarteirões ou edifícios, o autor considera o Urbanismo Tático uma experiência a ser utilizada antes de assumir investimentos significativos e que possui cinco características:

1. abordagem deliberada, voluntária e gradual para instigar mudança;
2. oferta de soluções locais em um processo de criação de ideias para os desafios do planejamento à escala local;
3. compromisso de curto prazo e expectativas realistas;
4. atividade de baixo risco com a possibilidade de gerar recompensas elevadas;
5. desenvolvimento do capital social entre os cidadãos e a construção da capacidade organizacional entre instituição público-privadas, organizações sem fins lucrativos e seus constituintes. (LYDON, 2012, p. 1 e 2)

De acordo com Lydon (2012), os projetos de Urbanismo Tático ao criarem intencionalmente um laboratório para experimentação permitem uma melhor utilização dos recursos disponíveis, visto que antes de sua implementação definitiva podem ser realizados ajustes e, caso não tenha sucesso, os recursos não se esgotam já que o investimento em ações temporárias deve ser baixo. Nesse sentido, o autor entende que as soluções propostas pelo Urbanismo Tático se tornam mais eficientes quando utilizadas em conjunto com o planejamento urbano de longo prazo, em que ações temporárias de baixo custo serviriam para calibrar projetos futuros de maior porte, além de ajudar a construir confiança entre diferentes grupos de interesse e líderes comunitários de maneira mais rápida, envolvendo diretamente a população na implementação das ideias.

Ainda no âmbito do planejamento urbano, Lydon (2012) aponta o Urbanismo Tático como um meio para reabrir projetos que estavam guardados, dando dinâmica ao processo de planejamento e ajudando a concretizar ideias mais realistas. Outro ponto levantado pelo autor é a utilização do Urbanismo Tático como mecanismo para chamar atenção do poder público a um determinado problema ou necessidade detectados pela população no espaço público em escala local, por exemplo, com a pintura de faixa de pedestre ou de ciclofaixas em ruas ou estradas.

No volume 2 do livro *Tactical Urbanism*, Lydon (2012) apresenta um espectro contínuo que auxilia na compreensão dos diversos graus de consentimento ou formalização administrativa identificados por ele na prática do Urbanismo Tático. O *Tactical Spectrum* (Figura 28) organiza as intervenções táticas ao longo de um espectro, na horizontal classifica os esforços que vão de não autorizados a autorizados e na vertical dispõem os agentes promotores das intervenções, que podem variar de organizações de bairro, ativistas, empresários, ONG's a agentes governamentais. Dentro desse espectro o que caracteriza o Urbanismo Tático é a "ação de curto prazo que pode criar uma mudança a longo prazo" (LYDON, 2012, p. 7).



Figura 26_Espectro do Urbanismo Tático

Lydon, 2012, p. 7

De acordo com Mota (2013), o Urbanismo Tático faz parte das dinâmicas sociais do tipo **bottom-up**, em que grupos independentes e versáteis trabalham sobre problemas e questões concretas a nível local, articulando competências e saberes técnicos com engajamento cívico, ou seja, sua essência está na ação desenvolvida por iniciativa de cidadãos ou grupos de cidadãos. No entanto, o espectro tático apresentado por Lydon (2012) mostra intervenções realizadas tanto por grupos cívicos quanto por instituições, governamentais ou privadas, reforçando o argumento do autor na utilização do Urbanismo Tático como ferramenta auxiliar ao planeamento urbano de longo prazo.

O terceiro volume do *Tactical Urbanism*, lançado em 2013, apresenta o Urbanismo Tático no contexto da América Latina através de 32 intervenções, realizadas em seis países – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru –, organizadas em quatro categorias: mobilidade urbana; desenvolvimento local; envolvimento, participação e empoderamento cidadão; e meio ambiente, gestão de resíduos e permacultura. Na introdução do livro, Petrescu (2013) contextualiza o Urbanismo Tático na América Latina como uma resposta particular aos desafios urbanos regionais, que parecem guardar relação com as problemáticas cidadãos de falta de participação cidadã, desigualdade e governança.

Nesse terceiro volume, o Urbanismo Tático é apresentado também como uma ferramenta que pode ser utilizada para expandir a capacidade das pessoas e fomentar uma cidadania ativa tanto por sua simplicidade e agilidade quanto por sua lógica de “aprender fazendo” por meio de “ações leves, rápidas e baratas” que de alguma maneira incentivam as pessoas a se organizarem, tomarem decisões e se empoderarem (PETRESCU, 2013, p. 14). De acordo com Petrescu (2013), essa característica do Urbanismo Tático de ativar e transformar cidadãos comuns em agentes de mudança pode ser entendido como um instrumento para eliminar as barreiras que impedem as pessoas de desenvolverem suas capacidades e expandirem suas liberdades⁷¹.

Na categoria mobilidade urbana são apresentadas intervenções sobre o uso da bicicleta nas cidades tanto para o lazer quanto como meio de transporte urbano através de iniciativas desenvolvidas por organizações civis e órgãos governamentais. As *Ciclovías Recreativas* (Figura 28), por exemplo, buscam “incentivar o uso da bicicleta e suprir a carência de espaço público e recreativo com meios de transporte leves e não motorizados”, promovendo o uso de ruas sem veículos motorizados e permitindo aos habitantes um passeio lúdico e seguro de bicicleta (STEFFENS, 2013, p. 19). De acordo com Steffens (2013), esse é um movimento internacional que promove o capital social e político, ao mesmo tempo que gera impactos econômicos tangíveis ao longo do percurso escolhido. Já as

⁷¹ Esse argumento apresentado por Petrescu (2013) está baseado na Teoria das Capacidades desenvolvida por Amartya Sen no livro *Development as Freedom* lançado em 1999, em que “a noção de desenvolvimento consiste na remoção de vários tipos de ameaças à liberdade, que, quando não superadas, deixam as pessoas com pouca margem de escolha e oportunidade de exercer uma vida plena” (PETRESCU, 2013 p. 14).

Ciclovías em Corredores Exclusivos (Figura 27) têm como objetivo chamar atenção para o uso de “transporte urbano conduzido por meios não poluentes”, seja promovendo pedaladas em locais com potencial para instalação de ciclovias, seja com a pintura de ciclovias em faixas de automóveis (STEFFENS, 2013, p. 26).



Figura 28_ *Ciclovía Bogotana* Colômbia
Steffens, 2013, p. 21



Figura 27_ *Mapocho Pedaleable* Chile
Steffens, 2013, p. 26

Na categoria envolvimento, participação e empoderamento cidadão, Steffens (2013) compila uma série de intervenções que chamam atenção para as possibilidades de ocupação dos espaços públicos através de usos temporários e para conscientização da população através de ações pontuais. A *Cultura Pop Up* (Figura 29), por exemplo, trata da implementação de “equipamentos ou serviços em um local para sanar temporariamente suas carências, ativando o espaço público” (STEFFENS, 2013, p. 37). Já as ações agrupadas nos *Recorridos por la Ciudad* (Figura 30) têm como objetivo construir uma comunidade ativa e gerar reflexões sobre temas relacionados à cidade através de percursos pela cidade que permitam aos cidadãos refletir, entender e se identificar com o lugar onde vivem, além de mostrar que “as diversas motivações de uma sociedade podem encontrar um espaço natural para se expressar no lugar de todos: a rua” (STEFFENS, 2013, p. 42).



Figura 29_ Biblioteca Móvil A47 México
Steffens, 2013, p. 39

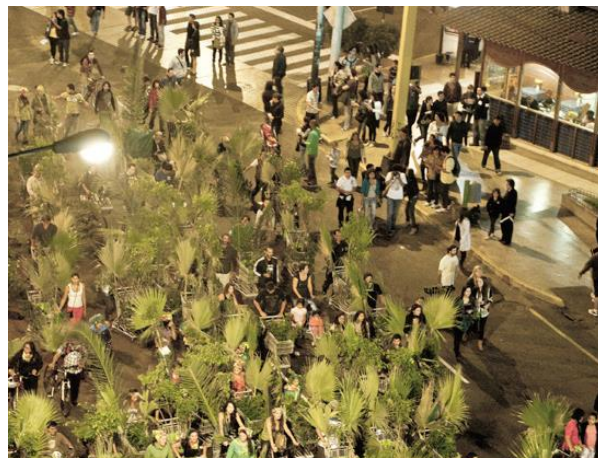


Figura 30_ Plantón Móvil Peru
Steffens, 2013, p. 42

Em 2014, três anos depois da publicação do primeiro livro *Tactical Urbanism*, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) realizou uma exposição que pretendia explorar a questão do crescimento desigual nas grandes cidades através de intervenções especulativas de desenho urbano propostas por equipes de arquitetos sob a ótica do Urbanismo Tático para seis “megacidades”, Hong Kong, Istambul, Lagos, Mumbai, Nova Iorque e Rio de Janeiro (BRENNER, 2015). De acordo com Brenner (2015), a exposição intitulada, *Uneven Growth: Tactical Urbanism for Expanding Megacities*, ao colocar o Urbanismo Tático no centro do debate sobre possíveis caminhos futuros de intervenção, através de uma instituição de grande visibilidade e influência, sugere uma afirmação desse conceito.

Segundo Brenner (2015), a noção de Urbanismo Tático apresentada na exposição pelos curadores e pensadores urbanos através de reflexões contextuais e formulações interpretativas colocam o Urbanismo Tático como uma “alternativa aos paradigmas modernistas-estatais e neoliberal de intervenção” e como um “potencial paliativo para remediar certos problemas urbanos que as instituições estatais e os procedimentos formais de planejamento urbano, em particular, não conseguiram discutir adequadamente até agora” (BRENNER, 2015, p. 4). O autor elencou seis pontos que o ajudaram a chegar a essas conclusões, resumidos a seguir:

- O UT surge no contexto de uma crise de governança mais ampla nas cidades contemporâneas;
- O UT não é um movimento ou técnica unificado, mas uma gama de projetos urbanos emergentes, provisórios, experimentais e *ad hoc*;
- O UT é mobilizado “de baixo para cima” através de intervenções organizacionais, culturais e ideologicamente diversas para enfrentar as questões urbanas emergentes;
- O UT propõe modos de intervenção imediatos, “acupunturais”, em relação a questões locais vistas como extremamente urgentes;
- O UT geralmente promove uma visão de base, participativa e de “faça você mesmo” da reestruturação urbana. (BRENNER, 2015, p. 2 e 3)

Nesse sentido, Brenner (2015) questiona de que maneira os projetos associados ao Urbanismo Tático poderiam combater efetivamente o urbanismo neoliberal, visto que, em alguns casos, esses projetos parecem estar mais propensos a reforçar o urbanismo neoliberal, aliviando-o temporariamente, deslocando seus efeitos ou mantendo intacto os regimes básicos do desenvolvimento urbano, do que necessariamente se opondo a ele. O autor aponta para pelo menos três cenários em que o Urbanismo Tático gera impactos insignificantes sobre a lógica neoliberal: 1. aliviando algumas falhas de governança, mas sem ameaçar seu controle sobre o desenvolvimento urbano; 2. diminuindo o papel das instituições públicas e contribuindo para extensão do urbanismo neoliberal; e 3. atuando em espaços intersticiais que não atingem o projeto neoliberal (BRENNER, 2015, p. 5).

Diante das propostas táticas apresentadas na exposição do MoMA, Brenner (2015) argumenta que é difícil imaginar que elas possam atingir impactos de maior escala e de longo prazo sem que haja uma participação mais assertiva por parte das instituições governamentais, além disso o autor chama atenção para a necessidade de “novos espaços de Estado” que dialoguem com esses urbanismos alternativos. Brenner (2015) finaliza sua crítica à exposição do MoMA e ao conceito de Urbanismo Tático apresentado por ela, indagando que talvez o potencial do Urbanismo Tático resida mais como um contraponto democrático aos sistemas institucionais, dirigido pelo Estado, pelo mercado ou de outra maneira, do que como um “método multifacetado para projetar futuros urbanos”.

Em síntese, o Urbanismo Tático é um termo contemporâneo utilizado para descrever diferentes intervenções em pequena escala realizadas de baixo para cima em diversos espaços urbanos que buscam, através de ações temporárias, experimentais e de baixo custo, mudar a maneira como esses espaços são percebidos e utilizados localmente e propor soluções simples e rápidas para problemas urgentes identificados no cotidiano (Quadro 13). Com base no que foi exposto, toma-se o Urbanismo Tático como instrumento conceitual para analisar a estratégia urbanismo tático como prática de intervenção no processo de construção dos *Espacios de Paz*.

URBANISMO TÁTICO				
baixo custo	pequena escala	experimentação	temporário	bottom-up

Quadro 13_Características do urbanismo tático
Elaborado pela autora

CONHECENDO AS INTERVENÇÕES!

Tendo em vista a abordagem teórica desenvolvida na primeira parte deste bloco – URBANISMO TÁTICO – sobre o termo Urbanismo Tático, que tem como foco principal a intervenção direta na cidade, a segunda parte deste bloco se concentra na apresentação das onze intervenções realizadas pelos *Espacios de Paz* nos anos de 2014 e 2015. Para tanto, foram construídos um quadro descritivo (Quadro 14), com uma imagem representativa e um texto sintético para cada intervenção, e uma ficha técnica individual⁷² contendo informações mais específicas, como área, programa de necessidades, coletivos de arquitetura e instituições governamentais participantes, dentre outros dados. Sendo, ao final, tecidas algumas considerações.

⁷² Para uma leitura mais fluída, as fichas técnicas foram inseridas no bloco APÊNDICES (p. 167).

INTERVENÇÃO

DESCRIÇÃO



Las 3 Marias

Intervenção realizada em uma casa autoconstruída inserida em um terreno tomado pelo lixo e por ligações clandestinas de água que inundavam a área, mas com uma localização central privilegiada. O projeto focou na criação de uma praça aberta que pudesse ser utilizada pela comunidade como um espaço de encontro, lazer e reuniões através da composição de elementos triangulares repetidos tanto no piso quanto na coberta. A edificação existente foi recuperada para abrigar uma sala de jogos para as crianças e os jovens da comunidade. (PORTFOLIO, 2014)



La Y 5 de Julio

Intervenção realizada em uma casa autoconstruída, antes utilizada como sala de jogos e ponto do tráfico de drogas e armas, que apresentava problemas estruturais e de ventilação e iluminação naturais. O projeto se desenvolveu em torno da construção de uma quadra de basquete na coberta e na disposição de usos programáticos na área interna, como estúdio de gravação *infocentro*, sala de estar e banheiros, além da recuperação das patologias com reforço na estrutura e recuperação do saneamento. (PORTFOLIO, 2014)



Capitán Chico

Intervenção realizada em um terreno a beira do *Lago de Maracaibo* com amplas visuais e poucas construções no entorno, mas com grande importância para a comunidade que vive da pesca local. A principal demanda para o projeto foi a construção de uma coberta que servisse ao dia a dia dos pescadores e aos momentos de lazer da comunidade. A valorização da cultura *Añú* foi o ponto chave tanto nas atividades participativas de projeto quanto na construção com a utilização de técnicas e materiais locais. (PORTFOLIO, 2014)



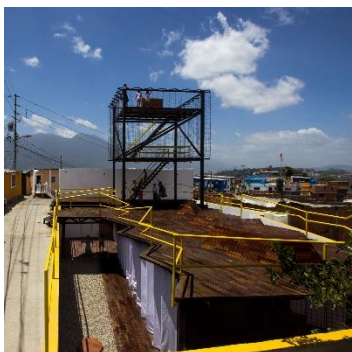
Los Mangos

Intervenção realizada em um terreno subutilizado na entrada de uma comunidade erguida pela força das mulheres que se autodenominam *Las Guerreras de Los Mangos*. O projeto girou em torno da criação de uma grande praça com importante carga simbólica através da construção de uma coberta modular muito iluminada e da elevação do nível da rua, criando um boulevard que se une à praça. A coberta e demais elementos metálicos foram executados pelos trabalhadores locais que fazem parte da *Herrería de Propriedad Social* da comunidade. (PORTFOLIO, 2014)



Shabono

Intervenção realizada em um terreno muito acidentado em formato de cunha e tomado por escombros, como um resqúcio urbano, mas muito arborizado. Tomando partido desse desnível, o projeto se desenvolveu em plataformas abertas que podem ser utilizadas como mirante, anfiteatro, local de encontro, espaço para oficinas e reuniões comunitárias, dentre outros. A ideia é que essas plataformas evoluam e se modifiquem à medida que os processos de integração e consolidação do bairro aconteçam. (PORTFOLIO, 2014)



Mirador 70 + La Nube

Intervenção realizada sob uma estrutura abandonada localizada na principal rua de acesso da comunidade. O projeto se dividiu em 3 espaços: a torre mirante, a praça e o subsolo com usos diversos. Além da intervenção principal foi construída na coberta da rádio comunitária a instalação *La Nube*. (SIQUEIRA, 2015)





Valle del Pino

Intervenção realizada em uma edificação autoconstruída localizada no ponto de intercessão de três conselhos comunitários e área central de atividades com equipamentos esportivos e de transporte. O projeto se desenvolveu em torno de três motes principais: 1. valorizar o imaginário da comunidade com o desenho da cobertura que lembrasse a copa das árvores levadas pela Tragédia de Vargas; 2. criar espaços abertos ao entorno com praças e jardins; 3. abrigar usos programáticos de apoio à comunidade, como *infocentro* e biblioteca. (SIQUEIRA, 2015)



La Pantalla

Intervenção realizada no entorno de uma quadra esportiva, único espaço público livre e de lazer da comunidade que ocupa a área há mais de trinta anos. O projeto buscou abranger a área em três frentes: a recuperação da quadra para ser utilizada também como espaço para feiras e celebrações; a construção de uma cobertura de apoio e um salão comunitário lindeiros à quadra; e construção de uma plataforma cultural com arquibancada e uma pequena tela de projeção, fazendo referência ao cinema *drive-in* que funcionava na área, e um parque infantil. (SIQUEIRA, 2015)



La Techada

Intervenção realizada no ginásio de alto desempenho construído para os Jogos Esportivos Nacionais da Venezuela em 2003, que estava abandonado e sendo usado para práticas ilegais e violentas. O projeto buscou abrir ao máximo o ginásio, integrando-o com o entorno e a vida cotidiana, e abrigar uma variedade de usos que atendesse as demandas da comunidade, convertendo-o em um edifício multiuso, além de recuperar a cobertura e instalar dispositivos de proteção para chuva e insolação. A pintura de faixas coloridas marcou os espaços e deu identidade ao projeto. (SIQUEIRA, 2015)



Los Cerrajones

Intervenção realizada na área do antigo parque localizado no coração do bairro, mas que estava abandonado por falta de acessibilidade e iluminação pública. Essa intervenção saiu da dimensão pontual, proposta pelos *Espacios de Paz*, e exigiu uma reformulação das condições técnicas básicas do território, com drenagem, cortes no terreno e infraestrutura urbana. O projeto, com mais de 5 mil m², abrigou os usos programáticos em seis contêineres e distribuiu pelo território espaços de lazer, convívio, contemplação e esporte. (SIQUEIRA, 2015)



Barranca Blanca

Intervenção realizada em um terreno com vista privilegiada para o mar na entrada da pequena cidade de *Punta Arenas* que vive da pesca artesanal, mas que possui um grande potencial turístico tanto pelas belas praias quanto pelos sítios arqueológicos. O projeto teve como mote inicial a construção de uma estrutura voltada para o desenvolvimento do turismo, mas que incorporou espaços comunitários, dividindo-se em duas zonas interligadas por uma praça lúdica de areia: uma zona de serviços voltados para o turismo e outra cultural voltada para comunidade.⁷³

Quadro 14_ Intervenções

Elaborado pela autora

A partir do quadro resumo e das fichas técnicas foi possível esboçar algumas considerações sobre as intervenções dos *Espacios de Paz* sob a perspectiva do Urbanismo Tático, tomando como ponto de partida as características destacadas na primeira parte deste bloco (Quadro 13). Em relação ao baixo custo percebe-se que, apesar dos recursos limitados e da utilização de materiais locais e de fácil acesso, o tipo de projeto desenvolvido requer um investimento financeiro substancial. Sob a ótica da pequena escala fica evidente que algumas intervenções fogem a essa lógica, principalmente,

⁷³ Archdaily: <https://www.archdaily.co/co/768936/estacion-de-servicios-turisticos-punta-arenas-colectivo-independientes-plus-ruta-4-plus-pico-estudio>. Acesso: mar. 2021.

a intervenção *Los Cerrajones*. A experimentação, por outro lado, é percebida no binômio projeto-construção em que as soluções são definidas na hora da execução e também na utilização de técnicas locais com troca de experiência entre os participantes. Já o caráter temporário do Urbanismo Tático se perde com a utilização de materiais que fixam a edificação no território de maneira permanente e a longo prazo. A participação do tipo *bottom-up* é percebida em todas as intervenções, através do envolvimento da comunidade de maneira direta no desenvolvimento e construção dos projetos.

REFERÊNCIAS

BENNER, Sophia M.. **Tactical Urbanism: from civil disobedience to civic improvement**. Austin: The University of Texas, 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação e Planejamento Regional) – The University of Texas, Austin, 2013.

BRENNER, Neil. Is "**Tactical Urbanism**" an **Alternative to Neoliberal Urbanism**? 24 MAY 2015. Post notes on modern & contemporary art around the globe. <post.at.moma.org/content_items/587-is-tactical-urbanism-an-alternative-to-neoliberal-urbanism>. Acesso: nov. 2019.

LYDON, Mike. **Urbanismo Tático: ação a curto prazo, mudança a longo prazo**. Vol. 2. Nova Iorque: The Street Plans Collaborative, 2012.

MOTA, José Carlos Batista da. **Planeamento do território: metodologias, actores e participação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013. 688 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro, 2013.

PETRESCU, Javier Vergara. **¿Qué es el Urbanismo Táctico?** In: STEFFENS, Kurt. **Urbanismo Táctico: casos latinoamericanos**. Vol. 3. Nova Iorque: The Street Plans Collaborative, 2013.

PORTFOLIO. **Espacios de Paz 2014 Venezuela**. Caracas: Comisión Presidencial del Movimiento por la Paz y la Vida e PICO Estudio, 2014.

SIQUEIRA, Mariana. **Arquitetura da Paz**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 52-63. ago. 2015.

STEFFENS, Kurt. **Urbanismo Táctico: casos latinoamericanos**. Vol. 3. Nova Iorque: The Street Plans Collaborative, 2013.

3.

CONSTRUÇÃO

3.1. PROCESSOS POR ETAPAS

Nos anos de 2014 e 2015, início do governo de Nicolás Maduro, foram construídas onze intervenções em diferentes comunidades na Venezuela que, guiadas pelos mesmos princípios e pelas mesmas estratégias, geram edificações e espaços singulares. Embora o processo de construção de cada intervenção possua suas particularidades, foi possível identificar cinco etapas: preparação; projeto; execução; socialização; e ocupação. Destarte, este bloco – PROCESSOS POR ETAPAS – tem como foco a reconstrução dos onze processos de construção a partir das cinco etapas identificadas e analisá-los, tendo em vista os princípios e as estratégias identificadas no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43) e os instrumentos conceituais⁷⁴ abordados no eixo sobre o PENSAMENTO (p. 43). Busca-se, com isso, compreender como se deu o processo de construção das onze intervenções venezuelanas.

A reconstrução desses processos apoia-se, principalmente, na visão dos arquitetos por meio das entrevistas estruturadas, mas também nos materiais coletados na pesquisa documental, como: documentos e fotografias enviadas pelos entrevistados; dados e fotografias publicadas em redes sociais, site dos coletivos, revistas especializadas e no Portfolio *Espacios de Paz 2014*, além de depoimentos e imagens dos vídeos oficiais gravados durante as oficinas e disponibilizados no *youtube*. A partir dessas informações foram elaborados dois quadros-resumo que deram suporte a análise dos processos de construção, o primeiro contendo os dados e o segundo as fotografias.

No QUADRO-RESUMO DOS DADOS (p. 114) foram compiladas as informações a respeito de cada intervenção individualmente, separadas por assunto: programa de necessidades; materiais e técnicas construtivas; organização da construção; atividades e oficinas; e desenvolvimento do projeto. A organização desse quadro possibilitou a identificação das semelhanças e diferenças entre os processos de construção, além das particularidades de cada um. No QUADRO-RESUMO DAS FOTOGRAFIAS (p. 115) as imagens e fotografias coletadas foram dispostas ao longo do tempo, o

⁷⁴ COLETIVOS DE ARQUITETURA (p. 69), PARTICIPAÇÃO (p. 79) e URBANISMO TÁTICO (p. 92).

que permitiu visualizar a evolução da construção das intervenções, além de possibilitar a comparação dos processos entre as intervenções e entre as edições.

O cruzamento e sobreposição das informações condensadas nos dois quadros-resumo possibilitou a distinção das etapas dentro dos processos de construção, nas edições de 2014 e 2015 foram identificadas quatro etapas: preparação, projeto, execução e socialização. Já na intervenção *Barranca Blanca* foram identificadas as etapas de projeto, execução, ocupação e socialização. Para entender melhor como essas etapas estão dispostas dentro dos processos foi construído um quadro único com a linha do tempo de cada intervenção, optou-se por essa organização para manter a lógica dos quadros-resumo e por facilitar a leitura do conjunto das intervenções.

Como mostram as Linhas do Tempo (Figura 31), as etapas de projeto, execução e socialização estão presentes em todas as intervenções e acontecem de maneira simultânea em alguns momentos, sofrendo influência mútua. Observa-se que a etapa de preparação só ocorre nas edições de 2014 e 2015, isso acontece pois nessas edições foram realizadas cinco intervenções ao mesmo tempo, sendo necessário um momento de planejamento antes dos arquitetos chegarem nas comunidades, como a intervenção *Barranca Blanca* foi realizada individualmente, essa etapa não aconteceu. Por outro lado, em *Barranca Blanca* o processo de construção teve um tempo maior, de oito semanas, o que permitiu a realização da etapa de ocupação, ausente nas edições 2014 e 2015.

Nota-se que a etapa de projeto, em praticamente todas as intervenções, se inicia na 2ª semana, com exceção da intervenção *Barranca Blanca*. Essa mesma lógica acontece na etapa de execução, que se inicia majoritariamente na 3ª semana, com exceção de algumas intervenções que começaram a demolição um pouco antes. Outro ponto a ser observado é a extrapolação do tempo previsto de seis semanas na edição de 2015, onde duas intervenções foram concluídas na 7ª semana (*Mirador 70* e *Valle del Pino*), uma finalizada alguns meses depois (*La Pantalla*) e outra que se estendeu por dois anos (*Los Cerrajones*). Com isso, foi possível perceber a pouca variabilidade dos processos de construção entre as intervenções, no que diz respeito a disposição das etapas ao longo do tempo, indicando um certo rigor no cronograma a ser seguido.

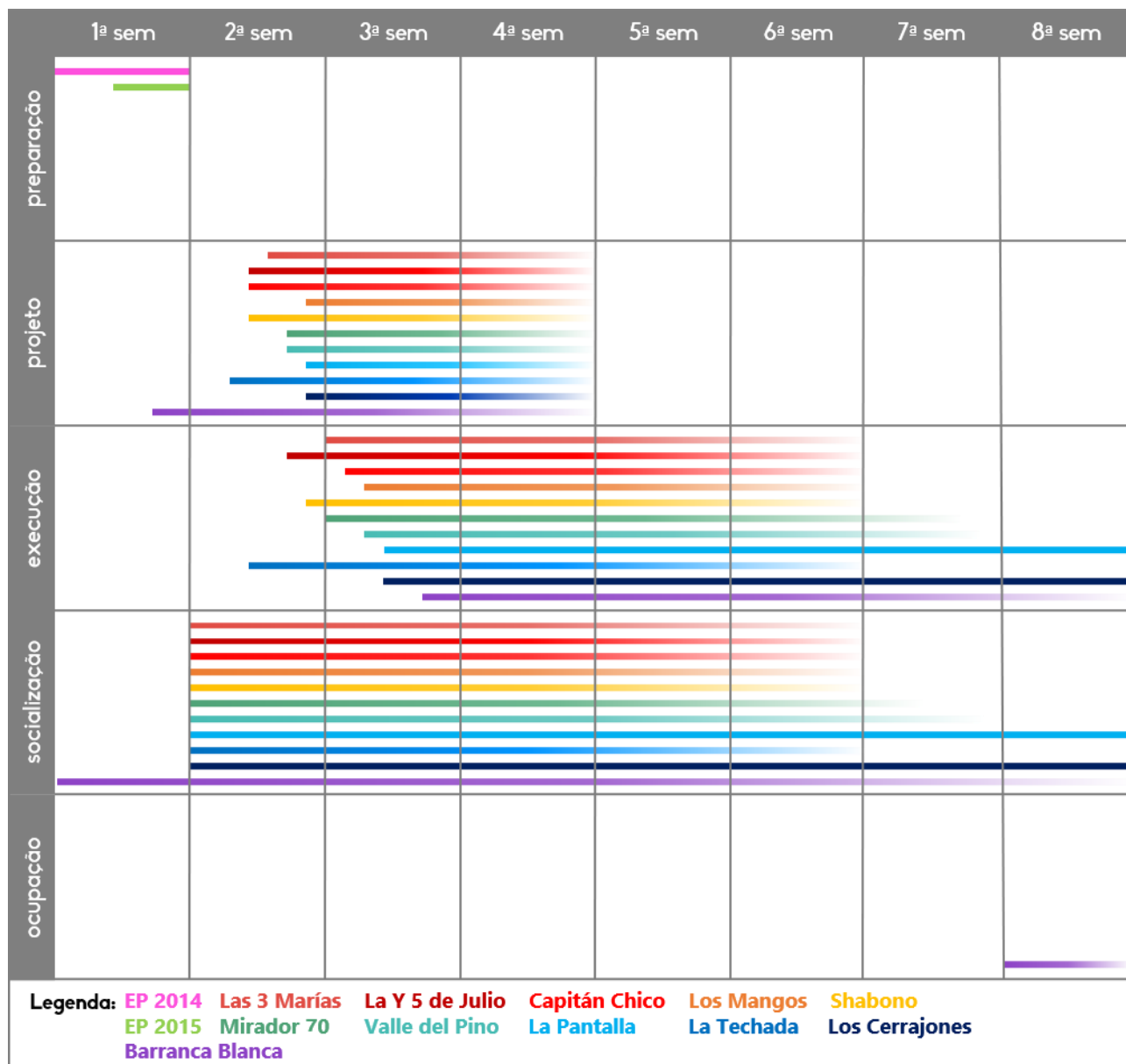
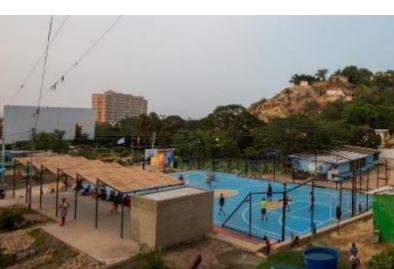
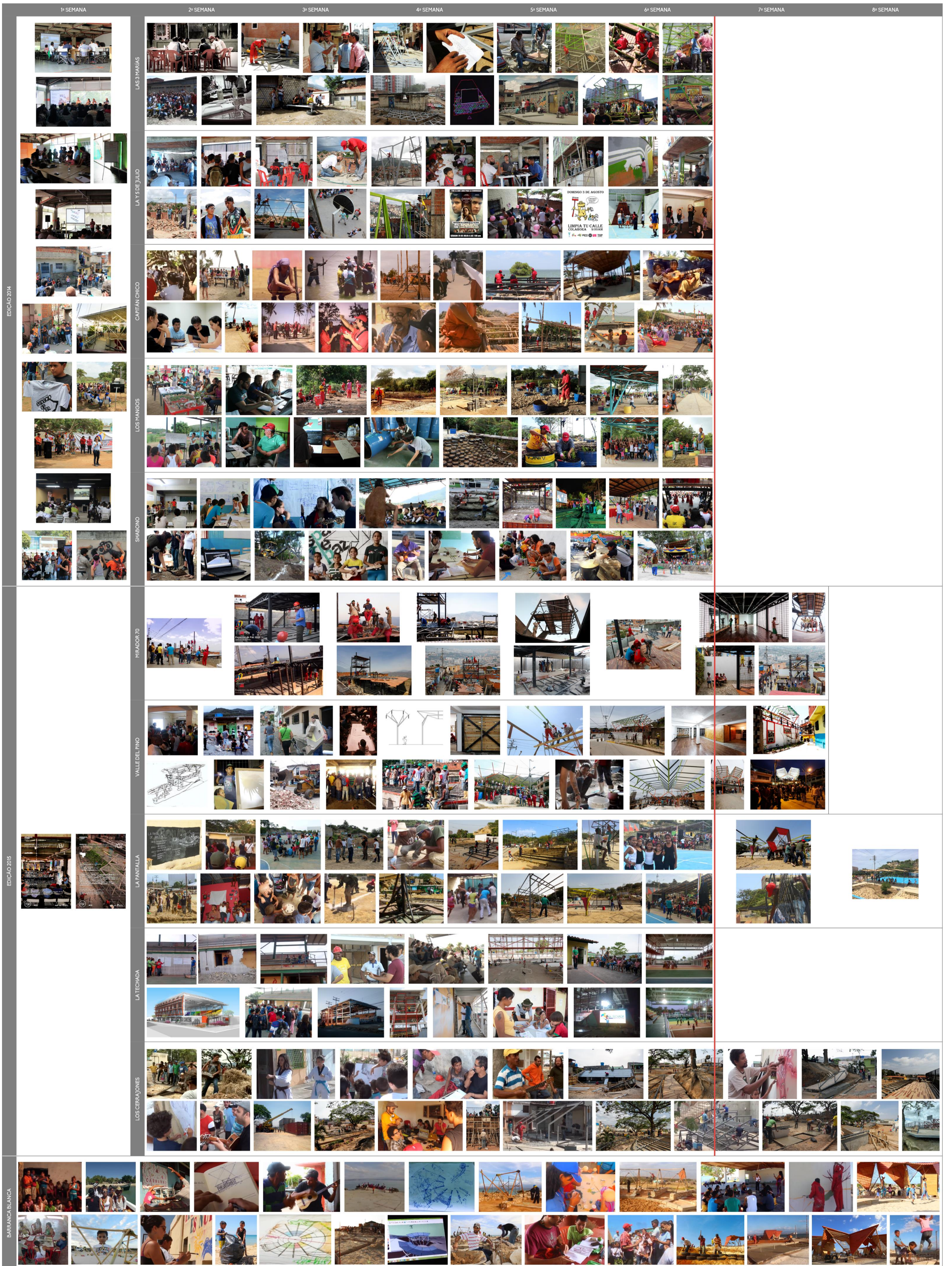


Figura 31_Linhas do tempo
 Elaborado pela autora

		INTERVENÇÃO	PROGRAMA DE NECESSIDADES	MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS	ORGANIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO	ATIVIDADES E OFICINAS	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO
EDIÇÃO 2014	LAS 3 MARIAS		Sala de jogos Área multiuso coberta com assentos Parque infantil ao lado Jardineiras Lugar de encontro e memória coletiva Infraestrutura hidrosanitária Meia quadra de basquete (3 meses depois)	Kit de materiais pré-definido: poucos elementos Recursos locais: testes de concreto e pneus Estrutura em aço Piso em madeira Elemento construtivo triangular repetido Técnicas simples de metalúrgica e carpintaria Mão de obra local com experiência	Equipes lideradas por mestres de obra locais e com certa autonomia Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Cadeia produtiva das peças metálicas Pintura das habitações do entorno Cozinha comunitária: compra e produção Coordenação e gestão pela comunidade Materiais armazenados na casa dos moradores	Assembleias comunitárias Desenho participativo Maquete coletiva Desenho em grande escala Pintura da construção existente Evento de dança das crianças Discussões no local Mural nas casas do entorno Limpeza coletiva	Participação direta da comunidade Desenho a mão Codesenho Autocad e Sketchup Diagramas e axonométricas Maquete física e digital Detalhamento construtivo em axonométrica Presença constante dos arquitetos na obra
	LA Y 5 DE JULIO		Estúdio de gravação Sala de oficinas Infocentro Serviços: banheiro, copa e depósito Sala de estar Quadra de basquete Terraço: espaço multiuso Centro cultural	Kit de materiais pré-definido: limitados Concreto, tubos de aço e madeira Estrutura modular simples Orçamento baixo para materiais e ferramentas complementares Mão de obra local com experiência	4 equipes de trabalho: desenho; identidade; documentação; atividades Equipes mudavam de função durante o processo Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Centro de formação e educação Reuniões matinais com metas a cumprir Cozinha comunitária: compra e produção	Assembleias comunitárias Desenho participativo Atividade especial toda semana: concerto de rap, cinema ao ar livre, atividades infantis, oficina de yoga, torneio de dominó, bailoterapia Mural no entorno Demolição e limpeza coletiva Todas as atividades aconteciam na edificação ou em seu entorno imediato	Participação direta da comunidade Desenho a mão Uso de computador Processo de redesenho permanente Presença constante dos arquitetos na obra
	CAPITÁN CHICO		Área multiuso coberta Doca Quadra de areia Horta e jardim Parque infantil	Kit de materiais pré-definido: adaptado Recursos locais: madeiras do mangue, pneus, palha, tecidos de énea, blocos ecológicos Piso em concreto e madeira Estrutura da doca em aço Técnicas locais Coberta inspirada nas cabanas tradicionais Mão de obra local com experiência	Equipe da cobertura liderada por um mestre especialista local Equipes de trabalho com certa autonomia Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Coordenação e gestão pela comunidade Cozinha comunitária: compra e produção	Assembleias comunitárias Desenho participativo Oficinas: passado, presente e futuro Colagem, maquete e derivas Co-criação dos sonhos Mural no entorno Caminhada pela comunidade Visita ao terreno com os moradores Música e contação de história	Participação direta da comunidade Desenhos in loco Autocad e Sketchup Maquete física e digital Detalhamento construtivo em maquete Ego entre arquitetos: liderança e produtividade Presença constante dos arquitetos na obra
	LOS MANGOS		Área multiuso coberta Boulevard: rua no nível da calçada Jardim Parque infantil Mobiliário urbano	Kit de materiais pré-definido Concreto, aço e placas de pvc Recursos locais: pneus e tambor metálico Estrutura modular simples e repetida Mão de obra local com experiência	Equipes de construção Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Cozinha comunitária: compra e produção	Assembleias comunitárias Desenho participativo Oficina de reconstrução da memória Desenho de projeção do futuro Atividades lúdico-recreativas Arborização do entorno Oficina de reciclagem e paisagismo	Participação direta da comunidade Desenhos in loco Codesenho Maquete física e digital Presença constante dos arquitetos na obra Processo de redesenho permanente
EDIÇÃO 2015	SHABONO		Área multiuso coberta Pátio de jogos Anfiteatro Jardim Escadaria: ligação entre ruas Viveiro comunitário Espaços abertos e flexíveis: plataformas em diferentes níveis (topografia acidentada)	Kit de materiais pré-definido: vigas de aço muito grandes (dificuldade de trabalhar) Concreto, aço e madeira Recursos locais: pedras do rio Chama Sistema de pórtico simples: viga-pilar Poucos mestres de obras locais Roupas e equipamentos de trabalho fornecidos pelo governo	Diversas equipes de trabalho Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Cozinha comunitária: compra e produção	Assembleias comunitárias Desenho participativo Limpeza coletiva Mural no entorno Visita ao terreno com os moradores Oficina de cartazes e grafite Oficinas de treinamento: muro de arrimo, caminho de pedra, paisagismo e reciclagem Contação de histórias, baile de rap,	Participação direta da comunidade Desenho a mão e render Maquete física e digital Sketchup Presença constante dos arquitetos na obra Conflito de ideias entre arquitetos e com a comunidade
	MIRADOR 70		Mirante: vista privilegiada de Caracas Salão multiuso: <i>La caja</i> Praça aberta Parque infantil Jardim vertical Espaço para mercado Serviços: banheiro e depósito Parque Coletivo Vertical Escultura <i>La Nube</i>	Materiais disponíveis nos depósitos: chegavam diferente dos escolhidos (constante adaptação) Concreto, aço e madeira Aproveitamento da estrutura de aço existente Sistema de pórtico simples: viga-pilar Poucos mestres de obras locais Contratação de 1 pedreiro e 1 soldador	Equipes lideradas por mestres de obra locais Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Obra-escola Conflito entre profissionais locais e mafiosos Cozinha comunitária: compra e produção Pausa na construção: episódio de violência Dificuldade de acesso dos materiais pelas ruas estreitas e tortuosas	Conversa com o <i>Pran</i> : garantir a segurança Assembleias comunitárias Desenho participativo Oficinas artísticas Apresentações culturais Encontro das motos Oficinas de pintura	Participação direta da comunidade Desenhos a mão Diagramas, axonométricas, oralidade Presença constante dos arquitetos na obra
	VALLE DEL PINO		Área multiuso coberta Praça de acesso Brinquedoteca e berçário Salão multiuso para oficinas Infocentro Serviços: banheiro, cozinha e depósito Horta e jardins Lugar de encontro Arquivo fotográfico	Materiais disponíveis nos depósitos Concreto, aço, madeira e canos de pvc Fabricação de pré-moldados Coberta de policarbonato e pilares redondos comprados em empresas especializadas Estrutura da cobertura: referência a copa das árvores (memória afetiva) Mão de obra local com experiência	Equipes lideradas por mestres de obra locais Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Cozinha comunitária: compra e produção Dificuldade no transporte das peças metálicas muito grandes	Assembleias comunitárias Desenho participativo Oficina de sombra e teatro: memória do bairro Levantamento de dados e atividades tradicionais Mural no entorno Mapeamento das necessidades e entrevistas Oficina de dança	Participação direta da comunidade Desenho a mão Fotomontagem Detalhes construtivos em Autocad Maquete física e digital Presença constante dos arquitetos na obra
	LA PANTALLA		Área multiuso coberta Reforma quadra existente Parque infantil Salão comunitário Plataforma cultura: arquibancada e tela Jardim Espaço de recreação e encontro Parque Comunitário	Materiais disponíveis nos depósitos: atrasos Concreto, aço, madeira e vergalhão Recursos locais: barro, vime, terra, argila, pedra, bambu Produção de 800 tijolos de argila Estruturas simples e repetidas Técnicas novas e locais Mão de obra local com experiência	Coletivos trabalharam quase que independentes Equipes de trabalho: produção dos tijolos e cobertura com vime Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Cozinha comunitária: compra e produção Pintura das habitações do entorno	Assembleias comunitárias Desenho participativo Festa da limpeza: cayapa Visita pela área, conversa inicial com os moradores e entrevistas Sessões de debate e discussões Atividades recreativas, esportivas e culturais Cinema, festas infantis e eventos musicais Mural na escola	Participação indireta da comunidade Proposta desenvolvida pelos arquitetos e validadas pela comunidade Maquete digital Sketchup Desenho a mão, render, fotomontagem Projetos com linguagens diferentes Presença constante dos arquitetos na obra
LOS CERRAJONES	LA TECHADA		Quadra multiuso: faixa de cores Mezanino: academia de boxe, salas de aula e vigilância Abaixo da arquibancada: brinquedoteca , estúdio de gravação, infocentro , pequeno mercado, sala de dança e banheiros Paisagismo	Materiais disponíveis nos depósitos: visitas para escolher Concreto, aço e compensado Estrutura modular simples e repetida Mão de obra local sem experiência Contratação de mão de obra especializada fora da comunidade Roupas e equipamentos de trabalho fornecidos pelo governo	3 frentes de trabalho: desenho, construção e produção Equipes lideradas por mestres de obra locais Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Várias equipes: apoio, cultural e ação Cronograma e metas diárias Cozinha comunitária: compra e produção	Assembleias comunitárias Desenho participativo Demolição coletiva Evento cultural com crianças e alunos Evento dia das mães Futebol entre arquitetos e brigadistas Mural na intervenção Paisagismo, pintura da quadra e arquibancada Música	Participação indireta da comunidade Proposta desenvolvida pelos arquitetos e validadas pela comunidade Desenho in loco , diagramas, render Maquete digital Comunicação assertiva entre arquitetos e mestres de obra Cronograma do processo Presença constante dos arquitetos na obra
	LOS CERRAJONES		Usos programáticos: café cultural, infocentro , salas multiuso , oficinas de construção e rádio comunitária Usos recreativos: quadras de esporte, parque infantil , anfiteatro, palco musical, terraços, espaço para caminhada e decks Mobiliário urbano Infraestrutura urbana e arborização Parque Industrial	Materiais disponíveis nos depósitos Concreto, aço e madeira Recursos locais: partes de caminhão e carros Parque infantil reformado e reutilizado Containers: estrutura autoportante Mão de obra local sem experiência Parceria com empreiteiros Reutilização do piso de concreto	3 linhas de ação: comunitária, operacional e cultural Divisão dos arquitetos em dois grupos: proposta arquitetônica e elementos urbanos Cozinha comunitária: compra e produção Pintura das habitações do entorno 2 fases: duração de 2 anos	Assembleias comunitárias Desenho participativo Mesas de reunião e de trabalho Limpeza coletiva Cartografias: alunos de arquitetura voluntários Atividades lúdicas e culturais Oficina de instrumentos musicais Música Oficinas de sinalização e paisagismo	Participação indireta da comunidade Proposta desenvolvida pelos arquitetos e validadas pela comunidade Oralidade, render, infográficos Autocad e Sketchup Maquete digital Presença constante dos arquitetos na obra
BARRANCA BLANCA			Turismo: módulo de informação, módulo de atendimento ao turista, comércio, banheiros e sala multiuso Cultural: cineteca, brinquedoteca e espaço multiuso Plataforma multiuso central Solarium Estação de Turismo	Materiais disponibilizados pelo governo e empresas parceiras Concreto, aço e telha Recursos locais: pedra, madeira e areia Dificuldade de acesso por barco Sistema construtivo em módulos repetidos Técnicas locais Mão de obra local com experiência	Equipes lideradas por mestres de obra locais Liderança circular Envolvimento direto dos jovens (capacitação) Jovens mudavam de equipe durante o processo Cozinha comunitária: compra e produção Oficina-escola	Assembleias comunitárias Desenho participativo Festa da limpeza: minga Desenho em escala 1:1 no terreno Chuva de ideias Oficina de desenho com as crianças: produção de material para brinquedoteca, mitos e lendas Mural na escola Programa de educação turística: capacitação	Participação direta da comunidade Desenho a mão Maquete física e digital Sketchup Componentes arquitetônicos desenvolvidos ao longo da construção Presença constante dos arquitetos na obra



PREPARAÇÃO

A etapa de preparação corresponde às atividades iniciais de apresentação e organização, antes dos coletivos de arquitetura se direcionarem aos territórios comunitários onde as intervenções foram desenvolvidas⁷⁵. Em ambas as edições, 2014 e 2015, as reuniões e apresentações aconteceram na sede do MUSARQ, *Museu Nacional de Arquitectura*, localizado na cidade de Caracas, e contou com a participação dos coletivos de arquitetura, nacionais e estrangeiros, representantes institucionais e líderes comunitários.

Na edição de 2014 (Figura 32), a etapa de preparação durou seis dias (1 a 6 de janeiro), na manhã do primeiro dia houve a primeira reunião entre os arquitetos do *PICO Colectivo* e os coletivos de arquitetura convidados com apresentação da proposta dos *Espacios de Paz* e das comunidades selecionadas, no período da tarde foi realizado o primeiro bloco de apresentação dos coletivos no MUSARQ. O segundo dia seguiu a mesma programação, pela manhã os arquitetos se reuniram para definir as equipes de trabalho, formadas por um coletivo nacional e um estrangeiro, e distribuir as comunidades entre as equipes⁷⁶, no período da tarde foram realizadas apresentações livres pelos arquitetos convidados (LR2, 2020).

Ao longo dos quatro dias seguintes foram realizadas visitas a todas as comunidades, em cada visita foi organizado um encontro pela própria comunidade para apresentar-se, nesses encontros foram realizadas visitas guiadas, conversas com os moradores e refeições coletivas (LR2, 2020), além disso nas comunidades *La Florida* e *El Chama* foram realizadas oficinas de serigrafia e stêncil para confecção de blusas e pintura de muros. Foi realizada também uma visita a *Casa Cultural Simón Rodríguez* projetada pelo coletivo venezuelano LAB.PRO.FAB e uma apresentação da proposta dos *Espacios de Paz* na Universidade Bolivariana da Venezuela para alunos e professores.

⁷⁵ Como foi dito anteriormente, essa etapa não aconteceu na intervenção *Barranca Blanca*, pois que ela foi realizada individualmente.

⁷⁶ Ao longo das entrevistas realizadas com os arquitetos foi identificada uma contradição sobre a distribuição das comunidades, alguns falaram que foi por sorteio e outros disseram que foi por afinidade, portanto, não foi possível chegar a uma conclusão.



MUSARQ



MUSARQ



Casa Cultural Simón Rodríguez



Pinto Salinas



24 de Julio



Capitán Chico



La Florida



El Chama

Figura 32_Atividades de preparação edição 2014

PICO Colectivo

Na edição de 2015, a etapa de preparação durou quatro dias (6 a 9 de abril), com apresentação da metodologia proposta e das intervenções realizadas na edição anterior pelos arquitetos do *PICO Colectivo*, exposição dos trabalhos realizados pelos coletivos de arquitetura convidados e apresentação dos espaços selecionados e suas problemáticas pelos líderes comunitários (VP1, 2020). Foram realizadas reuniões entre os arquitetos para discussão sobre as possibilidades de projeto, troca de informação sobre os terrenos, formação das equipes de trabalho (coletivo nacional e estrangeiro) e divisão das comunidades entre as equipes, de modo que os coletivos de Caracas ficassem necessariamente em outra cidade (VP1, 2020). Além das apresentações e reuniões foram realizadas visitas a diferentes projetos localizados em Caracas (VP2, 2019), porém não foi possível encontrar a informação de quais projetos foram visitados.

Na etapa de preparação, tanto da edição de 2014 quanto de 2015, percebe-se a importância da estratégia **presença dos coletivos de arquitetura**⁷⁷ no processo de construção dos *Espacios de Paz*, já que o ponto principal dessa etapa foi inserir os coletivos de arquitetura na dinâmica do programa, gerando vínculo entre eles e criando um ambiente de colaboração coletiva através das reuniões em grupo, além de apresentá-los aos demais atores tanto com as apresentações individuais quanto nas visitas às comunidades. Foi também nessa etapa que os organizadores transmitiram aos coletivos de arquitetura as diretrizes dos *Espacios de Paz*, entendidos na pesquisa como seus princípios e suas estratégias, que deveriam nortear a construção das intervenções.

⁷⁷ Os princípios e as estratégias analisados foram identificados no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

PROJETO

A etapa de projeto diz respeito tanto às atividades voltadas para o desenvolvimento da proposta arquitetônica, como as assembleias comunitárias e as oficinas participativas, quanto às ferramentas utilizadas para elaborar e transmitir as ideias do projeto, como croquis, maquetes físicas e eletrônicas, diagramas e desenhos técnicos. Além disso, a etapa de projeto inclui a definição do programa de necessidades, dos materiais e dos sistemas construtivos.

As assembleias comunitárias (Figura 33) aconteceram ao longo de toda a etapa de projeto, segundo os arquitetos entrevistados elas foram importantes para conhecer as demandas da comunidade, definir o programa de necessidades, analisar as potencialidades do terreno, debater a proposta da intervenção, fazer as alterações necessárias no projeto, criar vínculo e confiança com os moradores, dentre outros aspectos. De modo geral, a participação da comunidade nas assembleias se deu de maneira espontânea e por uma grande variedade de moradores, crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres. Nas intervenções *Los Mangos* e *Mirador 70*, a figura da mulher como matriarca se destacou, visto que nessas comunidades elas ocupavam o espaço de liderança e tomada de decisões, participando ativamente de todo processo (MD2, 2019; LM2, 2020).

As dinâmicas participativas utilizadas nas assembleias foram as mais diversas: mesas de trabalho formadas por grupos mistos; debates sobre necessidades e desejos da comunidade; exposições de ideias; dentre outras. De acordo com os entrevistados, essas atividades foram fundamentais para o desenvolvimento da proposta arquitetônica e para aproximação dos arquitetos com a história e a cultura de cada comunidade, além de representarem um importante momento para as tomadas de decisão e resolução de conflitos, onde todos podiam se expressar. Na intervenção *Shabono*, as assembleias serviram para equalizar os desejos e expectativas da comunidade com a viabilidade construtiva e os recursos disponíveis. Na intervenção *Valle del Pino*, houve uma assembleia específica com os taxistas para esclarecer dúvidas sobre as mudanças na zona veicular do entorno e ouvir suas demandas (VP1, 2020).



Figura 33_Asembleias comunitárias

(1) Cesar Figueroa; (2) Jose Naza; (3.4) Karina Domínguez; (5) PICO Colectivo; (6) Ariel Jacobovich; (7) Leticia Aguilar; (8) Guillermo Leon; (9) Veo Productores

A partir do material consultado ficou evidente a importância das oficinas participativas (Figura 34) no diálogo entre os arquitetos e a comunidade, já que esse era o momento em que os moradores expressavam suas ideias de maneira mais livre e lúdica, através de desenhos, maquetes, colagens e pinturas. Como maneira de facilitar essa comunicação, foram realizadas oficinas de teatro e sombra, chuva de ideias, além de oficinas de memória e desejos, explorando passado-presente e futuro. De acordo com os arquitetos entrevistados, algumas oficinas foram realizadas com a participação de crianças, jovens e adultos trabalhando juntos, em outros casos, os grupos foram separados para identificar as necessidades de cada um. Assim como as assembleias, as oficinas participativas deram suporte para o desenvolvimento do projeto.

Os onze programas de necessidades⁷⁸ (Figura 35) foram construídos junto com a comunidade durante as assembleias comunitárias e as oficinas participativas em que, conforme os arquitetos entrevistados, as solicitações eram sempre muito claras, sendo espaço multiuso, área coberta, espaço para prática de esportes e parque para as crianças os pedidos mais recorrentes, evidenciando a falta de espaços públicos de convívio e lazer nessas comunidades. Apenas na intervenção *Shabono*, um dos arquitetos entrevistados expressou não haver identificado um déficit de espaços públicos na comunidade, visto que nas proximidades da intervenção haviam duas quadras esportivas e, portanto, não havia necessidade de mais equipamentos esportivos naquele entorno (SB1, 2020).

No caso da intervenção *Barranca Blanca*, conforme o material analisado, o programa de necessidades partiu de um direcionamento posto a priori pelos organizadores, de que o espaço deveria ser voltado para serviços turísticos, mas que durante o processo foi complementado com as demandas da comunidade. No que diz respeito ao programa de necessidades, a intervenção *Los Cerrajones* se destaca das demais por envolver a maior quantidade e diversidade de usos programáticos e recreativos, além de lidar com diferentes escalas de projeto, desde a reestruturação da infraestrutura urbana até o desenho e execução do mobiliário urbano.

⁷⁸ O programa de necessidade de cada intervenção está listado no QUADRO-RESUMO DOS DADOS (p. 108).



Figura 34 Oficinas participativas

(1.3.4) Karina Domínguez; (2) Facebook La Y 5 de Julio; (5) PICO Colectivo; (6) Leticia Aguilar; (7) Guillermo Leon; (8) Ariel Jacobovich; (9) Veo Productores

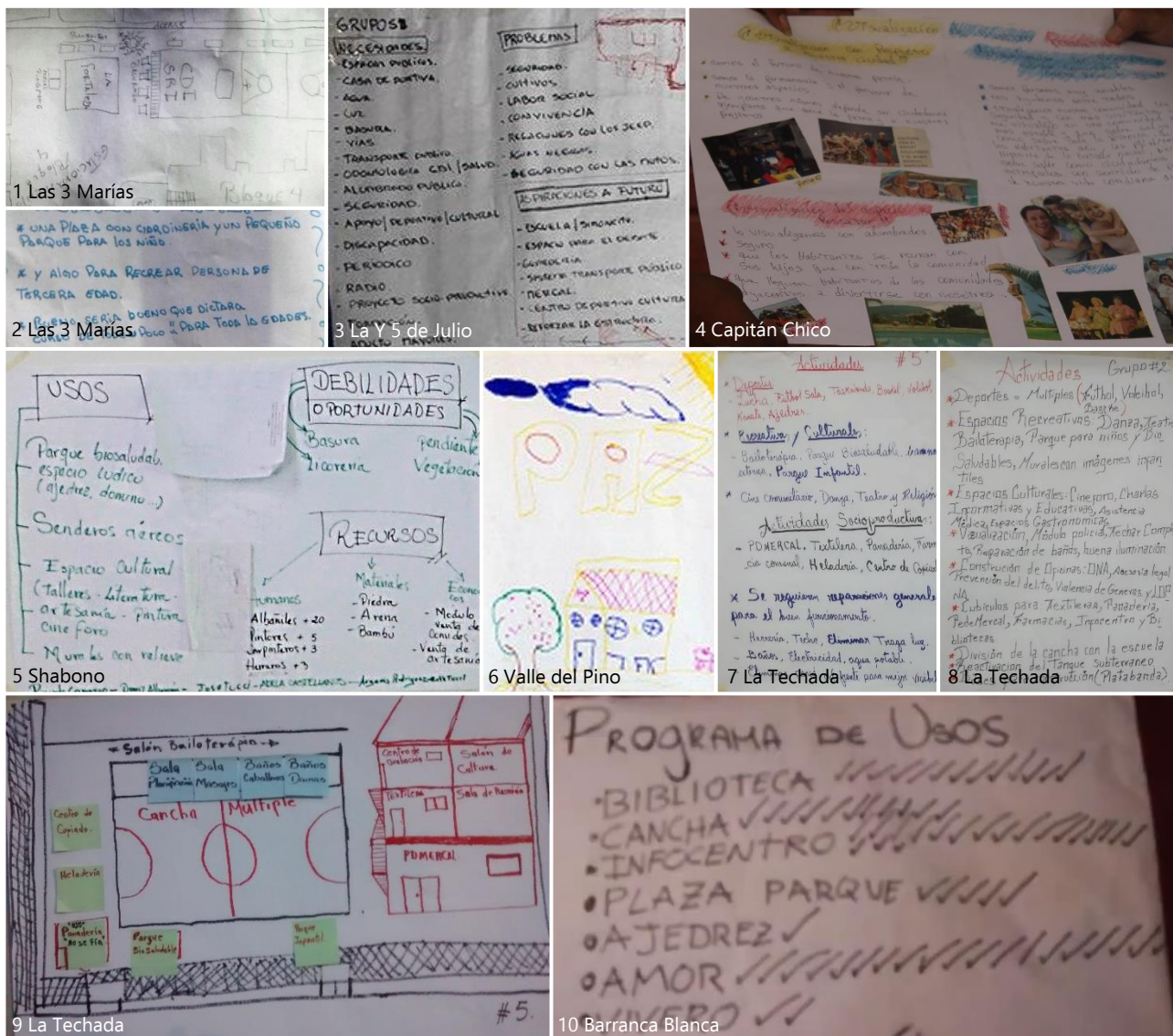


Figura 35_Programas de necesidades

(1.2) Cesar Figueroa; (3) Facebook La Y 5 de Julio; (4) Karina Domínguez; (5) PICO Colectivo; (6) Ariel Jacobovich; (7.8.9) Guillermo Leon; (10) Video espacios de paz punta arenas 2015

Ao analisar o material coletado, percebe-se que as onze propostas arquitetônicas foram elaboradas tendo como base o programa de necessidades definido junto com a comunidade nas assembleias comunitárias e oficinas participativas. No entanto, a partir das entrevistas com os arquitetos foi possível identificar que, em algumas intervenções, não houve a participação direta da comunidade na elaboração dos projetos, como era esperado. Nas intervenções *Las 3 Marías*, *La Y 5 de Julio* e *Mirador 70*, o projeto foi desenvolvido por uma equipe formada por arquitetos e representantes da comunidade e era validado dia a dia com os demais moradores. Nas intervenções *Capitán Chico*, *Los Mangos*, *Shabono*, *Valle del Pino* e *Barranca Blanca*, o projeto foi elaborado pelos arquitetos junto com a comunidade através de oficinas de codesenho e cocriação, com o uso de maquetes, croquis, desenhos e conversas. Considera-se, portanto, que nessas oito intervenções houve uma participação direta da comunidade na elaboração da proposta arquitetônica (Figura 36).

Na intervenção *Shabono*, a partir do relato de dois arquitetos, pertencentes a coletivos distintos, foi possível identificar que houve uma incompatibilidade de ideias entre os coletivos em relação ao partido arquitetônico (SB1, 2020), e uma divergência entre a dimensão do projeto almejada pela comunidade e a viabilidade técnica construtiva do lugar (SB2, 2020). Em relação ao primeiro ponto, o arquiteto SB1 (2020) relatou a presença de um forte posicionamento partidário na comunidade e, por isso, defendia a ideia de que o projeto deveria ser o mais aberto e fluído como um chamado a convivência, já o arquiteto SB2 (2020) não expressou nenhuma preocupação nesse sentido, levando a entender que a questão partidária não seria relevante para o projeto. Em relação ao segundo ponto, ambos os arquitetos relataram que a comunidade tinha expectativa de fazer algo grande e fechado, o que não era possível devido a declividade e o formato do terreno, a presença de muitas árvores e, principalmente, o tempo e os recursos disponíveis. Como solução para esses impasses, os arquitetos e a comunidade chegaram a uma proposta intermediária conformada por plataformas abertas em diferentes níveis, que aproveitavam a topografia e poderiam ser fechadas depois.

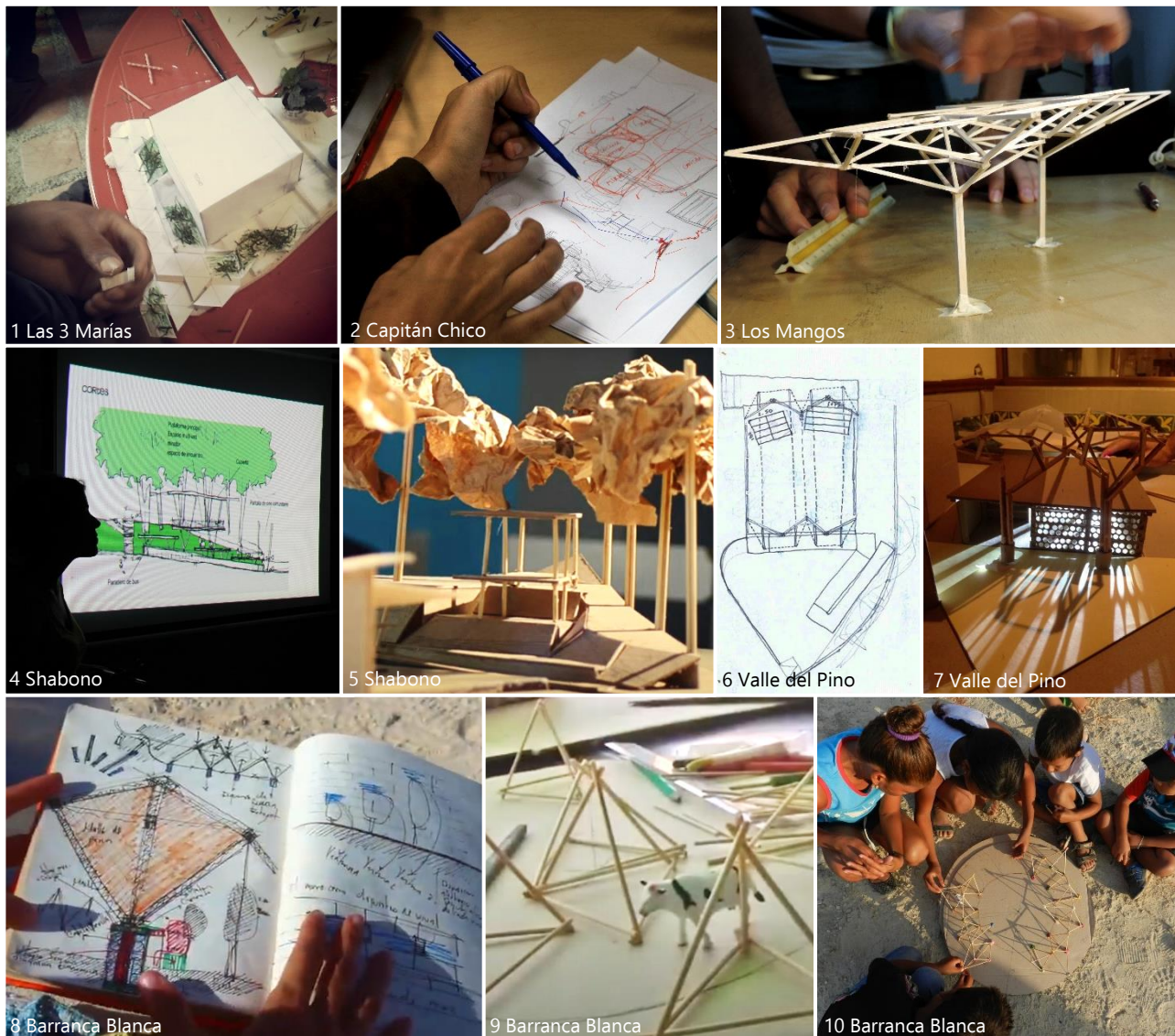


Figura 36_Elaboração das propostas arquitetônicas

(1.2.4) Karina Domínguez; (3) PICO Colectivo; (5) Vídeo El chama (semana 1); (6) Ariel Jacobovich; (7) Martin Flugeman; (8) Vídeo espacios de paz punta arenas 2015 2da parte; (9) Vídeo espacios de paz punta arenas 2015; (10) Veo Productores

Já nas intervenções *La Pantalla*, *La Techada* e *Los Cerrajones* (Figura 37), os projetos foram elaborados pelos arquitetos, normalmente no turno da noite, e validados no dia seguinte com a comunidade de maneira consultiva. Portanto, nesses três casos, considera-se que não houve uma participação direta da comunidade na elaboração das propostas arquitetônicas. Na intervenção *La Pantalla*, segundo relato do arquiteto LP2 (2020), houve uma divergência entre os coletivos sobre o desenho da proposta e a maneira de conduzir o processo, com isso, foi decidido que eles trabalhariam separados e que cada um desenvolveria um espaço diferente, abrangendo todo o território. De modo que o *Taller Activo* desenvolveu a cobertura ao lado da quadra, o *CoDA* ficou com a recuperação da quadra existente e o *AGA Estudio Creativo* com a plataforma cultural. De acordo com o arquiteto LP1 (2020), que desempenhava o papel de coordenador, essa separação entre os coletivos gerou espaços com linguagens arquitetônicas diferentes, além de não ter acontecido a troca de conhecimento entre os arquitetos através de um trabalho coletivo, como era esperado.

Na intervenção *La Techada*, de acordo com os arquitetos entrevistados, o material produzido nas assembleias comunitárias e oficinas participativas foram coletados e utilizados para consolidar as informações, formalizar o programa de necessidades e elaborar a proposta de intervenção, que foi sendo desenvolvida e ajustada dia a dia junto com a comunidade de maneira consultiva até sua validação final com a apresentação de diagramas e imagens renderizadas. Na intervenção *Los Cerrajones*, segundo o arquiteto LC2 (2020), como a área de intervenção era muito extensa, os arquitetos se organizaram em dois grupos, de acordo com a experiência de cada um: o *Insitu Social* ficou responsável pelos dispositivos urbanos e desenvolvimento sustentável, enquanto o *LAB.PRO.FAB* e o *Oficina Informal* elaboraram a proposta arquitetônica. Porém, diferente da intervenção *La Pantalla*, essa divisão entre os arquitetos não é percebida na intervenção, visto que o conceito macro (Parque Industrial) da intervenção foi elaborado de maneira conjunta entre os arquitetos (LC1, 2020).



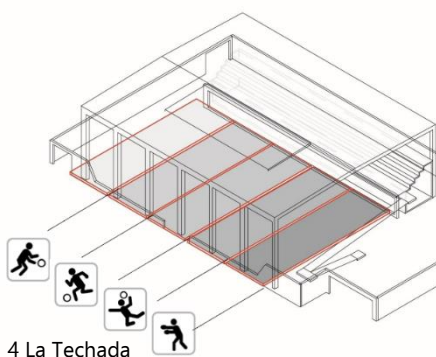
1 La Pantalla



2 La Pantalla



3 La Pantalla



4 La Techada



5 La Techada



6 La Techada



7 Los Cerrajones



8 Los Cerrajones



9 Los Cerrajones

Figura 37 *Intervenções La Pantalla, La Techada e Los Cerrajones*
(1.2.3) José Bastidas; (4.5.6) Guillermo Leon; (7.8.9) Irina Urriola

As ferramentas de desenho (Figura 38) utilizadas na elaboração e apresentação dos projetos, identificadas a partir do material coletado, foram croquis, maquete física e digital, diagramas, axonométricas, fotomontagem, imagens renderizadas e infográficos. Ao analisar as fotografias e os vídeos oficiais, percebeu-se a utilização de softwares especializados, como *autocad* e *sketchup*, como ferramentas de apoio no desenvolvimento das propostas, principalmente na fase de estudo. Porém, vale ressaltar que a utilização desses *softwares* não significou a elaboração de desenhos técnicos detalhados, visto que, de acordo com os entrevistados, não havia tempo hábil para isso e que os projetos iam se modificando e evoluindo ao longo do processo de construção. Além disso, em algumas intervenções, como *Las 3 Marías*, não havia impressora e a maneira mais fácil de transmitir as informações do projeto era através de desenhos a mão (LR1, 2020).

De acordo com os dados analisados, os principais materiais de construção empregados nas onze intervenções dos *Espacios de Paz* foram os disponibilizados pelas instituições governamentais e os materiais de fácil acesso em cada comunidades. Na edição de 2014, os materiais foram previamente definidos pelos organizadores junto às oficinas e ministérios do governo para agilizar a logística de entrega, os kits de materiais eram formados por peças metálicas básicas, cimento e madeira com pouca variedade de elementos, mas de boa qualidade (LR2, 2020). Na edição de 2015, não houve essa seleção prévia e coube aos arquitetos visitar os depósitos locais das instituições governamentais para ver os materiais disponíveis e escolher os que seriam utilizados, sendo que, de acordo com os arquitetos, muitas vezes o material entregue na obra não correspondiam ao escolhido no depósito, o que gerava um constante redesenho do projeto. Na intervenção *Barranca Blanca*, os materiais foram fornecidos pelo governo e por empresas parceiras por meio de iniciativas de assistência social (BB1, 2020), além da limitação dos depósitos, a dificuldade de acesso, realizado principalmente por barco, limitou também o tamanho das peças ao máximo de 4,5m (BB2, 2019).

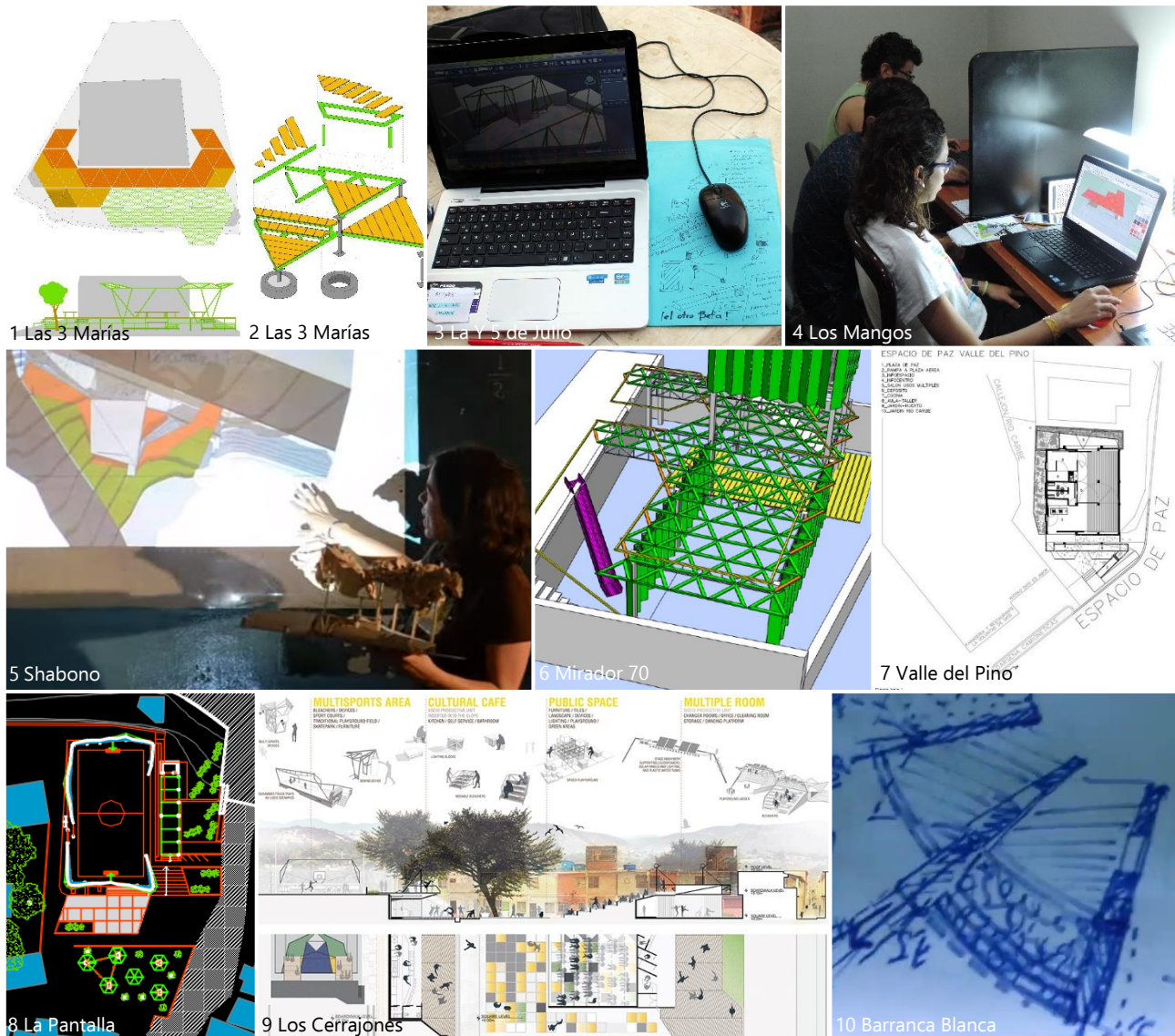


Figura 38_Ferramentas de desenho

(1.2) PKMN Pacman; (3.4.6.8) Karina Domínguez; (5) Vídeo El Chama (semana 1); (7) Ariel Jacobovich; (9) Urban Next; (10) Vídeo Espacios de paz punta arenas 2015

Além dos materiais de construção, as instituições governamentais forneceram os equipamentos de proteção individual (EPIs) e as vestimentas apropriadas aos brigadistas e disponibilizaram as máquinas necessárias para construção. De acordo com os arquitetos entrevistados, havia também um orçamento limitado para compra de ferramentas e materiais secundários, que eram adquiridos em lojas e depósitos da própria comunidade, fazendo com que os recursos circulassem dentro dos territórios. Em alguns casos, como na intervenção *Valle del Pino* determinados materiais foram adquiridos em empresas especializadas, como os tubos cilíndricos e as telhas de policarbonato branco usados na cobertura (SIQUEIRA, 2015). Além desses materiais, conforme os documentos analisados, em cada intervenção foram incorporados aos projetos materiais locais (Figura 39) de fácil acesso, como testes de concreto, palha, pneus, pedras, vime, argila, partes de caminhões e carros, redes de pesca, bambu, madeiras de mangue, além de materiais produzidos pela comunidade, como os blocos ecológicos na intervenção *Capitán Chico*. A utilização de materiais de fácil acesso tanto ajudou a reduzir o orçamento quanto a valorizar os recursos locais.

Segundo os arquitetos entrevistados, os sistemas construtivos (Figura 40) foram definidos pelos materiais disponíveis, pela facilidade de reprodução por parte dos moradores em futuros projetos, mas principalmente pela experiência e pelo conhecimento técnico dos mestres de obras e brigadistas locais que participariam da construção. Nas intervenções *Las 3 Marías*, *La Y 5 de Julio*, *Los Mangos* e *La Techada* foram utilizados sistemas modulares nas estruturas da cobertura e nos fechamentos. As intervenções *Capitán Chico* e *Barranca Blanca* incorporaram técnicas locais nos projetos, fortalecendo as tradições comunitárias. As intervenções *Shabono* e *Mirador 70* se valeram de sistemas simples do tipo viga-pilar, facilitando a execução. Na intervenção *La Pantalla* foram utilizados tanto sistema modular quanto o sistema pilar-viga. Na intervenção *Valle del Pino* a cobertura recebeu um desenho especial, remetendo a copa das árvores que existiam no local e faziam parte do imaginário afetivo da comunidade, e foi executada por uma empresa especializada. Em *Los Cerrajones*, os arquitetos se valeram da estrutura pronta do contanier para abrigar os usos programáticos da intervenção e de sistemas simples para os dispositivos urbanos.



Figura 39_Materiais locais

(1) Cesar Figueroa; (2.3) PICO Colectivo; (4.5.8) José Bastidas; (6) Mucu Arte; (7) José Tomás Franco; (9) Irina Urriola; (10) Veo Productores



Figura 40_Sistemas constructivos

(1.3.5) PICO Colectivo; (2) Facebook La Y 5 de Julio; (4) Al Borde; (6.9) José Tomás Franco; (7) Ariel Jacobovich; (8) AGA Estudio; (10) Cesar Figueroa; (11) Taller Independiente

Como foi possível observar, as onze etapas de projeto envolveram diversos aspectos, desde as necessidades e particularidades culturais de cada comunidade, expostos nas assembleias comunitárias e oficinas participativas e compilados nos programas de necessidades que guiaram as propostas arquitetônicas, até a disponibilidade de materiais em cada lugar e a definição dos sistemas construtivos adequados aos limites de execução pela própria comunidade. Além disso, é importante ressaltar que essas etapas não se desenvolveram de maneira linear, pelo contrário, os projetos foram tomando forma e se ajustando a medida que a construção da intervenção se desenvolvia.

Nas onze etapas de projeto analisadas foi possível perceber a manifestação de quatro princípios e quatro estratégias⁷⁹. O princípio da **relação de horizontalidade** aparece no trabalho dos arquitetos em estabelecer um diálogo sem hierarquia com a comunidade, na comunicação lúdica através das oficinas participativas e nas decisões sobre o projeto tomadas de maneira coletiva nas assembleias comunitárias. A **intervenção pontual irradiadora** é percebida no desenvolvimento de projetos focados em terrenos pequenos, como resquícios urbanos, ou em pequenas edificações subutilizadas, com exceção de três intervenções da edição de 2015: *La Pantalla* e *Los Cerrajones* que ocuparam uma área de maior extensão; e *La Techada*, realizada em uma edificação de maior porte. O princípio da **replicabilidade tecnológica** se manifesta na escolha de materiais locais de fácil acesso e na adoção de sistemas construtivos de baixa tecnologia, fazendo com que a comunidade se aproprie mais facilmente dessas tecnologias e faça uso delas no futuro. O **trabalho a partir do 'poder'** aparece na construção dos programas de necessidades centrados nas necessidades da comunidade e na viabilidade executiva das propostas.

A estratégia **oficina de 6 semanas simultâneas** se manifesta no desenvolvimento de propostas arquitetônicas que possam ser executadas dentro do prazo estabelecido, porém observou-se que, na edição de 2015, apenas a intervenção *La Techada* foi concluída dentro do prazo. As intervenções *Mirador 70* e *Valle del Pino* foram concluídas com poucos dias de atraso, já a intervenção *La Pantalla* se estender com mais alguns meses. No caso da intervenção *Los Cerrajones*, que se estendeu por 2

⁷⁹ Os princípios e as estratégias analisados foram identificados no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

anos e não foi totalmente concluída, a escolha de um terreno muito grande já apontava para a necessidade da elaboração de um projeto de maior escala, impossível de ser realizado dentro do prazo estabelecido. Em relação a essa estratégia, é relevante pontuar que na intervenção *Barranca Blanca* houveram três alterações prévias, primeiro, no tempo de duração da oficina, de seis para oito semanas, segundo, na não simultaneidade com outras intervenções e, terceiro, no encaminhamento do programa para serviços turísticos.

De um modo geral, a estratégia **presença dos coletivos de arquitetura** se deu através da troca de experiência e conhecimento entre arquitetos e comunidade no desenvolvimento de projetos com compromisso social e do trabalho conjunto entre coletivos nacionais e estrangeiros, fortalecendo a colaboração em rede. No entanto, em alguns relatos, foi identificado a falta de sinergia e a dificuldade de comunicação entre coletivos com posturas de atuação distintas e que não chegaram a um consenso e acabaram trabalhando de maneira quase independente, como na intervenção *La Pantalla*, quebrando com a ideia, subjacente a essa estratégia, de que os arquitetos deveriam trabalhar em parceria. Na intervenção *Los Cerrajones*, foi possível perceber o amplo espectro de atuação dos coletivos ao desenvolver o projeto desde a escala macro de implantação até a escala micro do mobiliário urbano.

Foi possível identificar a estratégia da **participação da comunidade** nas onze etapas de projeto analisadas, desde a definição do programa de necessidades até validação das propostas através das assembleias comunitárias com compartilhamento de decisões (poder cidadão), das oficinas de desenho participativo (cocriação) e do diálogo constante entre arquitetos e moradores, usuários diretos. Porém, observou-se que em três intervenções, *La Pantalla*, *La Techada* e *Los Cerrajones*, a comunidade não participou de maneira direta do desenho da proposta, visto que a elaboração das propostas foi desenvolvida pelos arquitetos e apresentada à comunidade, de maneira consultiva, para alteração e validação, enfraquecendo a estratégia que visava o desenvolvimento coletivo.

Além desses, foram identificados outros aspectos relacionados à elaboração dos projetos que fortalecem a participação da comunidade, direta ou indiretamente, como: a valorização do entorno, abrindo os espaços para o convívio comunitário com praças e acessos públicos; a proposta de espaços flexíveis e adaptáveis às necessidades futuras, como as plataformas na intervenção *Shabono* e os sistemas construtivos modulares de fácil ampliação; a valorização da memória local, como no desenho da cobertura da intervenção *Valle del Pino* e na utilização de técnicas locais em *Capitán Chico* e *Barranca Blanca*; e a ampla participação da comunidade com o envolvimento de crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, nas atividades de projeto.

A estratégia do **urbanismo tático como prática de intervenção** aparece no desenvolvimento dos projetos através da formulação de propostas que emergem de maneira *bottom-up*, em que as necessidades e demandas trazidas pelas comunidades se tornam a base das intervenções. Por outro lado, identificou-se alguns aspectos relevantes que parecem se opor ao Urbanismo Tático: a utilização de materiais de longo prazo, como concreto e aço, e sistemas construtivos que fixam a intervenção no espaço, fugindo do caráter temporário; e a grande dimensão de algumas intervenções, como *La Pantalla* (2.600m²), *La Techada* (1.740m²) e *Los Cerrajones* (6.000m²), contradizendo a pequena escala.

EXECUÇÃO

A etapa de execução diz respeito tanto às atividades voltadas para organização e gestão do canteiro de obra, como formação de grupos de trabalho, gerenciamento de recursos e contratação de mão-de-obra, quanto à materialização da proposta arquitetônica, como limpeza e demolição, fabricação de peças e participação dos arquitetos na construção.

Como relatado pelos arquitetos nas entrevistas, a organização e gestão do canteiro de obra se deu a partir da formação de grupos de trabalho liderados por representantes da comunidade para atuar em diversas frentes de maneira autônoma, mas que, ao mesmo tempo, estavam sempre em comunicação entre si. O grupo financeiro fazia a gestão do orçamento e o pagamento semanal dos brigadistas, moradores locais contratados para trabalhar na construção. Havia também um grupo responsável pela compra, recebimento e armazenamento dos materiais da construção, que eram guardados em depósitos dentro da comunidade ou na casa dos próprios moradores que se disponibilizavam. Em muitas comunidades, o transporte dos materiais (Figura 41) era complicado, nas intervenções *Mirador 70* e *La Y 5 de Julio* devido ao difícil acesso do terreno por ruas tortuosas, estreitas e ígremes, na intervenção *Valle del Pino* devido à grande dimensão de algumas peças que eram carregadas pelos brigadistas e em *Barranca Blanca* pelo acesso, quase exclusivo, por barco.



Figura 41_Transporte de material

Ariel Jacobovich

O grupo da comida, segundo os entrevistados, era responsável pela compra, produção e distribuição das refeições diariamente para todos os envolvidos na construção. Os ingredientes eram comprados no comércio local e a comida produzida num sistema de cozinha comunitária (Figura 42) que funcionava dentro da casa dos moradores e contava com o envolvimento de muitas pessoas. De acordo com os arquitetos, dentro do grupo da construção foram formadas pequenas equipes, composta por um mestre de obra local e jovens aprendizes da comunidade. Essas equipes tinham como objetivo capacitar os jovens em algum ofício, que, ao final, receberiam um certificado profissional emitido pelas instituições governamentais referente ao ofício aprendido, como carpinteiro, ferreiro, pedreiro, marceneiro, soldados, dentre outros.

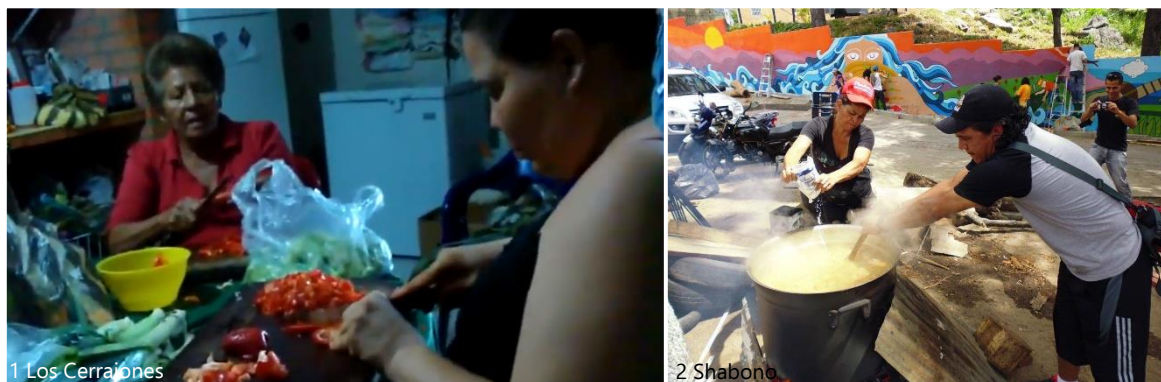


Figura 42_Cozinha comunitária

(1) Vídeo Espacios de Paz Los Cerrajones (especial de cocina); (2) Mucu Arte

Segundo o arquiteto MD1 (2020), na intervenção *Mirador 70*, a dinâmica de capacitação entre mestre e aprendiz passou pela dificuldade de fazer dialogar os moradores profissionais e os jovens ligados ao crime que estavam envolvidos na construção. De acordo com os arquitetos entrevistados, foi necessária a contratação de mão-de-obra especializada em algumas intervenções: *Mirador 70* e *Shabono* devido à pouca quantidade de mestre de obra locais; e *La Techada* pela falta de experiência dos moradores. No caso da intervenção *Los Cerrajones*, o arquiteto LC1 (2020) explica que devido a falta de especialização dos moradores e a grande dimensão e complexidade da proposta foi realizada uma parceria com empreiteiros profissionais para realizar a obra.

A partir do material consultado, identificou-se que uma importante ferramenta utilizada para o gerenciamento da obra foi a definição de um cronograma (Figura 43) junto com os brigadistas contendo as atividades que deveriam ser cumpridas durante a semana pelas equipes. Na intervenção *La Y 5 de Julio*, o dia começava sempre com uma pequena reunião entre arquitetos e brigadistas para ajustar as metas e otimizar a construção. Na intervenção *La Techada*, foi elaborado um cronograma com todas as atividades a serem cumpridas com datas de início e fim, visando o cumprimento da construção dentro do prazo.

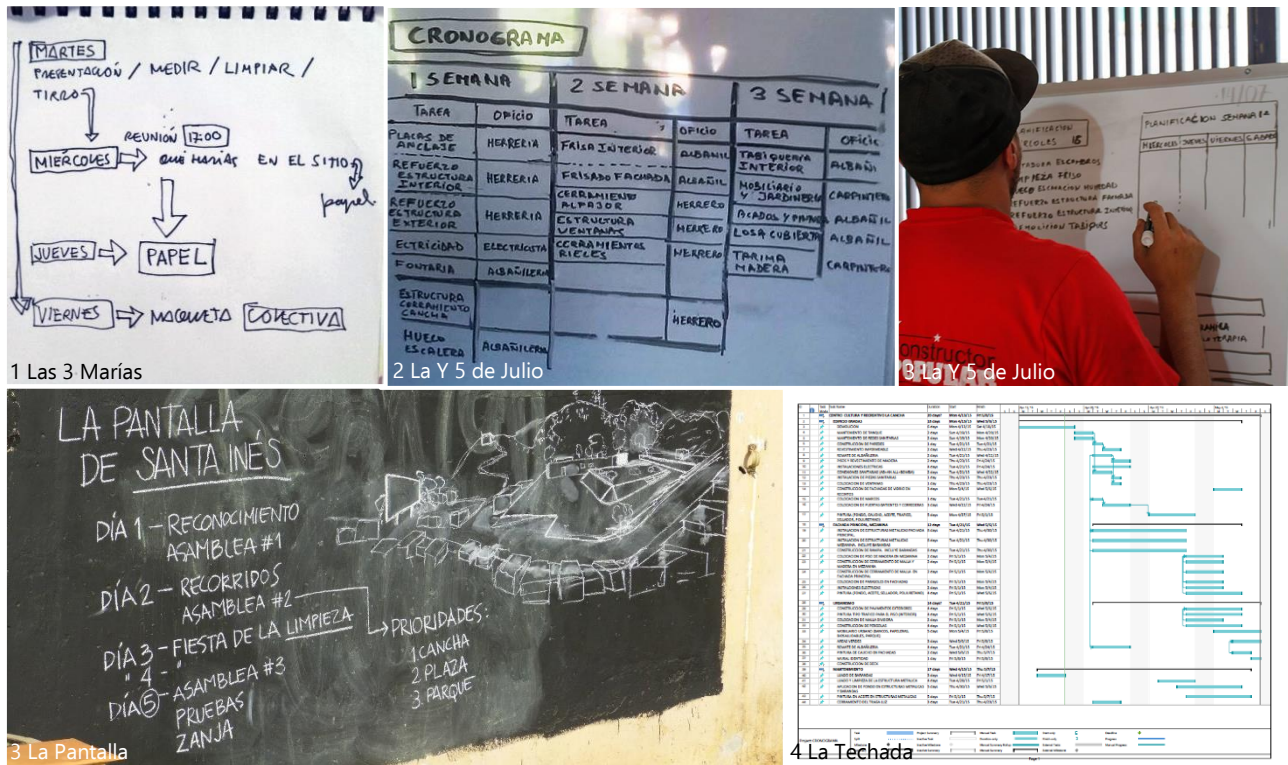


Figura 43_Cronogramas

(1) Cesar Figueroa; (2.3) Facebook La y 5 de Julio; (3) CoDa; (4) Guillermo Leon

De acordo com o material consultado, a primeira ação realizada para dá início a materialização da proposta arquitetônica foi a limpeza do terreno ou a demolição de partes da edificação existente (Figura 44). Nas intervenções, *Capitán Chico*, *Los Mangos*, *Shabono*, *La Pantalla*, *Los Cerrajones* e *Barranca Blanca*, em que não havia edificação foi organizada a *fiesta de la limpieza*, conhecida também como *cayapa* ou *minga*, com a formação de um mutirão e depois a confraternização com uma refeição comunitária e música. Na intervenção *Shabono*, segundo o arquiteto SB2 (2020), além da retirada de lixo, escrombos e peças de carros, foi necessária também a remoção de algumas árvores que já estavam mortas. Na intervenção *Los Cerrajones*, o arquiteto LC2 (2020) relatou na entrevista que ao fazer a limpeza da grande área foi encontrado o antigo parque infantil que foi recuperado e incorporado ao novo espaço.

Já nas intervenções, *Las 3 Marías*, *La Y 5 de Julio*, *Mirador 70*, *Valle del Pino* e *La Techada*, que tinham edificações existentes no terreno, foi organizado um mutirão para as primeiras demolições e limpeza da edificação. Segundo o arquiteto LR2 (2020) da intervenção *Las 3 Marías*, foi nesse momento de trabalhos iniciais que se encontrou uma grande quantidade de ligações clandestinas de água e que o reordenamento dessas ligações representou tanto um atraso na obra e quanto um grande incômodo com a população, pois ficaram alguns dias sem abastecimento. Na intervenção *La Y 5 de Julio*, de acordo com o arquiteto LJ2 (2020), as demolições aconteceram no térreo com a retirada das divisões, abrindo o espaço para usos mais integrados, e com a abertura de vãos para ventilação e iluminação naturais e na cobertura com a retirada de estruturas remanescentes, deixando todo o espaço livre para abrigar a meia quadra de basquete. De acordo com o arquiteto LT1 (2020), a demolição da intervenção *La Techada* começou pela paredes externas, criando uma comunicação mais direta entre a edificação e o entorno, e seguiu com as demolições internas, ampliando os pequenos espaços existentes abaixo da arquibancada.



1 Las 3 Marías



2 La Y 5 de Julio



3 Capitán Chico



4 Shabono



5 Valle del Inio



6 La Pantalla



7 La Techada



8 Los Cerrajones



9 Barranca Blanca

Figura 44_Limpeza e demolição

(1) Enorme Estudio; (2) Facebook La Y 5 de Julio; (3) Vídeo Espacios de Paz Capitán Chico [2]; (4) Mucu Arte; (5) Ariel Jacobovich; (6) Vídeo Espacios de Paz Venezuela Cumaná; (7) Guillermo Leon; (8) Vídeo Espacios de Paz Los Cerrajones; (9) Veo Productores

A partir do material consultado, constatou-se que, em algumas intervenções, foram fabricadas peças na obra pelos próprios brigadistas (Figura 45). Na intervenção *Las 3 Marías* foi organizada uma cadeia produtiva para a fabricação das peças metálicas triangulares utilizadas tanto na estrutura do piso quanto da cobertura (LC2, 2020). Na intervenção *Capitán Chico*, os blocos ecológicos produzidos pela comunidade foram incorporados na paisagem (CC1, 2020). Na intervenção *Valle del Pino*, devido a escassez de cimento, foram produzidas peças pré-moldados de concreto com aberturas feitas com canos de pvc que serviram como fechamento da edificação, garantindo ventilação e iluminação natural (VP2, 2019). Na intervenção *La Pantalla*, o coletivo *Taller Activo* tomou partido da grande oferta de argila na região e organizou a produção de tijolos na construção do salão comunitário, na lateral da quadra, e no paisagismo, em quatro dias foram produzidos cerca de 800 tijolos (LP6, 2020). Na intervenção *Los Cerrajones*, houve a capacitação de uma equipe para trabalhar com reciclagem, utilizando uma máquina trituradora para reciclar materiais coletados no terreno e construir peças novas que foram utilizadas na pavimentação e nos dispositivos urbanos (LC5, 2020).

Observou-se que ao longo das onze etapas de execução analisadas, os arquitetos estiveram totalmente imersos na comunidade e na obra (Figura 46), seja trabalhando no canteiro ou na casa de algum morador, seja acompanhando a construção ou mesmo executando alguma tarefa junto com os brigadistas. De acordo com os arquitetos entrevistados, como não houve tempo hábil para elaboração detalhada do projeto, as soluções projetuais foram desenvolvidas durante a execução junto com os mestres de obras, sendo redesenhadas e discutidas a todo momento. Segundo o arquiteto LC6 (2020) da intervenção *Los Cerrajones*, a equipe com os cinco coletivos estiveram presente nas seis semanas iniciais, no entanto, com o prolongamento da obra, os arquitetos estrangeiros tiveram que retornar aos seus países e a intervenção foi acompanhada pelos arquitetos venezuelanos Alejandro Haiek e Rafael Machado, durante os 2 anos seguintes.



Figura 45_Fabricação de peças

(1.3) PICO Colectivo; (2) Mauricio Castaño; (4) Ariel Jacobovich; (5) José Tomás Franco; (6) Leticia Aguilar;
(7) Vídeo Espacios de Paz Venezuela Cumaná; (8.9) Vídeo Aquí seguimos activos en el espacio de paz Los Cerrajones



1 Las 3 Marias



2 La Y 5 de Julio



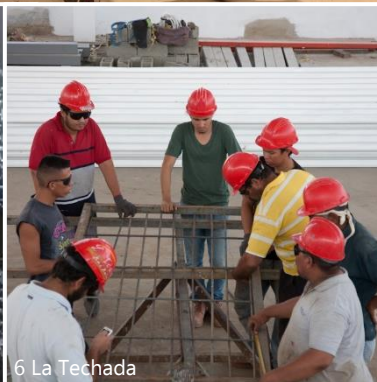
3 Capitán Chico



4 Shabono



5 La Pantalla



6 La Techada



7 Los Cerrajones



8 Barranca Blanca

Figura 46. Presença dos arquitetos na obra

(1.2) PICO Colectivo; (3) Mauricio Castaño; (4) Vídeo El Chama semana 2; (5) Carlos Rodriguez; (6) Guillermo Leon; (7) Vídeo Diseño Participativo Espacios de Paz 2015 Los Cerrajones; (8) Vídeo Espacios de Paz Punta Arenas 3era parte

Como foi possível observar, as onze etapas de execução requereu muito esforço e dedicação de todos os participantes, arquitetos e moradores, tanto para lidar com o gerenciamento dos recursos financeiros, humanos e materiais quanto para manter o ritmo da construção. Na visão dos arquitetos entrevistados, a limitação de tempo para o cumprimento dessa etapa foi um dos maiores desafios a serem superados tanto por eles quanto pelos brigadistas. Ao final da etapa de execução, as intervenções tiveram um evento de inauguração (Figura 47) com atividades culturais, comida comunitária, registro fotográfico, presença de representantes das instituições e transmissão ao vivo na televisão com a participação do presidente Nicolás Maduro. Com base em algumas dessas transmissões⁸⁰, percebeu-se um grande apelo político tanto na fala do então presidente e dos líderes comunitários quanto no uso de camisas e bandeiras, exaltando Maduro e Chávez, pela comunidade.

Nas onze etapas analisadas percebeu-se a manifestação de quatro princípios e quatro estratégias⁸¹. Os princípios da **construção como ‘desculpa’** e da **relação de horizontalidade** aparecem juntos através da diluição do papel do arquiteto, colocando seu trabalho a disposição da coletividade, da formação de equipes de construção com autonomia para tomar decisões e da presença constante dos arquitetos na obra, incorporando-se ao processo como *“arquiteto-obrero”*, que trabalha junto com os brigadistas. A **intervenção pontual irradiadora** aparece na necessidade de dedicar atenção e força total, por parte de todos os envolvidos, para execução de um projeto focal dentro de um tempo curto. O princípio da **replicabilidade tecnologia** se evidencia na capacitação dos brigadistas em diversos ofícios durante a execução da obra, que ao final recebem um certificado profissional, permitindo-o exercer profissionalmente o ofício aprendido.

De acordo com a estratégia **oficina de 6 semanas simultâneas**, aplicada às edições de 2014 e 2015, a execução do projeto deveria se encerrar na quinta semana, deixando a última semana para comprovação dos resultados, porém em todas as intervenções essa última semana foi utilizada para finalizar a construção, além disso não foi realizado nenhum estudo ou avaliação posterior para

⁸⁰ Algumas transmissões estavam disponíveis no *youtube*, mas ao longo de 2020 foram tiradas do ar.

⁸¹ Os princípios e as estratégias analisados foram identificados no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

comprovação dos resultados. Además, na edição 2015, a maioria das intervenções extrapolaram o prazo total previsto para oficina. No caso da intervenção *Barranca Blanca*, que teve um tempo total de 8 semanas, a obra foi executada dentro do prazo.

A estratégia da **participação da comunidade** se manifesta, nas onze etapas de execução analisadas, no diálogo direto entre arquitetos e brigadistas, definindo juntos as soluções adotadas na execução, e na incorporação de mestres de obras e jovens da comunidade na construção. Mas, principalmente, na participação ampla da comunidade, desde a execução física com os brigadistas até o gerenciamento e coordenação da obra pelos líderes comunitários, passando pela cozinha comunitária e apoio logístico, ou seja, direta ou indiretamente muitos moradores estiveram envolvidos na execução das intervenções. Além disso, nas etapas de execução analisadas o diálogo entre diferentes atores aparece com mais destaque, com a interação constante entre arquitetos, brigadistas, líderes comunitários e representantes institucionais, tanto na resolução dos problemas diários na obra quanto no gerenciamento dos recursos.

A estratégia do **urbanismo tático como prática de intervenção**, nesse momento, se destaca em dois aspectos: primeiro em relação ao caráter experimental em que a construção vai se moldando a partir de testes realizados por arquitetos e brigadistas no canteiro de obras; e segundo no envolvimento direto da comunidade na execução e gestão da intervenção. A estratégia do **diálogo entre instituição e comunidade** aparece principalmente na gestão dos recursos em que os líderes comunitários dialogavam diretamente com as instituições governamentais, mas também na capacitação dos brigadistas que era acompanhada por instituições especializadas. Além disso, de acordo com o arquiteto LM2 (2020), a atuação dos líderes comunitários nesse diálogo foi fundamental, visto que os arquitetos estrangeiros não tinham conhecimento de como as instituições locais operavam.



Figura 47_Inauguração *Espacios de Paz*

(1.2.4.6) PICO Colectivo; (3) Mauricio Castaño; (5) Video Inauguração Carabobo; (7) Saúl Yuncoxar; (8) Jose Bastidas; (9) Leticia Aguilar; (10) Guillermo Leon; (11) Veo Productores

SOCIALIZAÇÃO

A etapa de socialização corresponde às atividades realizadas com a comunidade, desde o momento em que os arquitetos chegam nos territórios até a finalização da intervenção, mas que não estão diretamente relacionadas com a elaboração ou execução do projeto arquitetônico. Entende-se que o objetivo dessa etapa seja estimular o sentimento coletivo, o espírito de solidariedade e a cooperação entre os participantes, principalmente daqueles de não estavam envolvidos na construção física das intervenções, como as crianças. As principais atividades identificadas nas onze etapas de socialização analisadas foram pintura de mural, eventos culturais e esportivos, comunicação da oficina, oficinas infantis e paisagismo. Segundo o material analisado, essas atividades foram direcionadas por grupos especializados, como muralistas, animadores sociais, coletivos locais, artistas urbanos e movimentos sociais.

A partir do material consultado, identificou-se que uma importante atividade de socialização foi a pintura de um mural (Figura 48), executado na própria intervenção e/ou nas edificações do entorno. Segundo os entrevistados, os murais foram desenhados junto com os moradores e executados com a participação de crianças, jovens e adultos da comunidade. Segundo os muralistas⁸² da intervenção *Las 3 Marías*, os murais refletem a experiência vivida durante o processo de construção, como uma maneira de deixar registrado e gravado o que aconteceu, através da pintura de brigadistas trabalhando. Na intervenção *La Y 5 de Julio*, o destaque foi dado a figura de Hugo Chávez. De acordo com o material analisado, nas intervenções *Capitán Chico*, *Shabono*, *Valle del Pino* e *Barranca Blanca*, o mural expressa a identidade cultural e o imaginário das comunidades, com a representação de seu entorno e suas crenças. Na intervenção *La Techada* foram pintados dois murais, um grande painel lúdico e colorido na parte interna e outro na fachada principal com o nome da intervenção. Além dos murais, todas as edificações do entorno tiveram suas fachadas recuperadas e pintadas.

⁸² Informações retiradas do Vídeo Espacios de Paz Pinto Salinas 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7ZPFAWi-Ac>. Acesso: 23 mar. 2021.

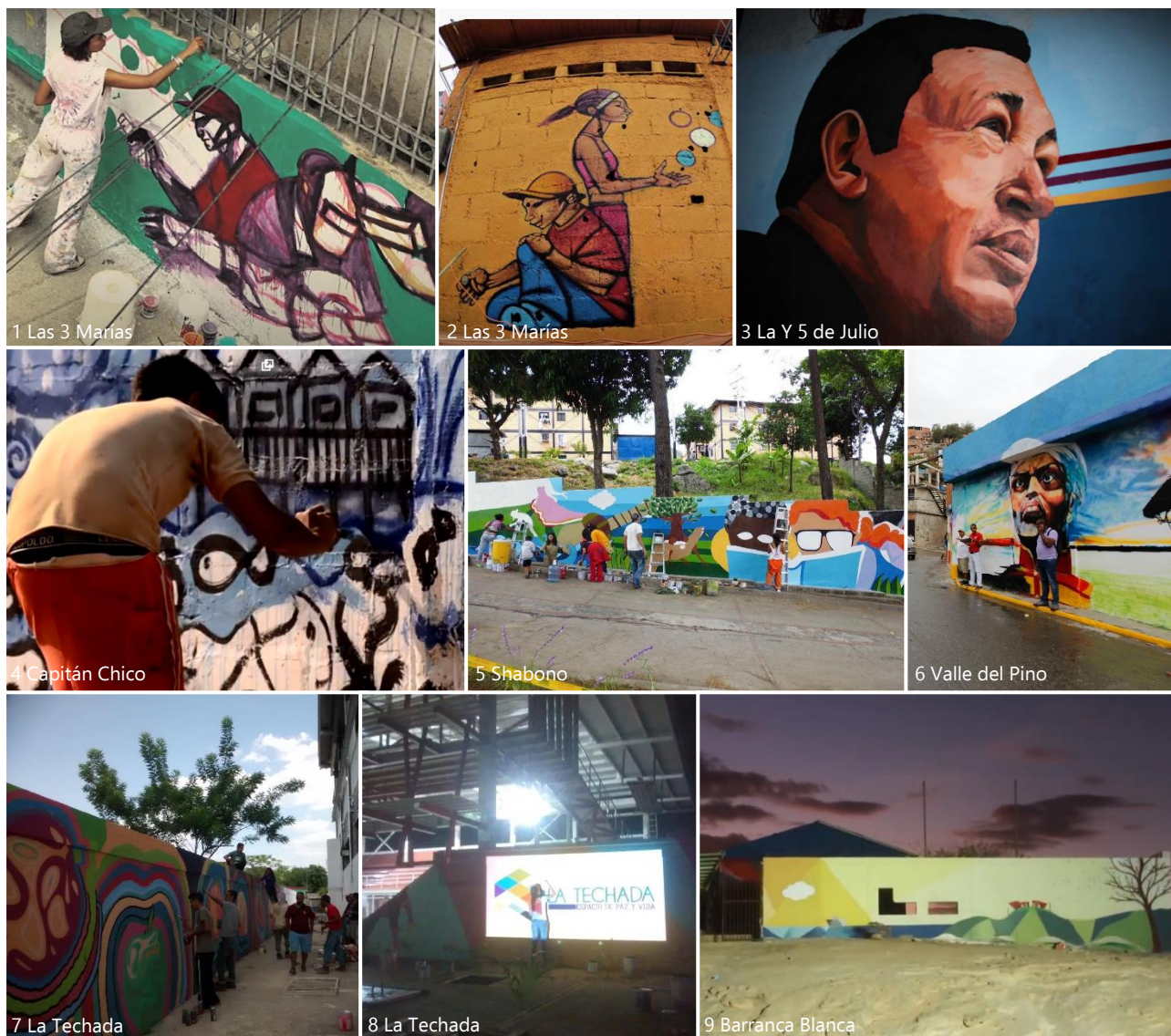


Figura 48_Murais

(1.2) Video Espacios de Paz Pinto Salinas 2014; (3) Facebook La Y 5 de Julio; (4) Video Espacios de Paz Capitán Chico [4]; (5) Mucu Artes; (6) Jose Bastidas; (7.8) Guillermo Leon; (9) Video Espacios de Paz Punta Arenas 2015 3ª parte

Ao analisar o material compilado, percebeu-se que os eventos culturais e esportivos (Figura 49) foram fundamentais tanto para aproximar a comunidade da intervenção que estava sendo construída quanto para fortalecer os costumes locais. Segundo os arquitetos entrevistados da intervenção *La Y 5 de Julio*, havia uma equipe responsável pela organização e divulgação dos eventos, que eram definidos junto com a comunidade para acontecer ao final de cada semana, como rodas de rap, partidas de basquete e jogos infantis, sendo todos realizados na intervenção ou em seu entorno imediato. Na intervenção *Shabono* foram organizados cinema ao ar livre e apresentações musicais. Na intervenção *La Techada* foi realizado um jogo de futebol entre arquitetos e brigadistas.

A comunicação da oficina, segundo os dados coletados, foi utilizada tanto para informar sobre o andamento da construção quanto para divulgar os eventos que aconteciam em paralelo à construção, essa comunicação acontecia dentro e fora da comunidade através de diferentes meios, como anúncios nas rádios comunitárias e postagens nas redes sociais. Em duas intervenções da edição 2014, *La Y 5 de Julio* e *Shabono*, e em quatro intervenções da edição 2015, *Valle del Pino*, *La Pantalla*, *La Techada* e *Los Cerrajones*, foram criados perfis no *facebook* para compartilhar em tempo real a evolução da construção, atualmente os perfis continuam ativos, porém a maioria só possui postagens da época. Além desses meios, na intervenção *Los Cerrajones* foram gravados diversos vídeos com a comunidade para divulgação da oficina de construção e postados no *youtube*.

As oficinas infantis (Figura 50) foram as mais diversificadas, como oficinas de reciclagem, pintura, desenho, produção de instrumentos musicais, contação de histórias, educação ambiental, yoga, música, serigrafia, dentre outras. De acordo com o arquiteto SB2 (2020), na intervenção *Shabono* foram realizadas também oficinas de paisagismo com plantação de mudas e construção de caminhos de pedra. Na intervenção *Barranca Blanca*, segundo o arquiteto BB2 (2019), os desenhos produzidos pelas crianças na oficina de pintura sobre os mitos e as lendas da comunidade foram organizados em livretos para fazer parte da nova biblioteca.



Figura 49_Eventos culturais e esportivos

(1.2) Facebook La Y 5 de Julio; (3) Vídeo Espacios de Paz Capitán Chico [3]; (4) Mucu Arte; (5) Vídeo EL Chama (semana 4);
 (6) Guillermo Leon; (7) Vídeo "la puerka" canta con los trabajadores en el espacio de paz;
 (8) Vídeo Espacio de Paz Punta Arenas 2015 3era parte



Figura 50 Oficinas infantiles

(1) Facebook La Y 5 de Julio; (2) Vídeo Espacios de Paz Capitán Chico [3]; (3) Vídeo El Chama (semana 3); (4) Vídeo El Chama (semana 4); (5) Vídeo Construcción del espacio de paz corporiente em cumaná 03; (6) Guillermo Leon; (7) Vídeo Taller de instrumentos musicales em espacio de paz los cerrajones; (8) Vídeo Espacio de Paz Punta Arenas 2015 3era parte

Na intervenção *Mirador 70*, segundo os arquitetos entrevistados, houve uma paralização no processo de construção por alguns dias em virtude de um episódio de violência, que aconteceu na última semana da oficina, com busca policial e tiroteio nas proximidades da intervenção, deixando uma pessoa da equipe ferida e todos assustados. Esse episódio paralisou todas as etapas, mas refletiu principalmente na etapa de socialização, pois provocou um afastamento entre a equipe de arquitetos e a comunidade, fragilizando o vínculo de confiança construído (MD1, 2020).

Como foi possível observar, as onze etapas de socialização analisadas buscam aproximar a comunidade da intervenção através de atividades lúdicas, recreativas e culturais, valorizando os costumes locais, deixando os moradores tomarem a frente das atividades e estimulando o uso dos espaços em construção. Nessas etapas percebe-se a manifestação, sobretudo, do princípio da **construção como 'desculpa'** e da estratégia da **participação da comunidade**⁸³, tendo em vista que as atividades realizadas estavam focadas no envolvimento amplo da comunidade.

⁸³ Os princípios e as estratégias analisados foram identificados no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

OCUPAÇÃO

A etapa de ocupação corresponde às atividades voltadas para criação de condições para que a intervenção perdure ao longo do tempo, como o gerenciamento e a autogestão comunitária. Como expresso no início deste bloco, essa etapa foi identificada apenas na intervenção *Barranca Blanca* (Figura 51). De acordo com o arquiteto BB2 (2019), as principais atividades para ocupação foram a capacitação das mães para o atendimento acadêmico da biblioteca e a criação de um programa de educação turística com o objetivo de formar uma cooperativa para o gerenciamento da intervenção pela própria comunidade. Segundo o material consultado, inicialmente foram reservadas duas semanas para a etapa de ocupação, mas na prática ela aconteceu apenas na última semana em paralelo com a finalização da etapa de execução. Observa-se nessa etapa o princípio da **construção como 'desculpa'**⁸⁴, pois ela se utiliza da construção da intervenção como meio de capacitar a comunidade com algo que possa lhe oferecer autonomia.



Figura 51_Intervenção *Barranca Blanca*
Veo Productores

⁸⁴ Os princípios e as estratégias analisados foram identificados no bloco *ESPACIOS DE PAZ* (p. 43).

Alguns aspectos que se referem a manifestação dos princípios e das estratégias nos onze processos de construção das intervenções dos *Espacios de Paz* analisados neste bloco merecem ser destacados como encaminhamento da pesquisa para as REFLEXÕES FINAIS, a saber:

1. Nota-se que, apesar de ser uma experiência que segue os mesmos princípios e as mesmas estratégias, ela se materializa em edificações bem distintas entre si e com características próprias. Esse aspecto revela a importância da estratégia **participação da comunidade** e da valorização das características locais que direcionaram de maneira efetiva o processo de construção, seja nas tomadas de decisões, seja na utilização de materiais e sistemas construtivos locais. Além disso, a análise do processo de construção mostrou a flexibilidade e a adaptabilidade que a proposta dos *Espacios de Paz* oferece em diferentes territórios e situações. Um exemplo dessa flexibilidade é a intervenção *Barranca Blanca*, que seguindo os mesmos princípios, mas alterando algumas estratégias, como a extensão do tempo de 6 para 8 semanas, a incorporação da etapa de ocupação, a construção única sem a necessidade da simultaneidade em outros locais e o direcionamento prévio para um programa de necessidade específico, mostra que as diretrizes propostas para os *Espacios de Paz* podem ser utilizadas e adaptadas para diferentes contextos.

2. Percebeu-se, no entanto, uma contradição entre o discurso da estratégia **urbanismo tático como prática de intervenção** e a construção efetiva das intervenções. Em primeiro lugar, observou-se uma considerável mudança de escala entre as intervenções, em 2014 a média de área construída foi de 404m², já em 2015 essa média chegou a 2.084m², revelando um aumento considerável na dimensão das intervenções, como em *Los Cerrajones* com área de 6.000m², fugindo da pequena escala própria do urbanismo tático. Um segundo ponto percebido foi a utilização de materiais, como concreto e aço, e sistemas construtivos de longo prazo, que fixam a construção no local, se contrapondo à efemeridade típica de intervenções táticas.

3. Um aspecto importante a ser destacado é o tempo destinado ao processo de construção definido pela estratégia da **oficina de 6 semanas simultâneas**, 8 semanas no caso da intervenção *Barranca Blanca*. Todos os arquitetos entrevistados apontaram o pouco tempo como um desafio a ser

superado, tanto no desenho de uma proposta executável dentro do prazo quanto no esforço e comprometimento diário, causando desgaste físico e sobrecarregando todos os participantes. Segundo os entrevistados, o aumento no tempo para a oficina proporcionaria uma melhor análise do terreno e suas condições prévias, uma maior aproximação com a comunidade para criar laços de confiança e a elaboração de um projeto mais detalhado. Além disso, observou-se uma transgressão do tempo previsto em quatro das cinco intervenções desenvolvidas na edição de 2015, reforçando a dificuldade de executar tais projetos em tão pouco tempo.

4. Outro aspecto relacionado a essa estratégia que não aconteceu como previsto foi a comprovação dos resultados, visto que não foi realizado nenhum tipo de estudo nesse sentido, além disso a última semana, que estava destinada para essa avaliação, foi utilizada para continuar ou finalizar a execução dos projetos, em todas as intervenções.

5. Vale destacar a intervenção *Los Cerrajones* como a intervenção que representa um rompimento maior com as diretrizes propostas pelos *Espacios de Paz*, no que diz respeito: a escolha de um terreno com grandes dimensões; a elaboração de um projeto ambicioso, abrangendo diferentes escalas e incorporando um programa de necessidades muito amplo e complexo com usos programáticos, recreativos e esportivos que não se restringia a um espaço focal; o não envolvimento direto da comunidade no desenho da proposta de projeto, que foi desenvolvida pelos arquitetos; a execução de infraestrutura urbana e movimentação de terras; a contratação de empreiteiras para realização da obra; e a extrapolação do tempo de execução que possuiu de 6 semanas para 2 anos, sem que a obra fosse totalmente finalizada.

Por fim, pode-se dizer que, apesar de alguns desvios, há uma grande coerência entre os princípios e as estratégias propostas pelos *Espacios de Paz* e o processo de construção das intervenções.

REFERÊNCIAS

- BB1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- BB2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** out. 2019. Entrevista concedida a autora.
- CC1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LC2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mar. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LC5, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LJ2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LM2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LP1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LP6, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** abr. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LR1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LR2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LT1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mar. 2020. Entrevista concedida a autora.
- LT2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** jun. 2020. Entrevista concedida a autora.
- MD1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- MD2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** set. 2019. Entrevista concedida a autora.
- MD3, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- SB1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.
- SB2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções.** mai. 2020. Entrevista concedida a autora.

SIQUEIRA, Mariana. **Arquitetura da Paz**. *Revista AU*, São Paulo, n. 257, p. 52-63. ago. 2015.

VP1, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. mar. 2020. Entrevista concedida a autora.

VP2, Arquiteto. **Entrevista com arquitetos das intervenções**. dez. 2019. Entrevista concedida a autora.

REFLEXÕES FINAIS

O início dessa pesquisa foi movido pelo desejo de conhecer mais de perto práticas projetuais contemporâneas realizadas por jovens arquitetos na América Latina que lidasse diretamente com as problemáticas sociais típicas das grandes cidades latino-americanas no século XXI. Diante desse mote, a experiência dos *Espacios de Paz* na Venezuela mostrou-se um potente objeto de estudo, por se tratar de uma prática projetual inovadora que reuniu um número expressivo de arquitetos latino-americanos para atuarem em territórios com distintos problemas sociais junto às comunidades locais e com apoio de instituições governamentais. Essa experiência resultou na construção de onze intervenções distintas, nos anos de 2014 e 2015, realizadas sob as mesmas diretrizes, que foram idealizadas pela *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida* e pelos arquitetos do *PICO Colectivo*.

A dissertação buscou entender os *Espacios de Paz* enquanto prática projetual que se desenvolve sob a perspectiva de diretrizes comuns pensadas para construir simultaneamente espaços públicos em comunidades com características distintas em um curto período de tempo e com poucos recursos. Para tanto, foi estabelecido o objetivo geral a dissertação, a saber: identificar os princípios e estratégias que estruturam a experiência dos *Espacios de Paz* e analisá-los à luz dos processos de construção das intervenções nas comunidades venezuelanas. Estudar práticas projetuais contemporâneas que estão inseridas em suas realidades locais e entender como essas práticas se desenvolveram contribuem para aproximar o conhecimento acadêmico das questões sociais cotidianas, refletir sobre processos de projeto que envolvem a comunidade, debater a respeito da construção coletiva de espaços públicos, além de conhecer projetos que podem servir de inspiração para a atuação de arquitetos e urbanistas em realidades semelhantes.

Os esforços para alcançar objetivo geral da pesquisa partiu do entendimento dos *Espacios de Paz* como resultado de um processo que não se restringe às suas intervenções físicas, mas que abrange questões mais amplas e complexas. Para tanto, a abordagem metodológica da dissertação foi estruturada a partir de três eixos: SURGIMENTO: relacionado ao contexto local latino-americano e venezuelano; PENSAMENTO: referente às diretrizes por trás das intervenções, estruturadas por objetivos, princípios e estratégias; e CONSTRUÇÃO: relativo ao processo de construção das

intervenções. Além disso, a organização de cada eixo em blocos individuais, que podem ser lidos de diferentes maneiras, contribuiu tanto para analisar os *Espacios de Paz* de maneira transversal quanto para entender a importância da leitura e análise cíclica entre contexto, teoria e prática de qualquer objeto arquitetônico.

No âmbito da arquitetura, os *Espacios de Paz* podem ser entendidos como uma prática que reflete o momento político de giro à esquerda na América Latina em que a maioria dos países latino-americanos estava sendo governados sob políticas de esquerda, tanto pela integração entre arquitetos de países irmãos quanto pela inclusão da população como participante ativo no processo de construção. Esse foi um período marcado tanto pelo aumento da participação popular com novos instrumentos participativos quanto por Estados que assumiam uma postura mais ativa em relação às questões sociais com a criação de políticas públicas. Na Venezuela, palco dos *Espacios de Paz*, o governo de esquerda implantado por Hugo Chávez foi responsável pela implantação dos Conselhos Comunais, um dos meios de participação popular mais inclusivos, e pela criação das Missões Sociais que tinham como objetivo combater a pobreza através da inclusão social e da participação popular, levando assistência básica às populações mais carentes.

Nesse contexto, os *Espacios de Paz* aparecem como um produto direto das políticas estatais venezuelanas, uma vez que seu escopo foi pensado e executado pela *Fundación Movimiento por la Paz y la Vida*, uma instituição governamental ligada diretamente ao Ministério do Gabinete da Presidência e Monitoramento da Gestão Governamental, em parceria com o *PICO Colectivo*, que já desenvolvia trabalhos junto ao governo na área de habitação social. O nome dado ao programa apresenta tanto um apelo popular, anunciando a criação de espaços que represente a paz em comunidades com problemas de violência e vulnerabilidades, mas também uma expectativa enganosa de que esses problemas podem ser resolvidos pelo espaço público. Além disso, a ideia trazida pelo programa de ativar a transformação física e social de comunidades em contextos urbanos conflituosos através do desenho participativo e da autoconstrução reforça essa expectativa e sugere que o espaço público seja o epicentro dos problemas urbanos.

No entanto, as diretrizes traçadas em torno dessa ideia apontam para maneiras alternativas de intervir em espaços públicos através de princípios e estratégias voltados para o envolvimento direto da população em todo processo de intervenção como meio de valorização da cultura e dos costumes locais, de atendimento às demandas reais e de capacitação dos moradores. Como parte dos resultados da pesquisa, foram identificados cinco princípios e cinco estratégias⁸⁵ que aguardam relações de complementaridade entre si e que funcionaram como guias e balizadores durante o processo de construção das intervenções. O aprofundamento teórico nos três principais temas relacionados às estratégias estruturantes – coletivos de arquitetura, participação e urbanismo tático – possibilitou uma leitura mais abrangente desses conceitos e consequentemente uma análise mais ampla das estratégias no processo de construção.

A reconstrução e análise dos onze processos de construção por etapas⁸⁶ proporcionou uma análise mais detalhada dos princípios e das estratégias, pois foi possível perceber em que etapa determinado princípio ou estratégia se fazia mais presente ou influenciava mais o seu desenvolvimento. Nesse sentido, constatou-se que a maioria dos princípios e das estratégias se concentraram nas etapas de projeto e de execução, apontando para a construção como ponto principal da intervenção. Como principais resultados extraídos da análise dos processos de construção, têm-se a adaptabilidade das diretrizes à realidade de cada território, a força da participação da comunidade durante todo o processo e a coerência entre princípio, estratégia e construção, apesar de alguns desvios, como a extrapolação de tempo na edição 2015, a contradição no uso do Urbanismo Tático como prática temporária e a construção fora da pequena escala, no caso da intervenção *Los Cerrajones*.

Ao percorrer os três eixos da pesquisa – surgimento, pensamento e construção – é possível extrair potencialidade e fragilidades da experiência dos *Espacios de Paz* como aprendizagem para futuras práticas projetuais. As principais potencialidades observadas foram: a capacidade de agrupar

⁸⁵ Princípios: construção como 'desculpa'; relação de horizontalidade; intervenção pontual irradiadora; replicabilidade tecnológica; trabalho a partir do 'poder'. Estratégias: oficina de 6 semanas simultânea; presença dos coletivos de arquitetura; participação da comunidade; urbanismo tático como prática de intervenção; diálogo entre instituição e comunidade.

⁸⁶ Etapas: preparação; projeto; execução; socialização; ocupação.

arquitetos de diferentes países com vivências próprias para o desenvolvimento de projetos em territórios específicos, criando uma rede de troca de experiência e conhecimento a nível profissional e pessoal; a incorporação das instituições governamentais como fonte de apoio financeiro e logístico, reafirmando a responsabilidade do Estado frente às questões sociais e urbanas; e o envolvimento da comunidade, dando aos moradores o poder de decidir sobre o espaço que estava sendo construído. Como fragilidades destaca-se: o pouco tempo para o desenvolvimento das intervenções; a falta de continuidade do programa como uma política pública para garantir a construção de outros espaços; o não acompanhamento das intervenções após a construção; e a falta de articulação do programa com outras frentes de ação que abarcasse questões além do espaço construído.

Ao longo da dissertação foram surgindo questões e abordagens que a inquietação inicial e o objetivo geral proposto para pesquisa, ambos voltados para a prática projetual, não deram conta de responder, mas que são extremamente pertinentes para a reflexão sobre os *Espacios de Paz*. Algumas delas foram a repercussão da questão urbana do contexto político, econômico e social e a implicação disso no desenvolvimento dos *Espacios de Paz*, e a abordagem teórica de questões relacionadas ao uso e apropriação do espaço público. Outras questões postas por professores e colegas esbarraram nas dificuldades e limitações da pesquisa e que, em grande medida, moldaram seu escopo final, tais como a impossibilidade de visitar pessoalmente os espaços por falta de recursos financeiros, a dificuldade de entrevistar moradores e líderes comunitários e a inviabilidade de coletar informações junto às instituições governamentais participantes.

Assim como em todo trabalho de pesquisa, as questões deixadas em aberto e as limitações abrem espaço para realização de investigações futuras. Duas lacunas importantes deixadas pela pesquisa, e que podem servir de mote para trabalhos futuros, foram a ausência da voz da comunidade e das instituições governamentais na reconstrução dos processos de construção e a falta de análise da repercussão das intervenções após a construção. Para além disso, entende-se que o programa *Espacios de Paz* é uma experiência potente e que pode ser utilizada como estudo de caso para a investigação de diversos temas importantes para o campo disciplinar.

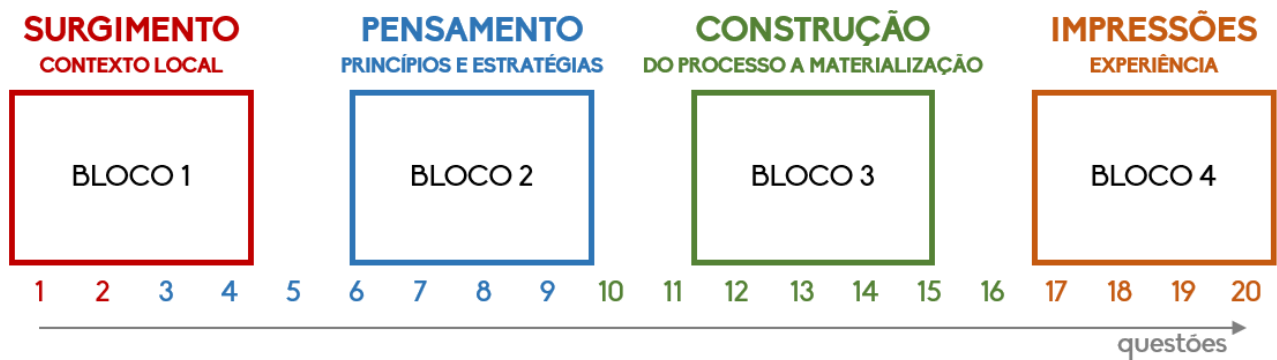
APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ARQUITETOS DO PICO COLECTIVO

Nome do(s) entrevistado(s):

A abordagem metodológica adotada na pesquisa se dá pela compreensão do processo do Projeto *Espacios de Paz* em três eixos: o SURGIMENTO relacionado ao contexto local, latino-americano e venezuelano; a elaboração do PENSAMENTO que o orientou através da aproximação aos princípios e estratégias; e a CONSTRUÇÃO que se materializa nas intervenções, entendida no âmbito da concepção, da execução e do uso. Estes três eixos, em conjunto, permitirão uma reflexão mais global do processo, pois na medida em que fornecem subsídios contextuais e teóricos permitem uma análise mais consistente das relações entre os princípios e as estratégias do Projeto *Espacios de Paz*, objetivo da pesquisa.

Assim sendo, a entrevista foi estruturada em 4 BLOCOS com o objetivo de incorporar questões a respeito de todos os eixos da pesquisa, além de perguntas sobre as IMPRESSÕES e reflexões frente a experiência pessoal e profissional dos envolvidos. As perguntas são direcionadas ao escritório PICO Coletivo e aos arquitetos que trabalharam diretamente na elaboração da metodologia, portanto podem ser respondidas por mais de uma pessoa, como for conveniente.



BLOCO 1_SOBRE O SURGIMENTO

1. Na pesquisa, a abordagem sobre o surgimento parte das problemáticas sociais e urbanas herdadas do século XX em virtude do rápido processo de metropolização e urbanização das grandes cidades na América Latina, como é o caso de Caracas. Considerando esse cenário que se estende aos dias atuais, **como o PICO Coletivo se posiciona enquanto coletivo de arquitetura?**

2. Desde a década de 1990 é possível perceber uma maior integração entre os arquitetos latino-americanos, através de parcerias de trabalho, encontros e exposições, criando diversas redes de relações, pessoais e virtuais. Para o PICO Coletivo, **qual a importância de fazer parte dessas redes de relações? Quais arquitetos ou escritórios o PICO tem maior proximidade?**

BLOCO 2_SOBRE O PENSAMENTO

3. Diante do convite realizado pelo Movimento pela Paz e a Vida para a elaboração da metodologia do Projeto *Espacios de Paz*, **quais princípios foram determinantes para a construção dessa metodologia?**

4. **O Projeto *Espacios de Paz* foi a primeira experiência em que o PICO Coletivo desenvolveu uma metodologia específica de intervenção?**

No Portfolio lançado em 2014, o Projeto *Espacios de Paz* é apresentado como “um exercício de desenho participativo que ativa processos de transformação física e social a partir da autoconstrução de espaços públicos em contextos urbanos conflituosos”. Partindo disso, faço algumas perguntas:

5. **O que significa “ativar processos de transformação” para vocês?**

6. **Que tipo de “transformação física e social” esse processo busca ativar?**

7. Como o “desenho participativo” auxilia nessa ativação de processos de transformação?

8. Em outro momento do Portfolio, a estratégia é descrita como uma forma de “operar de maneira focalizada sobre territórios pontuais com qualidade necessária para que a partir dessa intervenção primária se irradie progressivamente um processo de transformação e consolidação do habitat no bairro”, então: **Qual a importância dessa estratégia para a experiência do Projeto *Espacios de Paz*?**

9. Quais outras estratégias guiaram as intervenções?

BLOCO 3_SOBRE A CONSTRUÇÃO

10. O Projeto *Espacios de Paz* conta com a participação de diferentes atores, arquitetos nacionais e estrangeiros, instituições governamentais e comunidade, **como se deu a relação entre eles durante o processo de construção?**

11. De que maneira os coletivos estrangeiros foram inseridos no Projeto *Espacios de Paz*?

12. Qual a importância das instituições governamentais para o processo? As instituições que participaram da 2ª edição, em 2015, foram as mesmas que participaram da 1ª edição em 2014?

13. Como se deu a escolha das comunidades?

14. A intervenção em Punta Arena, realizada em 2015, faz parte do Projeto *Espacios de Paz*? Há alguma especificidade nessa intervenção que a deixou a parte nas publicações?

15. Diante da dificuldade de transmitir informações técnicas a um público leigo, como os voluntários das comunidades, **que tipo de material foi trabalhado para o entendimento das propostas de intervenções no momento da execução?**

16. De acordo com o Portfolio (2014), a última semana é reservada para a comprovação dos resultados, **como se deu essa comprovação? O que os resultados apontaram?**

BLOCO 4_SOBRE AS IMPRESSÕES

17. Hoje, quatro anos depois da 2ª edição (2015), **quais os pontos fortes e quais os pontos fracos que vocês enxergam dessa experiência?**

18. Foi realizada alguma avaliação de pós ocupação? As intervenções continuam sendo usadas pelas comunidades?

19. Porque não houveram outras edições?

20. Por fim, para que a pesquisa se estruture como planejado a conversa com outros atores é fundamental nesse processo. **Vocês poderiam ajudar com o contato de líderes comunitários, de pessoas do governo, como algum representante do Movimento pela Paz e a Vida e de outras instituições, e de arquitetos?**

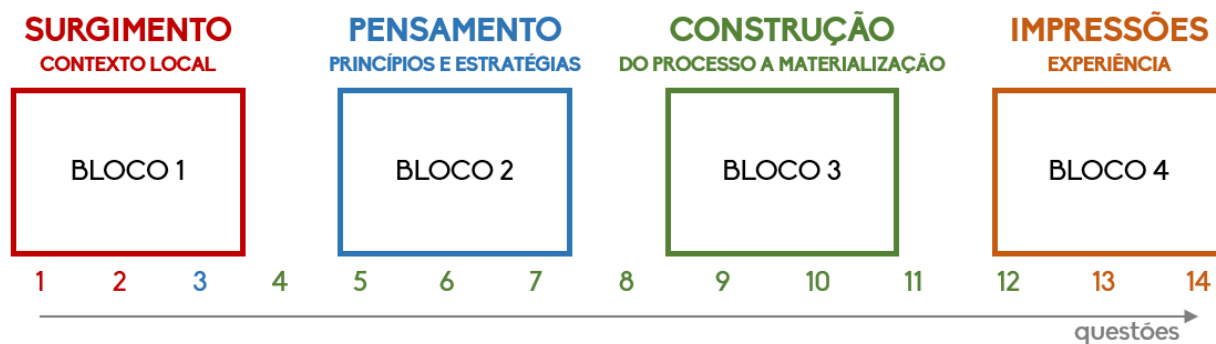
APÊNDICE 02

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ARQUITETOS DAS INTERVENÇÕES

Nome do(s) entrevistado(s):

A abordagem metodológica adotada na pesquisa se dá pela compreensão do processo do Projeto *Espacios de Paz* em três eixos: o SURGIMENTO relacionado ao contexto local, latino-americano e venezuelano; a elaboração do PENSAMENTO que o orientou através da aproximação aos princípios e estratégias; e a CONSTRUÇÃO que se materializa nas intervenções, entendida no âmbito da concepção, da execução e do uso. Estes três eixos, em conjunto, permitirão uma reflexão mais global do processo, pois na medida em que fornecem subsídios contextuais e teóricos permitem uma análise mais consistente das relações entre os princípios e as estratégias do Projeto *Espacios de Paz*, objetivo da pesquisa.

Assim sendo, a entrevista foi estruturada em 4 BLOCOS com o objetivo de incorporar questões a respeito de todos os eixos da pesquisa, além de perguntas sobre as IMPRESSÕES e reflexões frente a experiência pessoal e profissional dos envolvidos. As perguntas são direcionadas ao escritório nome do coletivo e aos arquitetos que participaram diretamente na construção da intervenção em nome da intervenção.



BLOCO 1_SOBRE O SURGIMENTO

1. Na pesquisa, a abordagem sobre o surgimento parte das problemáticas sociais e urbanas herdadas do século XX em virtude do rápido processo de metropolização e urbanização das grandes cidades na América Latina, como é o caso de Caracas. Considerando esse cenário que se estende aos dias atuais, **como o nome do coletivo se posiciona enquanto coletivo de arquitetura?**

2. Desde a década de 1990 é possível perceber uma maior integração entre os arquitetos latino-americanos, através de parcerias de trabalho, encontros e exposições, criando diversas redes de relações, pessoais e virtuais. Para o nome do coletivo, **qual a importância de fazer parte dessas redes de relações? Quais arquitetos ou escritórios o vocês têm maior proximidade?**

BLOCO 2_SOBRE O PENSAMENTO

3. O Projeto *Espacios de Paz* foi a primeira experiência em que o nome do escritório participou de um projeto com metodologia específica de intervenção?

BLOCO 3_SOBRE A CONSTRUÇÃO

No Portfolio lançado em 2014, a metodologia é apresentada como “uma oficina de 6 semanas, desenvolvida por coletivos de arquitetos da Venezuela e do mundo, de maneira simultânea em 5 comunidades do país. Uma semana inicial de pré-produção em que se ordena o funcionamento, quatro semanas centrais de desenho e execução do projeto propriamente dito e uma semana final para a comprovação dos resultados”. Partindo disso, faço algumas perguntas:

4. Sobre a semana inicial de pré-produção, **como se deu o primeiro contato com a comunidade? Que atividades foram realizadas para estimular sua participação?**

Sobre as quatro semanas de desenho e execução,

5. Como se deu a escolha do local da intervenção? Quais os fatores que determinaram essa escolha?

6. Como se deu a elaboração do programa de necessidades? Quais usos foram determinantes nesse momento?

7. Como foram traçadas as primeiras diretrizes de concepção da intervenção?

8. Quais foram os fatores determinantes para a escolha dos materiais e das técnicas construtivas utilizadas? Houve a necessidade de capacitação dos voluntários?

9. Diante da dificuldade de transmitir informações técnicas a um público leigo, que tipo de material foi utilizado para o entendimento das propostas no momento da execução?

10. Quais atividades foram desenvolvidas para envolver a comunidade no processo, além da participação na execução?

11. Sobre a última semana de resultados, que ferramentas foram utilizadas para a comprovação dos resultados? O que os resultados apontaram?

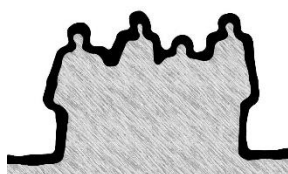
12. Tendo em vista a metodologia proposta, quais foram as maiores dificuldades a serem superadas no processo de concepção e execução da intervenção?

BLOCO 3_SOBRE AS IMPRESSÕES

13. Hoje, quatro anos depois da 2ª edição (2015), quais as impressões e lições que vocês tiraram dessa experiência, pessoal e profissionalmente?

14. Por fim, para que a pesquisa se estruture como planejado a conversa com outros atores é fundamental nesse processo. Vocês poderiam ajudar com o contato de líderes comunitários, de pessoas do governo, como algum representante do Movimento pela Paz e a Vida e de outras instituições, e de arquitetos?

QUADRO-PERFIL DOS COLETIVOS DE ARQUITETURA



ABONO ARQUITECTURA

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: GRESLY MONSALVE + MARCOS COLINA + ADOLFO OTERO + MARI MIANO

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: SHABONO 2014 + VALLE DEL PINO 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Panamericana de Quito 2014; SEAAR Universidad de los Andes 2015; Bienal de Arquitectura de Veneza 2016; Sobremesa com professores Universidad Simón Bolívar 2016

TRABALHO COLETIVO

“A quantidade de pessoas que apoiam essa ideia vai desde diversas profissões como Arquitetura, Urbanismo, Antropologia, Sociologia, Economia, entre outras, que trabalhando diretamente com as comunidades buscam o desenvolvimento dos espaços que habitamos e a cidade que vivemos dia a dia”; parceria em concursos, projetos de arquitetura e na oficina de fabricação

COMPROMISSO SOCIAL

“Somos um coletivo multidisciplinar que se preocupa com o empoderamento das comunidades organizadas dos espaços cotidianos e públicos através da arquitetura. Trabalhando desde uma plataforma que se apoia no desenho participativo para a transformação integral dos espaços públicos e avançar na construção física e social do território”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

Arquitetura, ensino, planejamento urbano e territorial, espaço público e fabricação manual-digital

Site: abonoarquitectura.wixsite.com/inicio. Acesso: mar. 2020.

AGA ESTUDIO CREATIVO



DESDE: 2010

DIRETORES: GABRIEL VISCONTI + ORLANDO VÁSQUEZ + VÍCTOR MONTERO 2012

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LA PANTALLA 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Europeia de Paisagem 2014; Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2016 e 2019; Bienal Panamericana de Quito 2016 e 2018; Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires 2017; Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza 2018; “a prática cidadã e a prática profissional nos permitiram ser conselheiros, professores e palestrantes convidados em vários espaços, universitários e instituições na Venezuela e na América; e publicado em vários meios de comunicação”; ampla rede de contatos com equipes disciplinares e de investigação, instituições governamentais e não governamentais, plataformas sociais, culturais, estudantis e de comunicação e profissionais de fabricação e fotografia.

TRABALHO COLETIVO

“equipe que reúne disciplinas de design e fenômeno urbano, como uma estrutura colaborativa que cresce ou diminui em termos de fornecer alternativas derivadas do conhecimento e da experiência”

COMPROMISSO SOCIAL

“desenvolvimento de linhas de pesquisa-ação aplicadas às práticas humanas, objetos e território”; “participar propõe trabalhar com a realidade como base de uma utopia cotidiana. Aquelas iniciativas que por sua base social e relacional constituem oportunidades germinativas na gestão de uma cidade inclusiva, um tipo de pensamento mais cooperativo ou, se preferir, uma lógica operacional que busca uma nova forma de organização-criação mais aberta, dinâmica e irregular do espaço urbano”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“projetamos e/ou construímos espaços públicos, casas, instalações urbanas, enquanto desenvolvemos peças, artefatos e instalações – na Venezuela, Colômbia, Peru, México e Equador – de dimensões sociais e econômicas, políticas e tecnológicas que integram arte, ciência e cultura no desenvolvimento social e ambiental, devido ao interesse na escala humana”

Site: www.aga-estudio.com/nosotros. Facebook: @AGAestudio. Acesso: mar. 2020.

AL BORDE



DESDE: 2007

FUNDADORES: PASCUAL GANGOTENA + DAVID BARRAGÁN + MARIALUISA BORJA + ESTEBAN BENAVIDES

LOCALIDADE: EQUADOR

ESPACIOS DE PAZ: LOS MANGOS 2014

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2008, 2010, 2016 e 2019; Bienal de Arquitetura de Quito 2006, 2012, 2016 e 2018; Festival Internacional de Cinema e Arquitetura 2018; Bienal de Arquitetura de Veneza 2018; Bienal Internacional de Buenos Aires 2017; Bienal de Arquitetura do Chile 2017; Bienal de Arquitetura Boliviana 2017; Bienal de Arquitetura de São Paulo 2013; Festival de Arte na Rua 2011; Festival Internacional de Arquitetura 2011; Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos 2011

TRABALHO COLETIVO

"o trabalho é realizado a partir da complexidade específica do problema, mas com uma perspectiva integral uma exploração que os levou a colaboração interdisciplinares com músicos, artistas, teatros, designers, publicitários, etc."

COMPROMISSO SOCIAL

"'fazer com pouco' é o credo do Al Borda"; "capacidade de encontrar na escassez resposta estética e empoderamento social. Convencidos de que a força do projeto reside na autonomia subsequente de seus usuários, o processo de design e tomada de decisão do Al Borda se baseia na participação da comunidade em todas as fases do planejamento e construção, e na exploração sistemática do contexto local"; "seus projetos buscam sempre aprimorar o desenvolvimento local e ter um alto componente de inovação social"

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

"costumados a trabalhar com baixos orçamentos de construção, recentemente trabalhou em projetos em contextos de emergência"; "desenho de interesse público, academia, exposições, habitação e ações"

Site: albordearqu.com. Facebook: @albordearquitectos. Acesso: mar. 2020.

ARQUITECTURA EXPANDIDA



DESDE: 2010

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: COLÔMBIA

ESPACIOS DE PAZ: SHABONO 2014

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2019; Seminário Internacional de Processos Urbanos Informais 2012, 2015 e 2019; Seminário Internacional de Urbanismo Biopolítico 2018; Encontro de Arquiteturas Coletivas 2017; Encontro Emergências 2015; Encontro Espaços Culturais Urbanos 2015; Encontro Internacional de Dados Abertos 2014; Foro Internacional de Ações Urbanas 2014; Encontro Coletivos, Espaço Público e Desenvolvimento Social 2012; Encontro de Cultura Livre 2012

TRABALHO COLETIVO

“sistema de organização flexível, com baixa definição de papéis, para que todos os cidadãos envolvidos participem da construção do território por meio de uma troca de conhecimentos e uma série de perguntas comuns”; parceria com diversos coletivos e instituições nacionais e estrangeiras

COMPROMISSO SOCIAL

“laboratório cidadão de autoconstrução – física, social e cultural – do território, no qual comunidades, profissionais, crianças e, em geral, cidadãos interessados em se responsabilizar em primeira pessoa pela gestão política, social e cultural de seus territórios na rua”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“intervenções urbanas colaborativas que se deslocam entre a necessidade, o político-crítico, o alto conteúdo simbólico, o pedagógico e o entendimento de que a cultura é o principal dispositivo do planejamento territorial. Atua como um Think Tank que levanta questões que transcendem ações específicas para se tornarem propostas de participação escalonáveis”

Site: arquitecturaexpandida.org. Facebook: @arquitecturaexpandida. Acesso: mar. 2020.

CAPA COLECTIVO ARQUITECTURA PÚBLICA ASAMBLEARIA



DESDE: 2013

FUNDADORES: ARIEL JACUBOVICH + MARTÍN FLUGELMAN

LOCALIDADE: ARGENTINA

ESPACIOS DE PAZ: VALLE DEL PINO 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Informação não encontrada

TRABALHO COLETIVO

“plataforma associada à Oficina de Arquitetura | Ariel Jacobovich”; “Desenvolvemos equipamentos comunitários e projetos de espaços públicos que vinculam governos a organizações sociais e políticas, inovando em novas formas de participação cidadã para a construção e transformação do ambiente habitável.”; “Trabalhamos a partir da arquitetura na articulação de diferentes atores que participam do urbano, aprimorando as capacidades de colaboração que permitem o surgimento do público.”

COMPROMISSO SOCIAL

“formaliza-se a experimentação de novas formas de projeto e ações urbanas, que buscam rever o papel do arquiteto e da arquitetura, de forma participativa, priorizando o valor cultural do espaço coletivo.”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

Equipamentos comunitários; espaço público; ações urbanas; “uma série de projetos de várias magnitudes está sendo realizada, envolvendo cooperativas de trabalho, programas estaduais, associações sindicais e organizações culturais.”

Site: colectivoarquitecturapublicaasamblearia.wordpress.com. Facebook: @Colectivoarquitecturapublicaasamblearia.

Acesso: mar. 2020.



CoDa COLECTIVO DE DISEÑO Y ARQUITETURA

DESDE: 2013

FUNDADORES: JOHAN MELÉNDEZ + FRANCISCO GARCÍA ROMERO + ANDRES LEÓN

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LA PANTALLA 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Informação não encontrada

TRABALHO COLETIVO

Parceria com Universidades; Participação em concurso e elaboração de projeto com outros arquitetos ou grupos de arquitetos

COMPROMISSO SOCIAL

Assessoria e trabalho colaborativo; "participantes da busca para estabelecer possíveis reflexões de um território."

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

arquitetura; design de interiores; desenho urbano; construção; arquitetura efêmera; residencial; comercial; institucional; oficinas; concursos

Site: codacolectivo.wix.com/coda. Facebook: @CoDaColectivodeDiseñoArquitectura. Acesso: mar. 2020.

ENTRE NOS ATELIER



DESDE: 2010

DIRETORES: MICHAEL SMITH + ALEJANDRO VALLEJO

LOCALIDADE: COSTA RICA

ESPACIOS DE PAZ: LA TECHADA 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Iberoamericana de Desenho 2016; Bienal Internacional de Arquitetura 2005 e 2016; Bienal Nacional de Arquitetura 2007, 2008 e 2016; Bienal Centroamericana de Arquitetura 2009; Bienal Internacional de Arquiteturas Veritas 2007

TRABALHO COLETIVO

“desenvolve oficinas e agendas de garantia com diferentes universidades nacionais e internacionais, como o Entre Comunidade e o Construindo Oficina. Esses espaços buscam desde o trabalho profissional, estender investigações pontuais e questionamentos de desenho ao nível acadêmico.”

COMPROMISSO SOCIAL

“buscamos na colaboração e participação, promover um sentimento de apropriação; onde o designer desaparece uma vez terminada a obra e o usuário-entorno se convertem nos verdadeiros protagonistas”; “compreender e reinterpretar o processo participativo de nossos sistemas de apropriação com o fim de melhorar a qualidade do habitat que desenvolvemos, utilizando estratégias de inteligências coletivas como uma ferramenta de desenho”; “se trabalha com comunidades de recursos escassos ou vulnerabilidade, com a intenção de despertar um pensamento crítico a respeito da habitabilidade do espaço, a necessidade de abrigo e a vida em comunidade”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“desenhos alternativos que buscam a vinculação de temas sociais, sustentabilidade, biomimética, processos de fabricação, responsividade climática e desempenho de ambientes construídos”; “investigação de projetos sociais, habitação de emergência, arquitetura de madeira, projetos com impacto social e desenho”; “habitação, institucional, comercial, desenho, investigação e concursos”

Site: www.entrenosatelier.net. Facebook: @entrenoscr. Acesso: mar. 2020.

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal de Arquitetura de Veneza 2016; Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos 2015

TRABALHO COLETIVO

Desenvolve oficinas com os estudantes do 5º ano da Escola de Arquitetura da Universidade de Talca

COMPROMISSO SOCIAL

“caracteriza-se por trabalhar com processos locais, ou seja, maximizar os recursos e tradições existentes associados às comunidades que eles servem”; “se concentram no fortalecimento desses projetos na periferia da cidade ou nas comunidades rurais, usando recursos da área, integrando a comunidade para gerenciar e desenvolver projetos participativos”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“realizam vários projetos de impacto social, turismo, intervenção urbana, construções particulares no Chile e na América Latina (Equador, Bolívia, Venezuela e México)”; “busca constantemente inovar e expandir seus campos de ação. Atualmente, estão desenvolvendo propostas públicas, projetos privados e desenvolvimentos com as comunidades”

Site: www.grupotalca.cl/taller/index.php/en/. Facebook: @grupotalca.cl. Acesso: mar. 2020.



INSITU SOCIAL

DESDE: 2010

FUNDADORES: FABIO LOPEZ + NICHOLAS WAISSBLUTH + JAMES BRAZIL + RAFAEL MACHADO

LOCALIDADE: VENEZUELA + MÉXICO + COLÔMBIA + BRASIL

ESPACIOS DE PAZ: LOS CERRAJONES 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal Panamericana de Quito 2016; Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

TRABALHO COLETIVO

“Trabalhando com instituições acadêmicas, indústria privada, grupos comunitários e designers de uma ampla seção de disciplinas, nosso objetivo é criar relacionamentos inteligentes entre os habitantes, consumidores e produtores de nossas cidades.”; “workshops, palestras e eventos em andamento, o programa é direcionado a estudantes, profissionais e comunidades que trabalham em arte, arquitetura, design e áreas afins.”

COMPROMISSO SOCIAL

projeto participativo de renovação urbana; “Seu objetivo central é implementar a pesquisa e o desenvolvimento de projetos estratégicos de projetos sociais e ecologicamente sustentáveis.”; “plataforma social e tecnológica para a troca de conhecimentos entre bairros e comunidades em todo o mundo”; “A participação é transversal e colaborativa.”; “Os laboratórios de construção devem estar nas comunidades, onde houver.”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“projetos que investigam o desenvolvimento informal das cidades, espaços urbanos não consolidados e processos de autoconstrução”; “pesquisa de materiais diretamente com processos ecológicos e de fabricação”; “O espaço público é reivindicado como público-alvo.”

Site: www.insitusocial.com. Facebook: @insitu.social. Acesso: mar. 2020.



LAB.PRO.FAB

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA (NOME ATUAL: THE PUBLIC MACHINERY)

FUNDADORES: ALEJANDRO HAJEK

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LOS CERRAJONES 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal de Arquitetura e Urbanismo do Chile 2001 e 2017; Bienal de Arquitetura de Veneza 2003 e 2016; Bienal Nacional de Arquitetura da Venezuela 2017; Bienal Panamericana de Quito 2016; Bienal Salon Malaussena de Arquitetura e Urbanismo 2010 e 2016; Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2016; Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos 2015; Bienal Internacional de Arquitetura da Costa Rica 2016; Bienal de Arquitetura de Maracaibo 2013; Festival de Arquitetura de Barcelona 2011; associado ao site UrbanNext

TRABALHO COLETIVO

“concentra suas linhas de pesquisa em meio ambiente, objetos e práticas humanas. Arquitetura, paisagem e artefatos são assumidos como componentes de um cenário logístico; como suporte de uma sequência de ações reagendadas que suportam e acionam modos de comportamento e interação social”; “o processo gerencia um itinerário de ações que programa a sequência de construção e a ativação do ambiente”

COMPROMISSO SOCIAL

“produzimos máquinas de gestão social através da efervescência social, cartografias culturais e inteligência local, promovendo novos protocolos de regeneração urbana”; “eficiência construtiva e otimização de recursos econômicos, humanos e materiais”; “Fabricação em série, mas ao mesmo tempo personalizada. A alta tecnologia, mas também a mais baixa tentando derivá-las em tecnologias intermediárias ou de transferência. Produção ‘para as massas’: não ‘produção em massa’”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“máquinas de capacitação paisagem coletiva, arte social e instalações políticas”; “tecnologias mistas, reprogramação de obsolescência e oficinas acadêmicas”; “Laboratório de projeto e fabricação que reúne disciplinas do desenho para fazer investigação aplicada ao desenvolvimento cultural, social e ambiental”

Site: labprofab.org. Facebook: @LABPROFAB. Acesso: mar. 2020.

MAAN

maan.

DESDE: 2009

FUNDADORES: MAXIMILLIAN NOWOTKA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: MIRADOR 70 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal de Arquitetura de Veneza 2016; Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2016; Bienal de Arquitetura Panamericana de Quito; Bienal de Arquitetura da Paisagem; Bienal de Arquitetura de São Paulo 2019; “para nós é muito importante no mundo contemporâneo tecer redes de colaboração”

TRABALHO COLETIVO

“sempre temos pretendido desenvolver projetos nos quais a colaboração é uma premissa, tratamos de abordar cada projeto desde a visão de várias disciplinas”; “em nosso afã de sempre buscar maneiras de colaborar, temos tecido redes de trabalho, comunicação e produção”

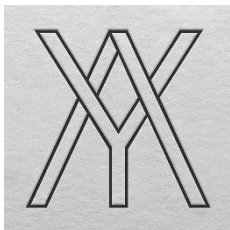
COMPROMISSO SOCIAL

“projeto que muda, que transforma e se adapta às condições sob as quais se trabalha”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“nos interessam várias linhas de investigação, orientadas em sua maioria ao espaço público, a habitação contemporânea, a especulação e ação sobre os limites das cidades, o efêmero e a temporalidade da obra, da materialidade, entre outros temas”

Site: m-a-a-n.com. Facebook: @maan.taller. Acesso: mar. 2020. Entrevista: NOWOTKA, 2019.



OFICINA INFORMAL

DESDE: 2007

FUNDADORES: ANTONIO YEMAIL

LOCALIDADE: COLÔMBIA

ESPACIOS DE PAZ: LOS CERRAJONES 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Informação não encontrada

TRABALHO COLETIVO

Trabalho com instituições culturais, galerias e museus; Colaboração com artistas e com agências criativas; “equipe de arquitetos, designers industriais e gráficos, trabalhando em estreita colaboração com uma rede de consultores especializados”; “diálogo interdisciplinar e flexibilidade dos processos de criação”; “Favorecer a interação entre atores sociais, sua visibilidade; ter capacidade de mediação entre diferentes modos de vida”

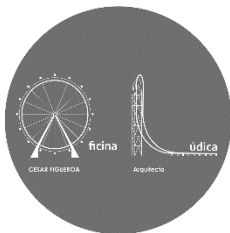
COMPROMISSO SOCIAL

“desenvolvimento habitacional explorando modelos de gestão cooperativa, a reabilitação do patrimônio moderno e o uso de sistemas de fabricação de baixo custo.”; “experimentar diferentes tipos de assembleias ou políticas inovadoras de participação social”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“projeto e execução de projetos arquitetônicos públicos e privados”; intervenção em espaço público; desenho de mobiliário urbano; políticas públicas de planejamento; habitação; instalações; espaços de trabalho; “projetos em uma ampla gama de formatos: edifícios, publicações, instalações, pesquisa e ensino.”

Site: yemailarquitectura.co. Facebook: @yemailarquitectura. Acesso: mar. 2020.



OFICINA LÚDICA

DESDE: 2013

FUNDADORES: CESAR FIGUEROA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LAS 3 MARÍAS 2014 + LOS CERRAJONES 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Informação não encontrada

TRABALHO COLETIVO

“Plataforma de arquitetura especializada no desenvolvimento de ideias de desenho e na gestão de processos criativos, através de estratégias lúdicas e a colaboração com outros”

COMPROMISSO SOCIAL

“Acreditamos principalmente na apropriação do local a partir da menor ação, seja na abordagem participativa, na gestão, na colaboração, como desenho de uma planta”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“Seja um equipamento ou uma casa, gostamos de ver cada um como uma oportunidade de dialogar com a cidade, socializar através do jogo, aprender a dar espaço a ela e gradualmente apagar as fronteiras entre arquitetura e espaço público”

Site: oficialudicablog.wordpress.com. Facebook: @oficialúdica. Acesso: mar. 2020.



PROYECTO COLECTIVO

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: MIGUEL BRACELI

LOCALIDADE: ESTADOS UNIDOS + VENEZUELA + ESPANHA

ESPACIOS DE PAZ: MIRADOR 70 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Exposição Nacional das Artes do Fogo 2009; Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Urbanismo 2012 e 2016; Bienal de Maracaibo 2012; Exibição Regional de Jovens Artistas 2014; Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

TRABALHO COLETIVO

“busca criar pontes entre modelos acadêmicos e práticas extramurais”; “investigação sobre as relações entre forma, matéria e paisagem através de seus cursos de projeto no Taller X” na Universidade Central da Venezuela; “O espaço de ensino se tornou o primeiro laboratório, um local onde nascem experimentos que mais tarde se tornam práticas urbanas de grande formato através de ações coletivas”; “As redes sociais são uma ferramenta para a produção e disseminação de projetos possíveis graças às colaborações espontâneas geradas no espaço virtual.”; “Os trabalhos que Miguel Braceli desenvolve a partir do Projeto Coletivo são construções plurais que buscam a integração de disciplinas, a participação de especialistas, estudantes e membros de uma comunidade, a pesquisa de meios que permitem fazer das propostas um local de experimentação.”

COMPROMISSO SOCIAL

“produção de obras abertas através de modelos participativos”; “ações são desenhadas no espaço como obras em movimento através da participação do espectador”;

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

Intervenções efêmeras; espaço público; oficinas

Site: www.miguelbraceli.com. Facebook: @proyeccolectivo. Acesso: mar. 2020.

RUTA4



DESDE: 2014

FUNDADORES: JORGE NOREÑA + DANIEL BUITRAGO + JULIÁN VÁSQUEZ + JULIANA MARULANDA

LOCALIDADE: COLÔMBIA

ESPACIOS DE PAZ: BARRANCA BLANCA 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Encontro Urbano e Território 2014; Encontro Nacional de Responsabilidade Social 2015; Bienal de Arquitetura do Chile 2017; Bienal de Arquitetura de Buenos Aires 2017; Bienal de Inclusão Social 2016; Bienal de Arquitetura e Educação 2017; Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura 2017; associado ao site Arquitecturas Colectivas

TRABALHO COLETIVO

“encontramos na arquitetura como disciplina o argumento perfeito para entender as relações urbanas a partir de redes, conexões e articulações que individualizam a relação humana e possibilitam a criação, através de objetivos comum, do encontro e da congregação ritual de construção de espaços e territórios”

COMPROMISSO SOCIAL

“somos parceiros, ouvimos quem constrói, confiamos à equipe e fortalecemos as comunidades em todas as áreas de nossas vidas”; “embarcamos em um caminho quase aleatório; entre comunidades, paisagens, viagens, sites, perguntas e afetos que se juntaram como camadas que nos permeiam; peles de experiências que nutrem uma rota e a alteram em seu trabalho diário”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“nichos em nichos, construir um espaço no mundo e, a partir daí, relacionar-se com diferentes escalas de abordagem”

Site: ruta4arq.tumblr.com. Facebook: @ruta4arquitectura. Acesso: mar. 2020.



TALLER ACTIVO

DESDE: 2010

FUNDADORES: ALFONSO GARDUÑO

LOCALIDADE: MÉXICO

ESPACIOS DE PAZ: LA PANTALLA 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Bienal de Arquitetura de Veneza 2016; Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo 2014; Conferência Conflitos e Convergências 2012; Fórum Harvard GSD 2007

TRABALHO COLETIVO

“iniciativa acadêmica de design e construção participativa da Escola de Arquitetura do ITESM Querétaro”

COMPROMISSO SOCIAL

“programa de ações inclusivas e participativas”; “comprometido com a criação de novas dinâmicas sociais e econômicas que impulsionam o desenvolvimento da comunidade, privilegiando os interesses coletivos sobre os interesses individuais”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“arquitetura, concurso, investigação e espaço público”

Site: g3arquitectos.com/taller-activo/. Facebook: @TAAC-talleractivo. Acesso: mar. 2020.



TODO POR LA PRAXIS

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: ESPANHA

ESPACIOS DE PAZ: LA Y 5 DE JULIO 2015

COLABORAÇÃO EM REDE

Congresso de Arquitetura CREA Rosario Argentina 2016; Bienal de Arquitetura de Veneza 2016; Bienal Arriba los de Abajo Bogotá 2014; Bienal de Istambul 2013; Encontro Internacional de Arte Urbana 2009

TRABALHO COLETIVO

“coletivo multidisciplinar de arquitetos, designers e artistas”; “articula-se em diferentes redes de grupos e agentes que cooperam e compartilham conhecimentos, experiências e recursos”

COMPROMISSO SOCIAL

“propõe novos modos de produção da cidade, permitindo novos canais, ferramentas, metodologias e estruturas para a inovação urbana, envolvendo a participação ativa dos cidadãos”; “desenvolve sua principal atividade a partir de práticas colaborativas, propondo processos de coprodução cidadã onde é co-diagnosticada, co-projetada e construída coletivamente modelos de gestão cidadã definidos coletivamente”

ESPECTRO DE ATUAÇÃO

“pedagogia e aprendizagem; processos participativos; urbanismo tático; projetos de coprodução e resiliência; consultoria e mediação urbana; dispositivos móveis

Site: todoporlapraxis.es. Facebook: @TXPTodoPorlaPraxis. Acesso: mar. 2020.

ASYMETRIC

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: VALLE DEL PINO 2015

Revista AU 257.

ALREADY HAPPENING

DESDE: CRIADO APENAS PARA PARTICIPAÇÃO NOS ESPACIOS DE PAZ 2015

FUNDADORES: ADRIANA RUIZ

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: MIRADOR 70 2015

Revista AU 257.

EL COLECTIVO ANIMAL

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LA TECHADA 2015

Revista AU 257.



HSF HABITAT SIN FRONTERAS

DESDE: 2010

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: COLÔMBIA + MÉXICO + PANAMÁ

ESPACIOS DE PAZ: CAPITÁN CHICO 2014

Site: www.bamboostylemx.com. Facebook: @habitatsinfronteras. Acesso: mar. 2020.



PGRC PLATAFORMA GESTIÓN RESIDUOS DE CIUDAD

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LA Y 5 DE JULIO 2014 + LA TECHADA 2015

Site: p-g-r-c.tumblr.com. Facebook: @PgrcArchitects. Acesso: mar. 2020.

PKMN ARCHITECTURES

DESDE: 2006 – 2016 (DIVIDIU-SE EM ENORME ESTUDIO E EEESTUDIO)

FUNDADORES: ENRIQUE ESPINOSA + CARMELO RODRÍGUEZ

LOCALIDADE: ESPANHA

ESPACIOS DE PAZ: LAS 3 MARÍAS 2014

Site: www.pkmn.es. Acesso: mar. 2020.

SER

DESDE: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: MIRADOR 70 2015

Revista AU 257.



TALLER INDEPENDIENTE

DESDE: 2014

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: BARRANCA BLANCA 2015

Facebook: @independiente.taller. Acesso: fev. 2021.

439 ESTUDIO ARQUIURBANO



DESDE: 2010

FUNDADORES: INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

LOCALIDADE: VENEZUELA

ESPACIOS DE PAZ: LOS MANGOS 2014 + LOS CERRAJONES 2015

Site: 439estudio.tumblr.com. Facebook: @439estudio. Acesso: mar. 2020. Portfolio, 2014. Revista AU 257.

FICHA TÉCNICA DAS INTERVENÇÕES

CAPITÁN CHICO

1ª EDIÇÃO: 30.JUN - 10.AGO 2014

COMUNIDADE: *AÑÚ*

PARÓQUIA: *COQUIVACOA*

CAPITAL DO ESTADO: *MARACAIBO*

6 SEMANAS

BAIRRO: *MANGLARES CAPITÁN CHICO*

MUNICÍPIO: *MARACAIBO*

ESTADO: *ZULIA*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

Taller independiente: Andrea Stanko Wolf (Venezuela) + Arq. Independentes: Elena de Oleza Llobet e Sandy Crespo Sánchez (Venezuela) + *Hábitat Sin Fronteras*: Mauricio Gastaño Giraldo (Colômbia/México)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PICO Colectivo + Comando Creativo

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Colectivo + Movimiento por la Paz y la Vida

REGISTRO AUDIOVISUAL

FJU Juventud

FOTOGRAFIA

Informação não encontrada

PARTICIPANTES

Comunidade: mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + Gran Misión Saber y Trabajo + Inparques + Frente Francisco de Miranda + PDVSA La Estancia + Fundación MUSARQ + Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Isis Ochoa + *INCES*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 600m² | doca + quadra de areia + área multiuso coberta + horta/jardim + parque infantil

OUTRAS INFORMAÇÕES

Prêmio *Architecture Sans Frontière* 2015: categoria Produção Social do Habitat + Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

LAS 3 MARÍAS

1ª EDIÇÃO: 30.JUN - 10.AGO 2014

COMUNIDADE: *PINTO SALINAS*

PARÓQUIA: *EL RECREO*

CAPITAL DO ESTADO: *CARACAS*

6 SEMANAS

BAIRRO: *PINTO SALINAS*

MUNICÍPIO: *LIBERTADOR*

ESTADO: *DISTRITO CAPITAL*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

Oficina Lúdica: César Figueroa e Robert Montilla (Venezuela) + *PKMN [pacman] architectures*: Carmello Rodriguez Cedillo e David Pérez García (Espanha)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PICO Colectivo + *Comando Creativo*

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Colectivo + *Movimiento por la Paz y la Vida*

REGISTRO AUDIOVISUAL

Vive Tv

FOTOGRAFIA

Informação não encontrada

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos + *Kalaka*: Pablo Riesgo + *Kasa Colectivo de Artista Visuales* + agentes sociais

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Inparques* + *Frente Francisco de Miranda* + *PDVSA La Estancia* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales*: Isis Ochoa + *Consejo Comunal Unión y Socialismo S. XXI* + *Instituto Nacional de Capacitación y Educación INCES*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 40m² | praça coberta + sala de jogos + jardim + parque infantil + meia quadra de basquete (construída 3 meses depois pelos brigadistas da comunidade)

OUTRAS INFORMAÇÕES

Prêmio *Architecture Sans Frontière* 2015: categoria Produção Social do Habitat + Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

LA Y 5 DE JULIO

1ª EDIÇÃO: 30.JUN - 10.AGO 2014

COMUNIDADE: *5 DE JULIO*

PARÓQUIA: *PETARE*

CAPITAL DO ESTADO: *LOS TECHES*

6 SEMANAS

BAIRRO: *24 DE JULIO*

MUNICÍPIO: *SUCRE*

ESTADO: *BOLIVARIANO DE MIRANDA*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Juan Carlos Castillo e Kenneth Gómez (Venezuela) + *PGRC Plataforma Gestión de Resíduos de Ciudad*: José Naza Rodríguez (Venezuela) + *Todo Por la Pax*: Diego Peris e Jon Garbizu (Espanha)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PICO Colectivo + *Comando Creativo* (muralista)

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Colectivo + *Movimiento por la Paz y la Vida* + Isidoro Ledezma

REGISTRO AUDIOVISUAL

Informação não encontrada

FOTOGRAFIA

José Alberto Bastidas + Bárbara Saman

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, ~57 brigadistas, mulheres, crianças e idosos + *La Vieja Escuela*: Alfredo Pineda

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Inparques* + *Frente Francisco de Miranda* + *PDVSA La Estancia* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales*: Isis Ochoa + *Consejo Comunal de Petare*: Yazmín Jimenez e José Dionisis (líderes comunitários) + *Instituto Nacional de Capacitación y Educación INCES*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 180m² | infocentro + quadra esportiva + estúdio de gravação + sala multiuso + estar + banheiro + cozinha

OUTRAS INFORMAÇÕES

Prêmio *Architecture Sans Frontière* 2015: categoria Produção Social do Habitat + Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

LOS MANGOS

1ª EDIÇÃO: 30.JUN - 10.AGO 2014

COMUNIDADE: *LOS MANGOS*

PARÓQUIA: *MIGUEL PEÑA*

CAPITAL DO ESTADO: *VALÊNCIA*

6 SEMANAS

BAIRRO: *LA FLORIDA*

MUNICÍPIO: *VALÊNCIA*

ESTADO: *CARABOBO*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Adolfo Otero (Venezuela) + *439 Estudio Arquibano*: Rafael Suárez Novoa (Venezuela) + *Al Bordo*: David Barragán, Maryangel Mesa Romero, Adriana Ruíz, Darianna Urbina e Sofia Paz (Equador)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PICO Colectivo + Comando Creativo

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Colectivo + Movimiento por la Paz y la Vida

REGISTRO AUDIOVISUAL

Informação não encontrada

FOTOGRAFIA

Informação não encontrada

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + Gran Misión Saber y Trabajo + Inparques + Frente Francisco de Miranda + PDVSA La Estancia + Fundación MUSARQ + Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Isis Ochoa + *Instituto Nacional de Capacitación y Educación INCES + Consejo Comunal Las Guerreras de Los Mangos*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 700m² | pátio de jogos + área multiuso coberta + rua no nível da calçada + jardim

OUTRAS INFORMAÇÕES

Prêmio *Architecture Sans Frontière* 2015: categoria Produção Social do Habitat + Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

SHABONO

1ª EDIÇÃO: 30.JUN - 10.AGO 2014

COMUNIDADE: *EL CHAMA*

PARÓQUIA: *JACINTO PLAZA*

CAPITAL DO ESTADO: *MÉRIDA*

6 SEMANAS

BAIRRO: *LA CARABOBO*

MUNICÍPIO: *LIBERTADOR*

ESTADO: *MÉRIDA*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Stevenson Piña (Venezuela) + *Abono Arquitectura*: Marcos Colina e Gresly Monsalve (Venezuela) + *Arquitectura Expandida*: Harold Guyaux e Ana María López Ortego (Colômbia)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PICO Colectivo + *Comando Creativo*

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Colectivo + *Movimiento por la Paz y la Vida*

REGISTRO AUDIOVISUAL

Santiago Ojeda + *Mucu-arte* + *Mérida Films* + *BC Mérida*

FOTOGRAFIA

Informação não encontrada

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos + *Fuga Muralistas* + *Colectivo de Grafiteros del Chama*

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Inparques* + *Frente Francisco de Miranda* + *PDVSA La Estancia* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales*: Isis Ochoa + *Comuna Don Simón Rodríguez* + *Consejo Comunal Urbanización Carabobo Sector B El Nazareno* + *Instituto Nacional de Capacitación y Educación INCES* + *Misión Che Guevara* + *Escuela de Formación Popular* + *Bomberos de Merida* + *Aguas de Merida* + *Protección Civil* + *Corpoelec* + *Ipadem* + *Gobernación del Estado Mérida*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 600m² | anfiteatro + área multiuso coberta + jardim + pátio de jogos + viveiro comunitário

OUTRAS INFORMAÇÕES

Prêmio *Architecture Sans Frontière* 2015: categoria Produção Social do Habitat + Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

MIRADOR 70

2ª EDIÇÃO: 06.ABR – 17.MAI 2015

COMUNIDADE: *EL 70*

PARÓQUIA: *EL VALLE*

CAPITAL DO ESTADO: *CARACAS*

6 SEMANAS + 3 DIAS

BAIRRO: *EL 70*

MUNICÍPIO: *LIBERTADOR*

ESTADO: *DISTRITO CAPITAL*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

MAAM: Maximillian Nowotka e Andrea Nones Kobiakov (Venezuela) + *Proyecto Colectivo*: Miguel Braceli e Diego González (Venezuela) + Arq. independente: Nicole Calderón, Maria Alejandra Pernalet e Adriana Ruíz (Venezuela) + *Grupo Talca*: Martín del Solar Etcheverry e Rodrigo Sheward (Chile)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Informação não encontrada

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

Movimiento por la Paz y la Vida + *PICO Colectivo*

REGISTRO AUDIOVISUAL

Movimiento por la Paz y la Vida

FOTOGRAFIA

Saúl Yuncozar + José Alberto Bastidas + Diego González

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, ~40 brigadistas, mulheres, crianças e idosos

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Frente Francisco de Miranda* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Pueblo Victorioso* + *Gran Misión Vivienda*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 400m² | mirante + salão multiuso + espaço para idosos + praça + mercearia + jardim vertical + parque infantil

OUTRAS INFORMAÇÕES

Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016 + Construção da escultura *La Nube* projetada por Miguel Braceli

VALLE DEL PINO

2ª EDIÇÃO: 06.ABR – 17.MAI 2015

COMUNIDADE: *VALLE DEL PINO*

PARÓQUIA: *CARABALLEDA*

CAPITAL DO ESTADO: *LA GUAÍRA*

6 SEMANAS + 4 DIAS

BAIRRO: *LOS CORALES*

MUNICÍPIO: *VARGAS*

ESTADO: *VARGAS*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Adolfo Otero (Venezuela) + *Abono Arquitectura*: Marcos Colina (Venezuela) + *Asymetric*: Camilo González e Daniel Medina (Venezuela) + *CAPA*: Ariel Jacobovich e Martín Flugelman (Argentina)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Daniel Medina

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

Frente Nacional de Bandas Rebeldes +
Movimiento por la Paz y la Vida + *PICO Colectivo*

REGISTRO AUDIOVISUAL

Movimiento por la Paz y la Vida

FOTOGRAFIA

José Alberto Bastidas + Marcos Colina

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, ~25 brigadistas, mulheres, crianças e idosos

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Frente Francisco de Miranda* + *Fundación MUSARQ* + *Consejos vecinales “Eficiencia o Nada”, “088” e “Nueva Esperanza”* + *Gran Misión Vivienda*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 450m² | praça aérea + praça de acesso + sala de jogos + berçário + espaço multiuso para oficinas + biblioteca + infocentro + arquivo fotográfico + vestiário + cozinha + banheiros + depósito + jardim + horta

OUTRAS INFORMAÇÕES

Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

LA PANTALLA

2ª EDIÇÃO: 06.ABR – 17.MAI 2015

COMUNIDADE: *COLINAS DE CORPORIENTE*

PARÓQUIA: *ALTAGRACIA*

CAPITAL DO ESTADO: *CUMANÁ*

6 SEMANAS + 2 MESES

BAIRRO: *MUNDO NUEVO*

MUNICÍPIO: *SUCRE*

ESTADO: *SUCRE*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Juan Carlos Castillo (Venezuela) + Arq. independente: Darianna Urbina Medina e Sofía Paz (Venezuela) + *AGA Estudio Creativo*: Gabriel Visconte e Orlando Vásquez (Venezuela) + *CoDa*: Francisco Javier García Romero e Johan Maléndez (Venezuela) + *Taller Activo ITESM Querétaro*: Luis Alberto Meouchi e Letícia Aguilar (México)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Informação não encontrada

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

Frente Nacional de Bandas Rebeldes + PICO Colectivo

REGISTRO AUDIOVISUAL

Movimiento por la Paz y la Vida

FOTOGRAFIA

José Alberto Bastidas + Carlos Rodriguez + Aldo Bermudez

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + Gran Misión Saber y Trabajo + Frente Francisco de Miranda + Fundación MUSARQ + Movimiento por la Paz y la Vida + Nuevo Barrio Tricolor + Oficina Nacional Antidrogas + Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Pueblo Victorioso + Gran Misión Vivienda

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 2.600m² | parque infantil + coberta ao lado da quadra + pintura e alambrado da quadra + jardim + anfiteatro + tela de projeção + salão comunitário

OUTRAS INFORMAÇÕES

Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitectura de Veneza 2016

LA TECHADA

2ª EDIÇÃO: 06.ABR – 17.MAI 2015

COMUNIDADE:

PARÓQUIA: *SAN CARLOS DE AUSTRIA*

CAPITAL DO ESTADO: *SAN CARLOS*

6 SEMANAS

BAIRRO: *URB. MANUEL MANRIQUE*

MUNICÍPIO: *EZEQUIEL ZAMORA*

ESTADO: *COJEDES*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Manuel Coronel (Venezuela) + *PGRC*: José Naza Rodríguez (Venezuela) + *Taller Independiente*: Andrea Stanko Wolf (Venezuela) + *Colectivo Animal*: Miguel León Escalona e Guillermo León (Venezuela) + *Mano Alzada*: Cristóbal Mendoza (Venezuela) + *Entre Nos Atelier*: Michel Smith, Alejandro Vallejo e José Andrés Jiménez (Costa Rica)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Informação não encontrada

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

Movimiento por la Paz y la Vida + *PICO Colectivo*

REGISTRO AUDIOVISUAL

Movimiento por la Paz y la Vida

FOTOGRAFIA

Informação não encontrada

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos + *La Kuentonautica* + *Robertomix* + estudantes de Serviços Comunitarios da Universidade Central da Venezuela

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Frente Francisco de Miranda* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Pueblo Victorioso* + *Gobierno Estatal de Cojedes* + *Gran Misión Vivienda*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 1.740m² | quadra multiuso + banheiros + brinquedoteca + sala de dança + estúdio de gravação + infocentro + mercado + academia de boxe + salas de aula + espaço de vigilância + paisagismo

OUTRAS INFORMAÇÕES

Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016 + Prêmio Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito 2016: categoria Reabilitação e Reciclagem

LOS CERRAJONES

2ª EDIÇÃO: 06.ABR – 17.MAI 2015

COMUNIDADE: *LOS CERRAJONES*

PARÓQUIA: *JUAN DE VILLEGAS*

CAPITAL DO ESTADO: *BARQUISIMETO*

6 SEMANAS + 2 ANOS (NÃO FINALIZADA)

BAIRRO: *URB. CLEOFÉ ANDRADE*

MUNICÍPIO: *IRIBARREN*

ESTADO: *LARA*

ORGANIZAÇÃO

Comisión Presidencial Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

PICO Colectivo

COLETIVOS DE ARQUITETURA

Oficina Lúdica: César Figueroa e Robert Montilla (Venezuela) + *439 Estudio Urbano*: Rafael Suárez (Venezuela) + *LAB.PRO.FAB*: Alejandro Haiek (Venezuela) + *Insitu Social*: Rafael Machado e Fabio Andrés López (Venezuela) + *Oficina Informal*: Antonio Yemail e Fernando Contreas (Colômbia)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Informação não encontrada

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

Movimiento por la Paz y la Vida + *PICO Colectivo* + Gabriel Castejon

REGISTRO AUDIOVISUAL

El Ojo del Arañero

FOTOGRAFIA

Irina Urriola

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos + alunos de arquitetura voluntários

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Construpatria + *Gran Misión Saber y Trabajo* + *Frente Francisco de Miranda* + *Fundación MUSARQ* + *Ministerio del Poder Popular para las Comunas y los Movimientos Sociales: Pueblo Victorioso* + *Gran Misión Vivienda*

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 6.000m² | obras de infraestrutura + infocentro + café + rádio comunitária + salas multiuso + parque infantil + praça + terraços + decks + quadra esportiva + mobiliário urbano + espaço para caminhada + espaço para oficinas + anfiteatro + espaço para apresentações musicais

OUTRAS INFORMAÇÕES

Exposição *Fuerzas Urbanas* Bienal de Arquitetura de Veneza 2016 + Prêmio Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito 2016: categoria Desenho Urbano e Arquitetura da Paisagem

BARRANCA BLANCA

ÚNICA EDIÇÃO: 2.FEV – 30.MAR 2015

COMUNIDADE: *PUNTA ARENAS*

PARÓQUIA: *MANICUARE*

CAPITAL DO ESTADO: *ARAYA*

8 SEMANAS

BAIRRO: Informação não encontrada

MUNICÍPIO: *CRUZ SALMERÓN ACOSTA*

ESTADO: *SUCRE*

ORGANIZAÇÃO

Gran Misión Saber y Trabajo + Movimiento por la Paz y la Vida

DIREÇÃO

Informação não encontrada

COLETIVOS DE ARQUITETURA

PICO Colectivo: Stevenson Piña e Marcos Coronel (Venezuela) + *Taller independiente*: Diego Gil e Andrea Stanko Wolf (Venezuela) + *Ruta4*: Luísa Mária Marín e Jorge Noreña (Colômbia)

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Informação não encontrada

PRODUÇÃO LOGÍSTICA

C-4 Productores

REGISTRO AUDIOVISUAL

Veo Productores

FOTOGRAFIA

Rafael Barragán

PARTICIPANTES

Comunidade: *voceros*, mestres de obra, brigadistas, mulheres, crianças e idosos + artistas urbanos de Cumaná + *Colectivo Manos Sucias* + movimentos juvenis

INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS

Frente Francisco de Miranda + Consejo Federal de Gobierno + Ministerio Poder Popular para el Turismo + Alcaldía Cruz Salmerón Acosta + Corpoelec + Hidrocaribe + Gobernación de Estado Sucre + Consejos Comunes + ABCYT + Escuela Bolivariana Punta Arenas + Frente Nacional de Bandas Rebeldes

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Área: 1.300m² | espaço multiuso + biblioteca + infocentro + cineteca + módulo de informação + módulo de atendimento ao turista + comércio + banheiros + solarium

OUTRAS INFORMAÇÕES

Intervenção individual.
